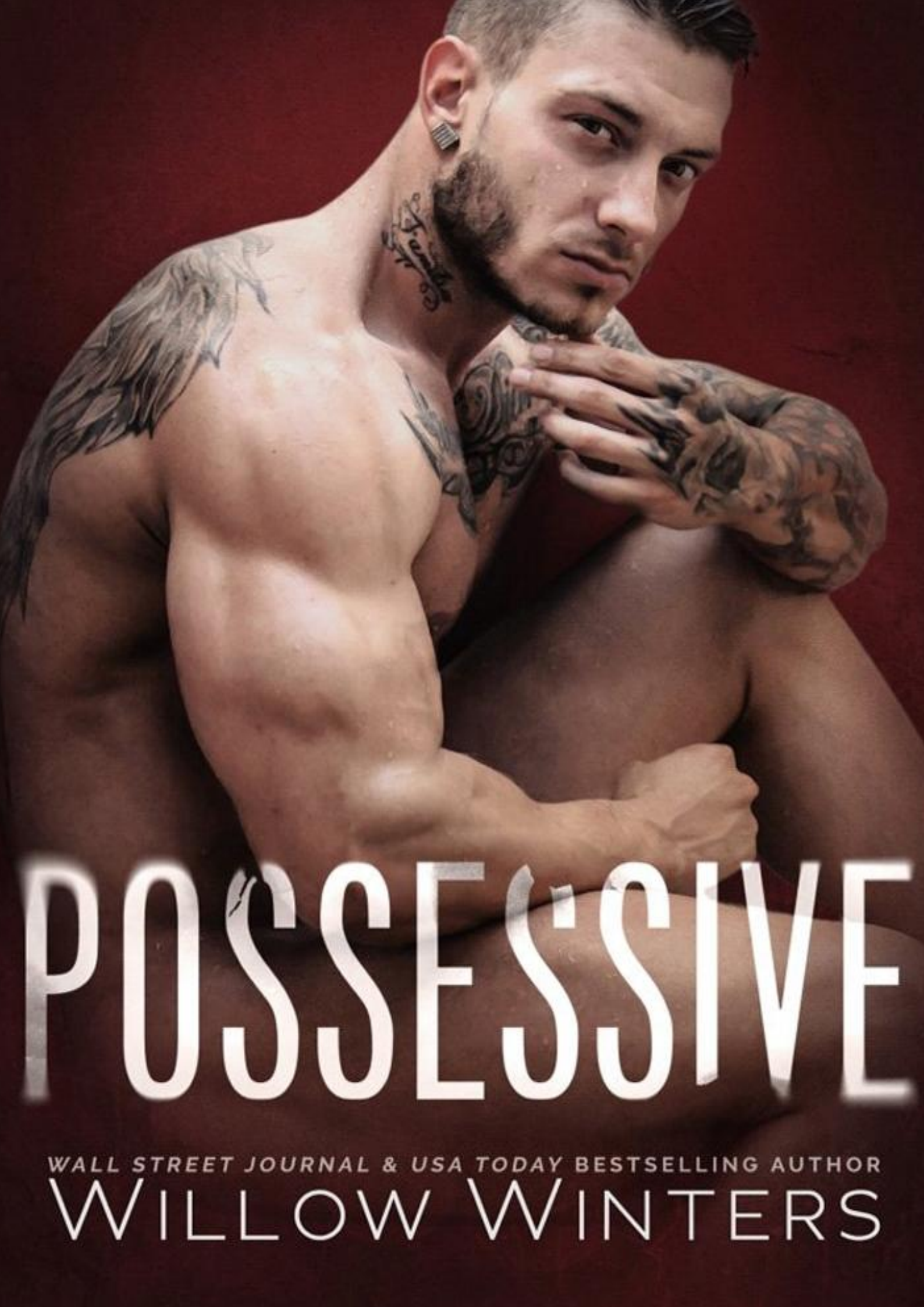

POSSESSIVE
WALL STREET JOURNAL & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
WILLOW WINTERS

POSSESSIVE

WILLOW WINTERS

Alguns homens nascem com um coração negro e uma alma contaminada.
Eu nunca quis admitir isso naquela época. Pensei que poderia superar quem eu sou e mentir para mim mesmo.
Mas aceito a verdade agora.
Está no meu sangue e nos meus ossos. Em cada pensamento e desejo impuros.
Eu tentei ir embora. Para fazer a coisa certa e me afastar do meu passado.
Mas foi quando ela voltou à minha vida.
Tropeçando na minha direção e me olhando como se eu fosse o que ela estava procurando por todo esse tempo.
Como se eu pudesse ser seu salvador e aliviar sua dor.
Se ela soubesse.
Ela me transforma no que eu mais odeio em mim.
Egoísta, cruel e possessivo.
Eu tentei ser um bom homem. Frio, distante. E alertá-la para se afastar.
Ela deveria ter entendido a dica e fugido.
Mas não o fez...
E agora é minha.

AVISO

A presente tradução foi efetuada pelos grupos Warriors Angels of Sin (WAS), e Flor de Lótus Traduções (FL) de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo dos grupos é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupo WAS e FL poderão, sem aviso prévio e quando entenderem necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo os grupos WAS e FL de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/ 1998.

EQUIPE

DISPONIBILIZAÇÃO: FLOR DE LÓTUS

TRADUÇÃO: BLUE

REVISÃO INICIAL: MIMIZINHA MARTINS

REVISÃO FINAL: ELOISA

LEITURA FINAL: LUHANA WINGS

VERIFICAÇÃO: SIDRIEL WINGS

FORMATAÇÃO: SIDRIEL WINGS

OUTUBRO 2019

SINOPSE

Com Daniel nunca foi amor e eu nunca pensei que seria.
Era apenas luxúria à distância.
Amor não correspondido, talvez.

Ele era um homem que eu nunca poderia ter, por muitas razões.
Isso não impediu o meu coração de bater loucamente quando seus olhos me perfuraram.
Isso só diminuiu a velocidade com que ele desviou o olhar, me fazendo sentir indigna e lembrando que ele nunca seria meu.

Anos se passaram e um olhar para ele traz tudo de volta.
Mas o tempo muda tudo.
Há um calor em seus olhos que reconheço há tanto tempo, uma tensão entre nós que pensei ser unilateral.

"Diga-me que você quer."
Sua voz áspera corta a noite e eu não consigo resistir-lhe.
É aí que a minha história realmente começa.

Possessivo é uma história emocionante e empolgante. Cheia de mágoa, culpa e saudade! Possessivo levará você em uma jornada de obsessão e ciúme... é emocional, cru e cativante.

PREFÁCIO

Addison

É fácil sorrir perto de Tyler.

Foi assim que ele me conquistou. Estávamos na aula de cálculo, e ele fez alguma piada estúpida sobre ângulos. Não me lembro o que era. Algo sobre nunca discutir infinito com um matemático porque você nunca ouvirá o final disso. Ele é um nerd bonitinho com suas piadas. Ele sabe contar algumas piadas sujas também.

Um ano se passou e ele ainda me faz rir. Mesmo quando estamos brigando. Ele diz que só quer me ver sorrir. Como posso deixá-lo quando ele diz coisas assim? Eu acredito nele com tudo em mim.

A avó da minha amiga me disse uma vez, que devemos nos apaixonar por alguém que nos ame de volta, um pouquinho mais.

Mesmo quando meus ombros tremem com uma pequena risada e ele se inclina para a frente para beliscar o meu pescoço, eu sei que nunca amarei Tyler da maneira que ele me ama.

E isso me deixa verdadeiramente envergonhada.

Ainda estou rindo quando a porta do seu quarto se abre. Tyler planta um pequeno beijo no meu ombro. Não é um beijo de boca aberta, mas ainda deixa um traço na minha pele e envia um calor pelo meu corpo. É fugaz.

O ar frio passa entre nós dois, enquanto Tyler se inclina para trás e sorri largamente para seu irmão.

Eu posso estar sentada no colo do meu namorado, mas a maneira que Daniel me olha, me faz sentir que estou sozinha. Seus olhos me encaram com uma nitidez que dá medo de me mover. Tenho medo até de respirar.

Não sei por que ele faz isso comigo.

Ele me faz sentir calor e frio ao mesmo tempo. É como se eu o decepcionasse simplesmente por estar aqui. É como se ele não gostasse de mim. E ainda há algo mais.

Algo que é proibido.

Isso me assusta sempre que ouço a voz áspera de Daniel, sempre que eu o vejo me observando com Tyler. É como se eu tivesse sido pega trapaceando, o que não faz sentido algum. Eu não pertenço a Daniel, não importa o quanto essa ideia assombre meus sonhos.

Ele tem agora vinte e um anos e eu estou apenas com dezessete. Mas, o mais importante, ele é irmão de Tyler.

Isso são coisas da minha cabeça. Digo a mim mesma repetidamente, que a eletricidade entre nós é algo que eu inventei. Que meu corpo não anseia por Daniel. Que minha alma não clama para ele me tomar e me punir por me atrever a deixar o seu irmão me tocar.

É só quando Tyler fala com ele que Daniel desvia o olhar de mim, jogando algo ao nosso lado.

Tyler está alheio a tudo que está acontecendo. E de repente eu posso respirar novamente.

Minhas pálpebras se abrem, meu corpo quente sob os cobertores sufocantes. Eu não reajo mais à memória dos meus sonhos. Não a princípio, pelo menos. Ele afunda lentamente, o reconhecimento daquele dia fica mais pesado no meu coração a cada segundo que passa. Como uma onda batendo na praia, mas demorando um pouco. Ameaçando me engolir à medida que se aproxima.

Isso foi há anos, mas a memória permanece.

O sentimento de traição, por fantasiar sobre o irmão mais velho de Tyler.

A dor de saber o que aconteceu apenas três semanas depois daquela noite.

O desejo e o desespero de voltar àquele ponto e implorar a Tyler para que nunca mais me procure.

Todas essas emoções se transformam em uma mistura mortal na boca do meu estômago. Faz anos desde que sou atormentada pela lembrança de Tyler e pelo que tínhamos. E pelas lembranças de Daniel e o que nunca foi.

Anos se passaram.

Mas tudo volta para mim depois de ver Daniel na noite passada.

CAPÍTULO 1

Addison

Na noite anterior

Adoro este bar. Cervejaria Iron Heart. Está situado no centro da cidade e localizado na esquina desta rua. A cidade em si tem história. Dicas das antigas ruas de paralelepípedos espreitam através do asfalto despedaçado e todos os sinais aqui estão gastos e desbotados, decorados com tinta resistente. Não posso deixar de ser atraída para cá.

E com as recordações variadas que revestem as paredes, desde quinquilharias assinadas até antigas garrafas de vidro de bebidas alcoólicas, este lugar é inundado por um calor acolhedor. É um bar tranquilo com todas as cervejas locais e a poucos quarteirões do caos do campus. Desta forma, esse é o lugar ideal pra mim.

— Já se decidiu?

Meu corpo sacode com a pergunta repentina. Ouço a risada áspera do homem alto à minha esquerda, o barman que me assustou. Uma camisa cinza com o logotipo da cervejaria se encaixa bem no homem, se ajustando perfeitamente em seus ombros musculosos. Com um pouco de barba por fazer e um sorriso encantador, ele não é feio. E com esse pensamento, minhas bochechas se aquecem com um rubor.

Eu podia nos imaginar dando uns amassos atrás do balcão. Eu posso até ouvir as garrafas tilintando enquanto batemos contra a parede em um momento de paixão. Mas é aí que termina para

mim. Sem sexo quente e sujo no chão duro. Nada de levá-lo ao meu apartamento mal mobiliado.

Reviro os olhos para o pensamento e tiro uma mecha de cabelo do meu rosto enquanto encontro seu olhar.

Tenho certeza que ele flerta com todas. Mas isso não torna o momento menos divertido.

— Seja qual for o seu favorito. — digo-lhe timidamente. — Eu não sou exigente. — Eu tenho que pressionar meus lábios e segurar meu sorriso quando ele alarga o seu e assente.

— Você é nova na cidade? — ele me pergunta.

Eu dou de ombros e tenho que deslizar a alça da minha blusa de volta para o ombro. Antes que eu possa responder, a porta da cervejaria e do bar se abre, trazendo os sons da vida noturna com ela. Fecha depois que mais dois clientes saem. Olhando por cima do meu ombro através da grande porta de vidro na frente, posso vê-los saindo. A mulher está inclinada fortemente contra um homem forte que obviamente é sua cara-metade.

Dando atenção novamente para o barman, estou muito consciente de que há apenas seis pessoas aqui agora. Dois homens mais velhos no alto do bar, falando em voz baixa e ocasionalmente rindo tão alto que eu tenho que dar uma olhada neles.

E um outro casal que está sentado em uma mesa no canto do bar. O casal que acabara de sair estava sentado com eles. Todos os quatro são mais velhos do que eu. Eu diria casados com filhos e passando a noite na cidade.

E por último o barman e eu.

— Eu não sou realmente daqui, não.

— Só de passagem? — Ele me pergunta enquanto caminha em direção ao bar. Estou a uma mesa de distância, mas ele mantém os

olhos em mim enquanto pega um copo e bate na torneira para enchê-lo com algo escuro e decadente.

— Estou pensando em ir para a universidade, na verdade. Estudar negócios. Vim dar uma olhada. — Não digo a ele que estou criando raízes temporárias, independentemente de gostar ou não da faculdade aqui. Todo ano, mais ou menos, mudo para algum lugar novo... procurando o que poderia parecer um lar.

Sua sobrancelha levanta e ele me olha de cima a baixo, fazendo me sentir nua.

— Sua identidade não é falsa, certo? — Ele pergunta e inclina o copo alto na mão para deixar a espuma deslizar para o lado.

— Não é falsa, eu juro. — digo com um sorriso e levanto minhas mãos em defesa. — Escolhi viajar em vez de ir para a faculdade. Tenho um pequeno negócio, mas pensei que finalmente aprender mais sobre os aspectos técnicos de tudo isso seria um passo na direção certa. — Faço uma pausa, pensando em como um diploma parece mais uma distração do que qualquer outra coisa. É uma razão para se acalmar e parar de se mover de um lugar para outro. Poderia ser a mudança que eu preciso. Algo precisa mudar.

Sua expressão fica curiosa e eu praticamente posso ouvir todas as perguntas em seus lábios. Onde você foi? O que você fez? Por que você deixou sua casa tão jovem e ingênua? Já ouvi todas elas antes e tenho uma lista preparada de respostas para essas perguntas.

Mas elas são todas mentiras. Pequenas mentiras.

Ele limpa o copo antes de voltar e puxar o assento na minha frente.

Assim que as pernas da cadeira se arrastam pelo chão, a porta atrás de mim se abre novamente, interrompendo nossa conversa e os sons suaves do violão tocando ao fundo.

O movimento traz uma brisa fria que envia arrepios pelo meu ombro e coluna. Um calafrio que não consigo ignorar.

A bunda do barman nem sequer toca na cadeira. Quem quer que seja, tem toda a sua atenção.

Quando me inclino para alcançar o casaco de lã em cima da minha bolsa, ele levanta um dedo até a boca e me diz.

— Um segundo.

O sorriso no meu rosto é para ele, mas vacila quando ouço a voz atrás de mim.

Tudo fica quieto quando a porta se fecha e eu os ouço conversando. Meu corpo fica tenso e minha respiração me deixa. Congelada no lugar, nem consigo escorregar no casaco de lã enquanto meu sangue esfria.

Meu coração pula uma batida e depois outra quando uma risada áspera se eleva acima do ruído de fundo do pequeno bar.

— Sim, eu vou tomar uma cerveja, algo local. — eu ouço Daniel dizer antes que ele apareça. Eu sei que é ele. Essa voz me assombrou por anos. Seus passos são confiantes e fortes, assim como eu me lembro deles. E quando ele passa por mim para sentar no bar, não consigo tirar os olhos dele.

Ele está mais alto e parece mais velho, mas a ligeira semelhança com Tyler ainda está lá. Enquanto meu coração volta ao seu ritmo de novo, noto suas maçãs do rosto afiadas e meu olhar flutua para seu queixo duro, coberto com uma sombra de barba por fazer. Eu sempre pensei nele como alto e bonito, embora de uma maneira melancólica e sombria. E isso ainda é verdade.

Ele poderia enganá-la com seu charme, mas há uma escuridão que nunca deixa seus olhos.

Seus dedos passam pelos cabelos enquanto ele verifica as opções de cerveja escritas em giz no quadro atrás do bar. O cabelo dele está mais comprido do que nas laterais, e não posso deixar de imaginar como seria agarrá-lo. É uma fantasia que eu sempre tive.

O timbre em sua voz faz meu corpo estremecer.

E depois aquecer.

Observo sua garganta enquanto ele fala, noto os pequenos movimentos enquanto ele puxa uma cadeira no canto do bar em minha frente. Se ele olhasse na minha direção, ele me veria.

Respire. Apenas respire.

Minha língua sai para lamber meus lábios e tento desviar os olhos, mas não consigo.

Não posso fazer nada, mas espero que ele me note.

Eu quase sussurro o comando, olhe para mim. Acho que sussurrei tão alto que tenho certeza de que pode ser ouvido por todas as pessoas neste bar.

E, finalmente, como se estivesse ouvindo o apelo silencioso, ele olha na minha direção. Seus dedos batem na mesa enquanto ele espera por sua cerveja, mas eles param no meio do movimento quando seu olhar atinge o meu.

Há um calor, uma faísca de reconhecimento. Tão intensa e tão crua que meu corpo se ilumina, cada nervo termina vivo com a consciência.

E então desaparece. Substituído por um frio amargo quando ele se afasta. Casualmente. Como se não houvesse nada lá. Como se ele nem me reconhecesse.

Eu pensava que tudo estava na minha mente naquela época. Cinco anos atrás, quando compartilhamos um olhar, esse mesmo sentimento se inflamava dentro de mim.

Mas isso acabou de acontecer. Eu sei que sim.

E eu sei que ele sabe quem eu sou.

Com a raiva começando a subir, meus lábios se abrem para dizer o seu nome, mas está preso na minha garganta. Abafo a tristeza que está aumentando rapidamente. Lentamente, meus dedos se enrolam, formando um punho até minhas unhas cravarem na pele.

Não paro de encará-lo, desejando que ele olhe para mim e, pelo menos, faça a gentileza de me reconhecer.

Eu sei que ele pode sentir meus olhos nele. Ele parou de bater os nós dos dedos na mesa e o sorriso em seu rosto desapareceu.

Talvez a sensação de esmagamento no meu peito seja compartilhada por nós dois.

Talvez eu seja apenas um lembrete para ele. Um lembrete do qual ele fugiu também.

Eu não sei o que esperava. Eu sonhei em encontrar Daniel tantas noites. Esbarrar os ombros a caminho de uma cafeteria. Encontrando-nos novamente através de novos amigos. Toda vez que eu chegava em casa, se é que você pode chamar assim, eu sempre olhava todas as pessoas que passavam por mim, secretamente desejando que uma fosse ele. Só para ter um motivo para dizer o seu nome.

Parar no mesmo bar em uma solitária terça à noite, longe da cidade em que crescemos... esse também era um daqueles devaneios. Mas não foi assim na minha cabeça.

— Daniel. — Eu digo o seu nome antes que possa me parar. Ele sai como um coaxar e ele relutantemente vira a cabeça enquanto o barman coloca a cerveja na mesa de madeira.

Juro que está tão quieto que consigo ouvir a espuma chiando enquanto se assenta no copo.

Seus lábios se abrem um pouco, como se ele estivesse prestes a falar. E então ele inala visivelmente. É uma respiração aguda e combina com o olhar que ele me dá. Primeiro em confusão, depois raiva... e depois nada.

Eu tenho que lembrar meus pulmões para fazer o trabalho deles enquanto limpo minha garganta para me corrigir, mas ambos os esforços são em vão.

Ele olha para mim como se não fosse eu quem estava tentando chamar sua atenção.

— Jake. — ele fala, lambendo os lábios e esticando as costas. — Eu realmente não posso ficar. — ele grita de seu lugar para onde o barman, aparentemente chamado Jake, está jogando gelo em um copo grande. A música parece ficar mais alta quando o peso esmagador de ser tão obviamente dispensada e rejeitada se instala em mim.

Fico impressionada com o quão frio ele está quando se levanta. Não suporto olhar para ele enquanto ele se prepara para sair, mas o nome dele me deixa de novo. Desta vez como um rosnado.

Suas costas enrijecem quando ele encolhe a jaqueta fina em volta dos ombros e lentamente se vira para olhar para mim.

Eu posso sentir seus olhos em mim, me mandando olhar para ele e eu olho. Atrevo-me a olhá-lo nos olhos e dizer.

— É bom ver você. — É surpreendente como até mesmo as palavras saem. Como eu posso parecer tão calma quando estou

queimando aqui dentro por causa da raiva e... outra coisa que eu não quero admitir. Que mentira essas palavras são.

Eu odeio como ele chega até mim. Como eu nunca tive escolha.

Com um aceno de cabeça, Daniel mal me reconhece. Seu sorriso é tenso, praticamente inexistente, e então ele vai embora.

CAPÍTULO 2

Daniel

Meu pai me ensinou uma lição importante que nunca esquecerei.

Nunca deixe uma alma saber o que você realmente sente.

Nunca expresse isso.

Apenas mostre a eles o que você deseja que eles vejam.

Eu ouço sua voz enquanto deslizo minhas mãos nos bolsos da minha jaqueta e continuo andando pela Lincoln Street com meu coração batendo forte no peito e ansiedade percorrendo meu sangue. Mais dois quarteirões e vou esperar lá. O beco é o lugar perfeito para esperar e me recompor.

Até lá, meu sangue vai bater em meus ouvidos, minhas veias vão esfriar e meus músculos ficarão enrolados. Mas eu não vou deixar ninguém ver isso. Nunca.

Lembro-me de como meu pai agarrou meu ombro quando me olhou nos olhos e me deu esse conselho.

Seu olhar sombrio era algo que ninguém esquecia. Era impassível e frio. Vivi muitos dias me perguntando se meu pai me amava. Eu sei que minha mãe sim. Nós éramos a família e o sangue dele, mas ele nunca demonstrou nenhuma emoção e depois daquela noite, eu também não.

Eu tinha quatorze anos. E de pé a poucos metros do corpo de alguém que eu conhecia. Eu nem me lembro do nome dele. Um amigo do meu pai. Ele trabalhou no negócio e deu à pessoa errada a impressão errada.

Quando você revela esse medo, essa raiva, essa emoção, você dá a alguém uma dica de como chegar até você. E foi isso que o amigo do meu pai fez. Quando alguém chega até você, você acaba morto.

Meus sapatos batem na calçada de concreto enquanto eu desacelero no cruzamento, como se estivesse apenas esperando os carros pararem no sinal vermelho para poder atravessar. Não é uma noite movimentada, então apenas algumas pessoas estão andando na rua. Um homem à minha direita acende um cigarro e se encosta na parede de tijolos de uma loja de bebidas.

Eu ando pelo quarteirão, repetindo o que aconteceu na minha cabeça. Era para ser uma noite simples e fácil. Mais uma noite esperando Marcus aparecer para mostrar o local da entrega ou esperando ouvir notícias sobre o que está acontecendo com o acordo entre meu irmão e o cartel.

Ela me pegou de surpresa.

Addison Fawn.

Ela sempre foi capaz de fazer isso. Ela me atinge de uma maneira que eu desprezo.

Ela me faz lembrar.

Ela me deixa fraco.

Outro passo e eu vejo o seu rosto. Suas maçãs do rosto altas e penetrantes olhos verdes. Eu amo o jeito que o cabelo dela cai na frente do rosto. Sempre há algo sem esforço, como se ela não fizesse nenhum esforço em parecer tão fodível quanto é.

O ar frio da noite passa por mim quando eu viro a esquina. O próximo beco me levará aonde eu quero ir. Diretamente em frente ao estacionamento onde seu carro deve estar. É o único estacionamento nesta rua por três quarteirões.

Engulo em seco, checando meu telefone novamente. Faz três minutos desde que eu saí.

Três minutos é tempo mais que suficiente para ela pagar a conta e sair.

Eu não sei se ela vai embora.

Faz anos que não me sinto como se soubesse quem ela é.

Anos desde que a ouvi dizer meu nome.

Os cantos dos meus lábios se transformam em um sorriso quando ouço a hesitação em sua voz repetindo em minha memória e eu deixo. Como se ela estivesse com medo de dizer meu nome em voz alta.

Isso ecoa na minha cabeça quando me inclino contra a parede do beco escuro e me dá uma emoção que não sinto há muito tempo. Um tempo muito longo.

O beco é estreito, o tipo de passagem construída décadas e décadas atrás antes que o mundo soubesse melhor. Antes que a humanidade percebesse, eles estavam convidando pecados à noite com pequenos espaços como esses.

Meu telefone vibra no meu bolso e dou uma olhada rápida ao meu redor antes de pegá-lo.

Há quatro carros estacionados no terreno. A luz da rua do lado direito ilumina a área facilmente, assim como os faróis de um carro que passa.

Meus olhos piscam para o texto no meu telefone e a diversão de apenas alguns momentos atrás me deixa instantaneamente.

Quem é a garota? Jake mandou uma mensagem e lembrei que levantei e saí como se ela importasse. Como se sua existência causasse um problema.

E claro que sim. Mais do que qualquer um poderia saber.

Meus ombros se levantam quando eu respiro fundo e solto lentamente, liberando a raiva de deixá-la chegar até mim e eu me concentro em recuperar o controle. Controle é tudo.

Ninguém, eu escrevo de volta, mas penso melhor. É óbvio que ela é alguém para mim e Jake precisa ser tranquilizado. *A ex do meu irmão*, acrescento.

Meu corpo fica tenso enquanto espero que ele responda. Eu mantenho minha postura relaxada, embora eu seja qualquer coisa menos.

Fora de questão? Jake deve ter um maldito desejo de morte.

Não posso evitar a maneira como meus dentes rangem enquanto envio uma resposta e a excluo antes de finalmente enviar uma mensagem rápida.

Por enquanto. Se Marcus vier esta noite, diga a ele que eu voltarei mais tarde. Estou fumegando de raiva quando percebo o quão estúpido foi arriscar perder o encontro com Marcus por toda uma emoção rápida que não pude reprimir. Choque, raiva... medo até. Ela é apenas uma garota. Por dentro, eu posso me ouvir fervendo.

Tudo bem, Jake me envia uma mensagem, fazendo o telefone vibrar na minha mão. Quase pergunto se Addison ainda está lá. Minhas pontas dos dedos coçam para procurar informações.

Mas não é necessário.

Mesmo enquanto Jake continua a me enviar uma mensagem sobre a entrega, vejo a saia balançar nos quadris de Addison. É de cor creme, solta nela, não me dando nenhum indício de como sua bunda está agora. Mas suas pernas estão à mostra.

Sempre pensei em Addison da mesma maneira, mesmo depois de tudo o que aconteceu. Desde o primeiro dia que eu a conheci até este exato segundo. Ela é uma garota triste, mas bonita. Você pode

ver sua dor em todas as suas feições quando ela não sabe que alguém está olhando. Como eu costumava fazer. Do jeito que seus lábios carnudos fazem beicinho delicadamente, do jeito que seus olhos parecem olhar à distância, mesmo quando ela está olhando diretamente para você, é como se ela pudesse ver através de você.

Aqueles olhos me assombraram. Os belos tons de verde e marrom são como o pôr do sol sobre uma floresta. Como manchas de luz espreitando e melhorando a escuridão que está por vir.

Ela passa a mão sobre a pele macia de porcelana e através das ondas modestas em seus grossos cabelos escuros. Até esses leves movimentos e o balanço de seus quadris enquanto ela caminha carregam uma tristeza com eles. Isso nunca a deixa. Isso a define. Mas combina bem com ela.

Mais do que triste e mais do que bonita, Addison é memorável. *Inesquecível.*

Seu carro emite um bipe quando ela o destrava, um novo Honda preto com aparência brilhante, e o som ecoa no beco. Ela está estacionada no terceiro lugar na fila de carros alinhados sob a luz da rua. Ela olha para a esquerda e direita, xingando enquanto deixa cair as chaves no cascalho.

Meu pau mexe nas minhas calças, pressionando contra o tecido e solto um gemido baixo ao vê-la curvada. Seu cabelo está penteado para o lado e a tira da blusa está caindo do ombro, dando-me uma visão daquele ponto fraco na curva do pescoço.

Eu ajusto meu pau e memorizo as curvas de seus quadris e cintura até que ela abre a porta do carro e desliza para dentro.

A cada segundo, minha respiração fica mais pesada. O ar ao meu redor parece que quer me sufocar. Seus pneus levantam o

cascalho no estacionamento e eu tenho que dar um passo para trás no beco para evitar os faróis quando ela sai para a rua.

Digo a mim mesmo que é apenas por instinto que tiro uma foto da placa dela quando ela sai.

Bem, eu tento, mas sou um pobre mentiroso.

Quando ela some de vista, volto para a calçada de concreto, olhando para a rua desolado e deixando o ar fresco da noite esfriar minha pele quente.

Addison está de volta.

A única pergunta em minha mente é o que vou fazer com ela.

CAPÍTULO 3

Addison

Eu odeio Daniel por muitas razões. Eu nunca as avaliei antes.

O caminho silencioso de volta para este minúsculo apartamento proporcionou muito tempo para recontar cada momento que o bastardo me fez sentir inadequada, envergonhada... indigna.

Respiro fundo e me acalmo, depois jogo as chaves na pequena mesa da cozinha e vou direto para o vinho.

Este dia estava indo tão bem.

O pensamento me acalma quando abro a geladeira e rapidamente pego uma garrafa pela metade de uma mistura vermelha. Eu uso meus dentes para puxar a cortiça e derramar o vinho em uma caneca de café amarela brilhante com girassóis gravados nela. É a coisa mais próxima de mim e todos os meus copos ainda estão embalados em caixas.

Seria bom manter o vinho, penso enquanto tomo um pequeno gole. E depois um grande.

Ainda não estou com zumbido, mas em quinze minutos tenho certeza que estarei.

Enquanto lambo o doce vinho dos meus lábios, olho sem rumo para a garrafa de vidro. Eu tenho que ter cuidado para não cair nos velhos padrões. Faz muito tempo que eu precisava de vinho para dormir. Mas eu posso me ver confiando naquele mau hábito hoje à noite. *É isso que algumas lembranças farão com você.*

Dou uma boa olhada na garrafa. Está um pouco mais vazia do que estava. Eu vou ficar bem.

Inclinando-me no balcão, deixei o passado piscar na minha frente e traço o contorno dos girassóis na caneca.

Cada lembrança é acompanhada por outro gole de vinho, cada um com um sabor cada vez mais amargo.

Daniel tantas vezes me deixou sentindo pra baixo. E a culpa é minha.

Até a primeira vez foi minha culpa.

A lembrança repentina de Tyler aquece meu coração e faz minha visão embaçar quando meus olhos brilham com lágrimas. Não consigo pensar nele por muito tempo sem sentir uma dor profunda no peito.

Ele foi meu primeiro. Meu primeiro tudo.

Assim como seu irmão Daniel e o resto dos homens de sua família, Tyler Cross era teimoso. E ele não desistiu até que eu finalmente cedi e disse sim para ser sua namorada.

Eu disse a mim mesma que ele era legal e que era bom ser desejada. E meu Deus, era. Quando você é órfã, aprende rapidamente que as pessoas não a querem.

É difícil desaprender.

E aos dezesseis anos de idade e no meu quarto lar adotivo, eu não acreditava que Tyler quisesse nada mais do que um beijo ou uma emoção. Para levar-me para a cama. Assim como o pai adotivo anterior queria de mim. Ele era um sacana desgraçado.

Corro a ponta do meu dedo ao longo da borda da caneca, lembrando como Tyler não desistiu de me fazer sentir desejada. Eu só fiquei com os Brauns, meu quarto lar adotivo por três anos, por causa de como Tyler me fez sentir.

Eu não queria me mudar para outro distrito escolar.

Eu finalmente queria ficar em algum lugar.

Os Brauns receberiam o cheque e eu seria uma boa garota, ficaria quieta. Eu aguentei fazer muitas coisas para que eles não me mandassem de volta.

Tudo porque Tyler realmente me fez sentir desejada. Mesmo que fosse óbvio que, os Brauns, como os outros pais adotivos, só quisessem receber o pagamento. Ter que vigiar uma adolescente com hormônios e dever de casa não estava na lista de desejos.

Agora, olhando para trás, não me importei muito com Jenny e Mitch Braun. Eles eram pessoas boas. Talvez se eu não tivesse fugido quando tudo aconteceu, eu tivesse um relacionamento com eles. Ou uma aparência de um.

Eles não gostavam de Tyler. Eles provavelmente eram as únicas pessoas na face da terra que não gostavam daquele garoto. Eu não posso culpá-los, já que ele realmente queria me levar para a cama, quando eles finalmente o conheceram.

Cubro minha boca com a mão e solto uma pequena risada com a lembrança.

Ele teve que conhecer meus guardiões antes que eu chegasse perto da casa dele.

Tenho que dar crédito a Tyler, ele fez uma boa exibição.

E então eu tive que enfrentar a família dele.

Havia uma grande diferença, no entanto. Uma separação maciça entre o que ele tinha que fazer e o que eu tinha que fazer em nosso pequeno acordo.

Tyler tinha uma família verdadeira.

Isso foi tão óbvio para mim. Pais verdadeiros. Como eu tive uma vez. É uma sensação estranha estar de pé em uma sala com pessoas que pertencem umas às outras. Especialmente quando você não tem isso, mas quer. Você quer desesperadamente.

Foi errado da minha parte. Todo motivo que eu tinha para ficar com Tyler era egoísta.

Eu era jovem naquela época. Jovem, estúpida e incrivelmente egoísta.

Eu sei disso agora e isso só piora muito a vergonha.

Lembro-me de como mal podia olhar para alguém enquanto Tyler passava o braço em volta dos meus ombros. Como se ele estivesse orgulhoso de mim e eu pertencesse a ele.

Sua mãe havia morrido anos antes, algo que Tyler e eu tínhamos em comum. Seu pai estava na poltrona de couro na sala de estar, sentado em frente à televisão, embora eu esteja certa de que ele estava dormindo.

Tyler me disse que seu pai trabalhava tarde da noite, mas eu sabia ler nas entrelinhas. Eu sabia o tipo de família que os Crosses eram. Eu sabia pela maneira como as pessoas falavam em voz baixa perto deles com traços de medo e intriga. E eu ouvia os sussurros.

Havia pequenas pistas também. Tyler e seu irmão Jase estavam sempre recebendo dinheiro debaixo da mesa da cafeteria e fazendo trocas rápidas. Certas pessoas os evitavam, certos malandros de olhos vermelhos e magricelas, para ser exata.

Isso não importava para mim.

Na verdade, eu gostava que a família deles estivesse fazendo algum tipo de negócio, porque significava que o seu pai estaria dormindo quando eu fosse forçada a conhecê-los. Cinco garotos da família e Tyler era o mais novo.

Um homem a menos a ter de suportar estava bem por mim. Declan, o garoto do meio, dava a impressão de estar desinteressado da vida em geral. Muito menos a namorada de seu irmão. Ele foi o

primeiro dos irmãos de Tyler que eu conheci, e até ele parecia ser gentil, nada além disso.

E isso continuou quando eu conheci seus outros irmãos. Todos eles me receberam bem. Não havia intenção oculta, escárnio ou comentários maliciosos sobre de onde eu era ou o que os Brauns fizeram na taberna local duas semanas atrás.

Essa era uma coisa que as pessoas gostavam de fofocar na escola quando cheguei lá. Pais adotivos não deveriam ficar bêbados. Engraçado como esse tipo de conversa acabou quando Tyler apostou em mim.

Outra razão pela qual fiquei e me dediquei cada vez mais a um garoto que nunca poderia ter tudo de mim.

Era tão óbvio que ele nunca faria isso. Especialmente naquele primeiro dia, ele me trouxe para casa.

No momento em que pensei que poderia relaxar, encontrei o último irmão.

Daniel.

Tyler bateu na porta do quarto, digitando as letras das músicas e dizendo para ele abrir.

Eu me lembro exatamente do jeito que eu deixei minhas unhas minúsculas. Eu sou uma pessoa ansiosa e eu estava ocupada roendo as unhas quando a porta se abriu.

— O quê? — A palavra saiu com força e meu corpo parou. Eu podia sentir a raiva saindo dele por ser interrompido.

Ele agarrou o batente da porta, o que fez seus ombros e altura parecerem muito mais intimidadores. Foram seus músculos tonificados e a barba negra que revestia sua garganta e mandíbula que me deixaram saber que ele era mais velho.

E o calor em seu olhar enquanto ele deixava seu olhar vagar para onde eu estava, me deixou saber que não era bem-vinda.

Essa foi a primeira vez que Daniel me fez sentir da mesma maneira que eu me sinto agora.

E a primeira vez que eu soube que nunca amaria Tyler do jeito que ele merecia.

Mas eu fiquei com ele. No fundo, eu sei que foi porque uma grande parte de mim queria que Daniel me quisesse de volta. Eu queria que Daniel me quisesse do jeito que eu instantaneamente o queria.

CAPÍTULO 4

Daniel

A porta de trás do Iron Heart Brewery está aberta alguns centímetros com um tijolo. Há uma pequena pilha deles ao lado do depósito de lixos e vi alguns deles sendo usados para várias coisas.

A porta se abre lentamente enquanto olho para a esquerda e para a direita. Está escuro agora e deserto. Já faz quatro horas desde que saí. Tempo suficiente para me recompor e descobrir o que é que eu quero e como vou lidar com isso.

A cidade inteira está quieta agora já que tudo na Lincoln Street está fechado.

Eu me esgueirei por trás, ouvindo o tilintar de vidro ao virar da esquina e passar pelo almoxarifado. O cheiro fresco de cerveja lupulada neste lugar nunca envelhece.

Eu só estive aqui há alguns meses e achei que ia ficar entediado rápido. Até agora não houve muita ação ou competição. Para uma cidade universitária, é surpreendente. Mas sentir essa área e esperar informações sobre acordos futuros para o meu irmão não tem sido um pé no saco como geralmente é.

Além de Jake, este lugar não é bom para nada além de pedir uma cerveja ou para me atualizar de quem vem aqui quando estou fora. Jake sabe que esse lugar é usado para trocas, mas isso é tão longe quanto o nosso relacionamento vai…

Jake tem seus fones de ouvido, ele não está prestando a mínima atenção. Meu ombro se inclina contra a parede mais próxima da extremidade do bar, e apenas o suficiente para que eu possa ver a mesa onde Addison estava sentada hoje cedo.

Eu deixei a memória demorar um pouco antes de falar alto o suficiente para Jake ouvir sobre a música tocando em seus ouvidos.

— Marcus apareceu? — Eu falei e Jake se assustou, batendo a parte inferior das costas contra o balcão e derrubando um copo no chão.

O copo quebrou, espalhando alguns pedaços grandes de vidro pelo chão.

Pressionando a parede, eu dou alguns passos para mais perto dele.

— Merda, cara. — ele me diz enquanto lentamente se abaixa no chão, recuperando o fôlego, e começa a pegar os cacos. — Você me assustou para caramba. — Ele começou a perguntar. — Como você conseguiu… — antes de parar e olhar para mim, respondendo a sua própria pergunta.

— Desculpe. — eu ofereci e me agachei para pegar o único pedaço de vidro quebrado que sobrou. É um pedaço sólido de alguns centímetros de comprimento com uma ponta afiada. Eu deslizo meu dedo ao longo do lado liso e escorregadio dele, brincando, enquanto falo com ele. — Não quis assustá-lo. — É difícil manter o sorriso fora do meu rosto, mas é mais fácil se Jake estivesse relaxado. Ele precisa saber para me temer, mas é tão importante que não faça nada estúpido. Contanto que ele esteja tranquilo, assim como todo o resto que acontece aqui. Ele pode continuar olhando para o outro lado e eu posso manter tudo em movimento como deveria.

— Não se preocupe, cara. — diz ele enquanto se levanta e deposita os pedaços na mão em uma lixeira sob o balcão. Ele ainda está tremendo e em vez de estender a mão para a peça que eu estou segurando, ele pega a lixeira e a oferece para mim.

Eu seguro seu olhar quando eu o lanço para se juntar aos demais.

— O que está acontecendo? — Jake pergunta, colocando a lixeira de volta no lugar e fingindo que não está com medo e que não parece que vai se mijar.

— Quanto tempo a garota ficou aqui? — Eu pergunto a ele e dou uma olhada ao redor do balcão. Esta seção do bar é pequena e estreita. Há uma janela solitária do outro lado e está quebrada, deixando entrar uma pequena brisa.

— Addison? — Ele pergunta, dizendo o nome dela em voz alta e eu não confio em mim mesmo para falar enquanto a raiva cresce dentro de mim, então eu espero que ele olhe para mim e dou um breve aceno de cabeça.

— Não muito tempo. — ele responde e volta a limpar alguns dos copos ainda alinhados no lado mais distante da pia. — Ela saiu logo depois de você.

— Por que ela estava aqui? — Eu pergunto a ele e rezo para não ser um encontro. Eles são todos feitos aqui. É o lugar perfeito, na cidade perfeita. Qualquer conversa necessária pode acontecer aqui. E quaisquer argumentos podem ser resolvidos na parte de trás... com esses tijolos. Mas esta cidade pode ser mais útil e lucrativa. O tempo vai dizer.

— Apenas chegando para uma bebida.

Eu aceno com a cabeça e lembro como eu encontrei alguns caras que conheço sentados no bar, completamente alheios ao que estava acontecendo ao redor deles. Como Dean. Ele não tinha ideia; ele estava muito envolvido em sua própria história para perceber o que estava acontecendo aqui.

— Quem é ela? — Jake pergunta, interrompendo a minha lembrança.

— Uma garota. — eu respondo e depois volto a ser o único que faz as perguntas. — Ela entrou com alguém?

— Não, ela estava sozinha. Ela não disse que conhecia alguém ou que estava procurando por alguém. — Ele responde com as informações que eu esperava. Foi apenas uma coincidência que ela estivesse aqui. Mas a maneira como ele responde não está bem para mim.

Ele é um garoto engraçado e um cara legal, de certa forma, mas é do tipo que olha para o outro lado e gosta de fingir que tudo é amigável e bom e que nada está acontecendo.

Eu não tenho nenhum problema com ele. Ainda.

— É assim mesmo?

— Sim, ela está procurando ir para uma Universidade. Nova na cidade. Você sabe, esse tipo de coisa.

— Ei, Jake. — eu começo e espero ele olhar para mim. — Como você sabe o nome dela? — Meu corpo está tenso e rígido, mesmo que eu não ache que ele tenha alguma ideia do quanto eu vou acabar com ele se ele der em cima dela. Ele é um namorador, jovem e despreocupado. Ele tem muita atenção das meninas que vêm aqui para tomar uma bebida e afogar seus problemas com álcool.

O filho da puta olha para mim como se fosse simples e diz. — Do seu cartão de crédito.

Não gosto do seu tom ou da facilidade com que ele fala sobre ela. Mas meu corpo está relaxado e o sorriso no meu rosto cresce quando eu digo a ele: — Claro. Desculpe, ela me deixou um pouco confuso.

— Eu percebi. — Minhas costas endurecem com sua confissão. — Quer dizer, eu entendo, ela é gostosa. — diz ele, completamente alheio de como minha mão reflexivamente forma um punho. Ele encolhe os ombros e seca o último copo. — Você quer que eu fique de olho nela?

A resposta correta é não. Mas não, não é a palavra que escapa da minha língua.

— Sim. — eu respondo e sai mais difícil do que deveria, com uma necessidade desesperada de se agarrar à única sílaba.

Jake faz uma pausa e fica me observando.

— Eu tenho um fraco por ela. — digo a ele e interiormente me odeio. Tanto pela mentira quanto pela dica da verdade. Ele acena com a cabeça e pendura o pano de prato nas mãos.

— Então ela está indo para a Universidade? — Eu pergunto a ele e ele retorna ao seu estado normal e fácil.

— Eu não recebi muita informação dela. Ela acabou de chegar aqui e Mickey estava no bar.

— Bem, não se preocupe com isso. Mas se ela entrar aqui novamente, me mande uma mensagem.

— Sem problemas. Você precisa de mais alguma coisa? — Ele pergunta e eu o lembro da minha pergunta anterior.

— Marcus veio? — Eu já sei a resposta. Ele não apareceu ainda. Carter, meu irmão, me enviou uma mensagem para que eu não perdesse meu tempo no bar hoje à noite. Mas eu sei que Marcus é muito parecido comigo. Ele gosta de conhecer os hábitos das pessoas e, se eu disser que vou encontrá-lo, quero que ele saiba que eu estarei lá.

Este não é o meu primeiro encontro com ele. A última vez levou semanas antes dele finalmente aparecer.

Não há muitos homens que eu esperaria, mas Carter diz que isso é importante e Marcus e eu temos história.

— Ele não apareceu. Eu não sei porque ele...

— Parece que você já está quase terminando. — eu o interrompo com um traço de sorriso em meus lábios. — Desculpe por segurar você.

— Não tem problema. — ele diz para as minhas costas quando eu me viro e saio do bar.

A luz brilhante da placa do Iron Heart projeta uma sombra sob meus pés enquanto eu ando em direção ao estacionamento vazio com apenas uma coisa em mente: como encontrar a senhorita Addison Fawn.

CAPÍTULO 5

Addison

Daniel é um cretino.

Por que os cretinos ficam na sua cabeça, lhe irritando e dominado seus pensamentos enquanto os caras legais são ignorados?

Eu fui fazer compras na cidade para me distrair. Gastei um bom dinheiro na decoração deste apartamento e no mais macio edredom que eu já senti na minha vida.

Um tapete de tweed[1], duas cestas de tecido e uma dúzia de molduras de madeira rústica depois e minha sala de estar está aceitável. Foto após foto, eu postei os diferentes ângulos no Instagram, onde tenho meus maiores seguidores e onde eu vendo a maioria das minhas fotos.

Mas tudo é feito de forma distraída. E não é como se elas estivessem à venda, apenas imagens que servem como uma atualização para que meus seguidores saibam que encontrei um novo lugar.

Eu não tenho um pingo de interesse fluindo através de mim.

Eu vim aqui para me estabelecer. Para finalmente me dar uma razão para ficar e possivelmente ter aulas formais para dar uma nova vida ao meu negócio.

E em vez disso, fui empurrada para quando eu tinha apenas dezessete anos.

Nenhum lar.

---

[1] **TWEED** – tapete macio desenhado e tecido a mão

Sem vida.

Nenhuma razão para fazer qualquer coisa.

Minha garganta e meus olhos se apertam, mas eu me recuso a deixar uma única lágrima cair.

É tudo porque eu ainda não sou digna o suficiente para Daniel Cross transar comigo.

Meu telefone toca e eu entro no aplicativo de mensagens no Facebook para ver quem é.

Outra pessoa querendo que eu fotografe seu casamento.

Eu não faço sessões de fotos.

Eu educadamente respondo que não faço fotos. Eu só fotografo as coisas à minha volta e conto a minha própria história. Não de outras pessoas. Em outras palavras, não sou contratada. A fotografia é o meu negócio, mas também a minha terapia. Eu fotografo o que quero e nada mais. Foi a única maneira que eu sobrevivi e não vou comprometer isso.

É como eu tenho ganho a vida nos últimos anos. Pequenas vendas aqui e ali. O suficiente para manter minha cabeça acima da água e continuar me movendo de um lugar para outro.

Procurando Por Algo foi o que acabei chamando de meu negócio.

Não que tenha começado como um negócio. Eu estava apenas tirando fotos de cada pequena coisa que me lembrava Tyler.

Tudo que eu tinha era minha câmera, o único presente que minha última mãe adotiva me dera. Tyler disse que ela deveria pegar para mim no Natal. Ele disse que se ela não o fizesse, ele faria. Ele teria me dado qualquer coisa.

E então começou comigo querendo tirar uma foto da neve em torno de seu velho caminhão Chevy que não podia mais rodar. O capô enferrujado. O pneu de trás do lado esquerdo.

Comecei a tirar fotos de tudo, obsessivamente. Foi algo que Tyler e eu fazíamos juntos e fazia sentido na época.

Eu precisava de algo e, embora não soubesse o que seria essa coisa, tirei fotos de tudo no meu caminho para encontrar o que estava procurando.

Algo para tirar a culpa. Algo para me fazer sorrir do jeito que um garoto que me amava de uma maneira que eu não merecia tinha.

Procurando Por Algo.

O que se revelou foi rentável.

Uma miríade de fotos todas com preço ridiculamente alto. Pelo menos em minha opinião. Mas é o que todo mundo estava fazendo. As fotos da competição são vendidas por centenas. E a minha parecia um roubo, simplesmente por causa do preço.

Adotei a estratégia *finja até você conseguir*. E está funcionando. Mas eu não sei nada sobre administrar um negócio.

A pessoa aleatória no Facebook dispara um pedido de desculpas e eu não me preocupo em responder. Meu atendimento ao cliente também não é o melhor.

Alguns dias são melhores que outros.

Alguns dias estão cheios de lembretes do passado. E esses dias são os piores para mim, pessoalmente, mas o melhor para as coisas que vejo e posso capturar com uma lente. E elas vendem bem. Não apenas bem, como dinheiro sério.

As fotos que tirei hoje não contam minha história. Deve ser uma parte da minha jornada, mas as belas imagens de molduras de madeira e tweed branco com detalhes em azul claro são o que eu queria antes da noite passada. Antes de ir ao Iron Heart e correr para aquele idiota.

Esta é uma sessão de decoração para uma nova vida com novas raízes. Ficará bonita no Instagram com um filtro macio, mas isso é tudo. Apenas uma série de fotos bonitas.

Meu telefone toca e pinga com atualizações e eu o coloco em vibração antes de ir para a cozinha, onde coloco na mesa.

Na próxima semana é a reforma da cozinha.

Por enquanto, é tudo preto e branco com pops de cereja. Um bule vermelho fica intocado no fogão enquanto enfio a minha caneca de girassol no microondas para aquecer a água para o chá.

Eu duvido que use esse bule.

Meu telefone vibra novamente, sacudindo a mesa no momento em que o microondas emite um bipe. Um suspiro pesado de irritação me deixa, mas sei que não são as mensagens, nem a dor de cabeça do estresse e da exaustão.

É por causa de Daniel. Assim como anos atrás, estou perdendo o sono por causa desse idiota. Naquela época eu nunca disse uma palavra. Eu deixei ele me tratar como ele queria, e eu me encolhi.

Estou mais velha agora e ontem à noite eu deveria ter dito alguma coisa. Eu deveria ter me levantado e tê-lo esbofeteado por ser um idiota tão desconsiderado. Bem, talvez isso leve as coisas um pouco longe demais. Mas ele merece saber o quanto isso me machucou. Como eu ainda luto com o que aconteceu e com ele me tratando assim só faz a dor muito pior.

Enquanto o saquinho de chá afunda na água fumegante, uma ideia me faz procurar por Daniel no Instagram.

Se não for Instagram, então Facebook. Todo mundo está em algum lugar online agora.

Com meus pés sobre a mesa de vidro e a caneca na mão direita, eu procuro no meu celular.

E quando ambos se revelam inúteis, tento o Twitter.

O tique-taque constante e rítmico do relógio simples à minha frente e acima da pequena cozinha chama minha atenção quando minha busca se mostra fútil. Eu olho para o ponteiro dos segundos que está andando, desejando que ele me dê uma resposta.

Mas o tempo é uma cadela volúvel e nunca me ajudou com nada.

Eu tomo outro gole do chá agora morno antes de me levantar para outro copo.

Enquanto espero que aqueça, decido procurar a Iron Heart Brewery na Church e na Lincoln Street.

Lentamente, um sorriso se forma em meus lábios. Jake Holsteder me olha de volta de uma foto em preto e branco, em que está segurando uma cerveja em suas mãos. O barman da noite passada é aparentemente o proprietário. Jake tem links para suas contas de mídia social.

E mais importante, Daniel conhece Jake.

É um exagero, mas eu envio uma mensagem para Jake no Facebook e depois preparo minha segunda xícara de chá.

Prazer em conhecê-lo ontem à noite. Desculpe eu ter saído cedo.

É uma mensagem simples e se ele não responder, eu sempre posso voltar para o bar. Estou vagamente ciente de que estou perseguindo Daniel. Atrás do homem cuja própria existência traz de volta os fantasmas do meu passado. Mas não me importo. Eu vivo do instinto e tudo está me dizendo que eu preciso encontrar Daniel. Se não por outra razão, para dizer que ele sabe muito bem quem eu sou.

Eu adiciono mais açúcar ao copo desta vez do que da última e a colher bate contra a borda de cerâmica da caneca enquanto meu telefone vibra.

Não se preocupe. Você saiu por algum motivo em particular?

Eu mastigo o interior da minha bochecha em sua mensagem.

Apenas tive que sair. Mas eu queria voltar e experimentar aquela cerveja. Nem me lembro a que diabos a cerveja foi chamada, mas depois eu adiciono, *eu adoraria tirar fotos do lugar também, se estiver tudo bem?*

Eu arrumo meus lábios e bato meu polegar no celular antes de finalmente enviar a mensagem.

Fotos? Isso é tudo que ele responde.

Eu lhe envio um link para o meu Instagram e, em seguida, o texto, *seu lugar me dá muita inspiração.*

LEGAL!

Mesmo que ele esteja apenas sendo educado, eu agradeço. *Obrigada!*

Ele escreve: *Sério, elas são lindas. Você deveria tentar vendê-las.*

Eu faço. É o que faço para ganhar a vida e adoraria tirar algumas fotos no seu bar. O lugar todo me dá muita inspiração. Talvez possamos conversar também?

Ele leva um momento e depois outro para responder. Cada segundo faz meu coração bater um pouco mais rápido e eu me pego roendo minhas unhas. *Você está procurando por ele?*

Ele? Eu finjo que não entendi.

Eu pensei que talvez você conhecesse Daniel? ele me perguntou, embora seja mais uma afirmação.

Eu conheço, mas não o vejo há anos. Eu mando a mensagem sem verificar. Talvez eu tenha falado demais.

Você deve ficar longe, Jake me avisa e, embora eu saiba que ele está certo, isso me irrita. Todas as crianças da escola me disseram isso sobre Tyler também - bem, mais sobre sua família do que ele especificamente, e ele foi a única coisa boa que eu já tive na minha vida. E eu realmente não gosto de pessoas me dizendo o que fazer.

Eu não fui ao seu bar procurando um velho amigo. Faço uma pausa antes de adicionar, *estou aqui para fazer novos.*

Parece que uma mão está apertando meu coração no peito quando um sentimento de ansiedade me atinge. O único sentido que consigo entender é que sei que só estou fazendo isso para irritar Daniel. E isso é algo que não devo fazer; Já fiz isso uma vez e a memória me faz sentir fraca.

Você pode vir a qualquer momento. Qual é seu número? Ele me pergunta e, embora seja apressado, eu o envio. Jake conhece Daniel. Então, talvez eu possa obter algumas informações, no mínimo.

Daniel sempre foi do tipo possessivo. Mesmo que ele me odiasse, odiava qualquer um que me desse mais atenção. Então, talvez descobrir que Jake tem meu número o irrite. Eu só posso esperar.

Sinto-me mesquinha quando me afasto do telefone, ouvindo-o vibrar junto com o tic-tac do relógio.

Enquanto espio pelas cortinas brancas e olho a rua abaixo de mim, uma sensação estranha me invade. Picando lentamente ao longo da minha pele até os cabelos na nuca se arrepiarem.

É como se alguém estivesse me observando. Eu estou mais relaxada quando me viro, então estou de frente para a minha sala de estar. Não há mais ninguém aqui no meu estúdio. Nem uma alma.

Minha mão envolve a caneca quente e eu fecho as cortinas. É apenas a memória de Tyler que trouxe isso de volta.

Eu não podia ir a lugar nenhum sem senti-lo lá. Observando-me. Um arrepio percorre minha espinha quando me lembro de cada dia. Cada foto que eu tirei enquanto eu virava, esperando encontrar alguém à espreita nas sombras. Nunca havia ninguém lá. Era só a minha vergonha que me seguia.

Eu odeio Daniel ainda mais neste momento.

Levei anos para chegar onde estava dias atrás. E com um olhar, voltei a ser a garota que estava tentando deixar para trás.

CAPÍTULO 6

Daniel

— Já faz muito tempo, não é? — Pergunta a voz do meu irmão do outro lado do telefone.

Meus olhos se fecham enquanto tento diminuir a irritação. Hoje, a Madison Street está movimentada na cidade tranquila. Os carros passam e eu posso ouvir o zumbido e o barulho com as janelas abertas na lanchonete enquanto me recosto no estande. As cobertas de vinil protestam quando eu me inclino para a frente e aceno para a garçonete antes que ela possa me oferecer outra xícara de café.

— Nós passamos por isso há poucos meses, Carter. — Eu fecho meus olhos novamente enquanto continuo. — Você realmente quer ter a mesma conversa novamente?

Do outro lado da rua é um café. E dentro dele, Addison. Ela está debruçada no canto com o laptop em uma pequena mesa circular enquanto se senta de pernas cruzadas em uma cadeira. Algumas coisas nunca mudam.

Eu a observo de longe na segurança da lanchonete. Estou à vista; ela poderia me ver se quisesse. Mas é isso que acontece com Addison. Ela nunca quis me ver.

— Quanto tempo você vai continuar com isso? — Carter me pergunta. Ele é mais velho que eu um ano, nascemos quase na mesma época. Gêmeos irlandeses, por assim dizer. Não me preocupo em responder e lembro dos detalhes do endereço dela que Marcus me deu.

Engraçado como ele não pode aparecer para entregar o pacote aos Romanos. Mas uma mensagem criptografada minha para ele com o número da placa de Addison gera interesse suficiente para ele responder.

Suponho que ele não esqueceu. Marcus tem uma boa memória.

— Tanto faz, eu só preciso do pacote. — Carter suspira do outro lado do telefone. — Eu preciso saber no que estamos nos metendo antes de decidirmos...

Ele não continua, mas eu sei o que ele está dizendo. É melhor não falar aquelas coisas que os outros possam ouvir.

— Ele vai aparecer. Você sabe como ele é.

— Ele é uma pedra no meu sapato.

O canto do meu lábio levanta com seu comentário. — Tantas coisas são uma pedra no seu sapato, Carter. É difícil acreditar que você pode se sentar sem estremecer, — brinco enquanto observo Addison tomar um gole grande de sua xícara de café. É o tamanho mais alto da loja e parece que ela está terminando.

— Você é hilário, sabia disso? — Eu rio do comentário de Carter, mesmo que ele diga isso com desdém. Ele dirige os negócios da família agora. O que começou como uma maneira de meu pai ganhar dinheiro extra se tornou um império formado por táticas cruéis e implacáveis. Carter é o cabeça, mas eu faço o que ele pede, mais por uma vaga obrigação porque somos do mesmo sangue.

— Você volta para casa depois disso? Assim que este pacote chegar? Não há motivo para você ficar longe e precisamos de você aqui.

O nome dela está na ponta da minha língua. Addison. Posso lidar com o vício, mas ela é o único vício que já tive e o único que desejo.

— E então? — ele pressiona.

— Estou curioso sobre alguma coisa. — eu respondo ao meu irmão.

— Sobre o quê?

— Algo de interesse pessoal. — murmuro e as palavras saem mais baixas do que pretendia. Ele fica quieto por um longo momento. E meu foco está momentaneamente distraído. Um homem de jaqueta de couro fina passa lentamente pela cafeteria, mas seu olhar está em Addison.

Meus olhos estreitam quando ele para em seu caminho e olha para dentro do lugar. Afasto os sentimentos possessivos. Estou apenas projetando.

A voz de Carter traz minha atenção de volta para ele.

— Com essa merda, que seu amigo Dean fez, há muita vigilância à sua volta. — Ele ignora meu comentário anterior e eu decido que é o melhor. Não é necessário que alguém saiba o que estou fazendo.

Eu sou rápido em responder a ele. — É exatamente por isso que preciso ficar. Partir levantaria suspeitas.

Uma fila de carros passa na rua na minha frente, bloqueando temporariamente Addison da minha vista. No movimento deles, ela espia pelas grandes janelas de vidro da loja.

Seu cabelo roça o ombro e cai pelas costas enquanto ela pausa para olhar a rua. Seus lábios carnudos estão virados para baixo. Eles sempre estão. Há uma tristeza que sempre segue Addison. É apenas uma questão de saber se ela está tentando ocultá-la, mas está sempre lá.

Seus olhos verdes são profundos e, mesmo a essa distância, parecem escurecer. Sua mão se move para a parte de trás do

pescoço, massageando uma dor maçante de ficar ali sentada por horas agora. A cada respiração, seu peito sobe e desce e eu fico hipnotizado por ela. Por toda ela.

Mais ainda pelo que ela faz comigo.

O ódio e a raiva que senti por ela anos atrás se transformaram em algo a cada minuto que sento aqui.

Curiosidade, talvez.

— Pegue o pacote de Marcus. Você já está há tempo suficiente e poderíamos usá-lo aqui.

— Eu não sei se quero voltar. — digo-lhe honestamente e sem rodeios.

— Não é uma questão de querer. — ele responde, mas suas palavras saem vazias e sem autoridade, embora ele deseje tê-la. — Nós somos o seu sangue. — Ele joga a única carta que ele tem que pode me fazer cumprir as suas ordens.

— Você nunca deixa de me lembrar.

Meu telefone vibra com uma mensagem e fico feliz em terminar esta ligação.

— Tenho que ir. — Meu telefone vibra novamente. — Vou atualizá-lo quando puder. — Não espero que ele reconheça o que disse, e muito menos me diga adeus. Eu nunca estive perto de meus irmãos. Não como eles são uns para os outros. Eu sou a ovelha negra, suponho.

Eu estalo meu pescoço enquanto meu telefone vibra pela terceira vez. Antes de verificar, olho para Addison apenas para ver que ela se foi, embora seu laptop ainda esteja lá. Meu coração pára e meu corpo fica tenso até eu vê-la no balcão, pedindo outra coisa.

O meu aborrecimento aumenta quando percebo o quanto ela tem influência sobre mim neste momento. Voltei ao que odeio.

Meus dentes rangem quando eu puxo meus textos e esse aborrecimento cresce a uma agitação que me faz agarrar a borda da mesa para me impedir de fazer algo estúpido.

Três mensagens, todas de Jake.

Marcus não virá hoje à noite. Ele disse que existem complicações.

Eu tenho o número da sua garota, se você quiser.

E eu acho que ela vem aqui esta noite.

Jake quer morrer. Essa é a única explicação. Ele literalmente quer que eu atire nele.

Meu olhar se move do celular na minha mão de volta para a cafeteria do outro lado da rua. O cardigã de Addison oscila frouxamente ao seu redor enquanto ela volta ao seu lugar. Seus jeans são justos e eu posso imaginar como eles se sentiriam contra as minhas mãos se eu os arrancasse dela. Seria difícil, mas eu adoraria.

— Você... — Eu ouço uma voz pequena e hesitante ao meu lado e eu tenho que estudar minha expressão antes que possa olhar para a garçonete.

Ela é uma mulher mais velha, com linhas suaves ao redor dos olhos. Uma mecha de cabelo escuro perdida com uma linha prateada passa por ela e cai em seu rosto, enquanto ela me oferece um sorriso e segura um bule de café.

— Dessa vez você tem tempo. — diz ela, como se isso fosse um motivo para eu tomar outro.

— Claro. — eu digo e sorrio educadamente enquanto ela enche a xícara.

Fico olhando para o café em meu copo enquanto ela me deixa sozinho.

Então Addison está dando o seu número.

Eu me pergunto se ela teria me dado. Repito essa cena na minha cabeça e, em vez de sair, deslizo ao lado dela.

Eu não mereço Addison. Isso é um fato.

Mas serei amaldiçoado se deixar algum idiota como Jake colocar as mãos nela.

CAPÍTULO 7

Addison

Demorou três dias para realmente passar e voltar à cervejaria Iron Heart.

Três dias e esta sensação em meu íntimo não me deixa.

Três dias mexendo com imagens no Photoshop e odiando cada uma porque não consigo me concentrar.

E o pior de tudo, três noites sem dormir.

Toda noite eu continuo sonhando com o bar e toda vez a cena termina de forma diferente. Começa como eu gostaria que fosse. Com ele me dando um tempo. Com ele se oferecendo para me pegar uma bebida. Mas então fica escuro e perverso. Daniel me agarra. Ou pior. Eu ouço Tyler me dizer para ficar longe.

E acordo abalada.

Eu me sinto como naquele inverno em que fugi.

E eu odeio isso. Eu odeio Daniel ainda mais por fazer tudo voltar. E se eu puder encontrar esse idiota, vou dizer a ele exatamente como ele me faz sentir. Não apenas do jeito que ele me fez sentir a outra noite, mas também do jeito que eu senti todos aqueles anos atrás.

Parte de mim quer fugir. Mas eu já fiz isso. Eu não posso continuar fugindo para sempre.

Abro a pesada porta de vidro para o bar com o zumbido do tráfego atrasado atrás de mim. Esta é uma cidade antiga, mas nos finais de semana todo mundo está fora de casa.

Imediatamente sou atingida com o aroma de Pale Ale[2] persistente no ar e a conversa de todos aqui. O ar lá fora estava fresco, mas apenas dois passos e o calor me fez tirar meu casaco de lã.

— Addison. — Jake diz meu nome de seu lugar atrás do bar. Ele atravessa o burburinho e um homem sentado em um banquinho ao seu lado se vira para olhar para mim.

O sorriso de Jake é amplo e acolhedor quando ele gesticula para um assento livre no bar.

Por um pequeno momento eu esqueço a agitação no meu íntimo. Eu acho que foi o que realmente aconteceu nos últimos dois anos. Eu lentamente me esqueci. E se isso não é uma tragédia, eu não sei o que é.

— Você está bem? — Jake pergunta com sua testa enrugada e uma carranca em seus lábios.

— Desculpe. — digo a ele e balanço a cabeça enquanto dobro o casaco de lã sobre a banqueta e depois deslizo em cima dele, descansando meus cotovelos na barra. — Faz alguns dias.

— Qual é o problema? — Ele pergunta enquanto passa uma cerveja no bar para um homem velho com cabelo grisalho e sobrancelhas espessas que são da mesma cor.

O homem acena para ele um agradecimento sem interromper a conversa. Algo sobre um jogo de futebol chegando.

Deixando escapar um suspiro fácil, eu puxo o cabelo para longe do meu rosto em um pequeno rabo de cavalo, embora eu não tenha uma presilha, então ele cai pelas minhas costas enquanto falo. — Oh, você sabe. Apenas indo e vindo. — Eu sorrio facilmente enquanto minto para ele. — Então, como vão as coisas com você?

---

[2] Marca de cerveja.

Mesmo quando eu pergunto a ele, estou quase dolorosamente ciente de como eu não me importo tanto. Estou ansiosa por informações e é tudo o que quero. Descanso meu queixo na minha mão e me inclino para a frente, fingindo dar a ele toda a minha atenção, embora minha mente esteja em todas as questões na ponta da língua.

Quantas vezes Daniel vem aqui?

Você acha que ele estará aqui hoje à noite?

Você sabe onde eu posso encontrá-lo se ele não vier?

Em vez disso, sorrio e rio educadamente quando devo; o tempo todo Jake fala sobre o bar e aponta para as fotos na parede. Ocasionalmente, ele atende ao telefone e manda mensagens ou oferece uma cerveja para alguém.

Embora esteja lotado e eu esteja tendo uma conversa real pela primeira vez desde três noites atrás, nunca me senti mais sozinha.

— Então, nós vamos de um lugar para outro, coletando todos eles que podemos encontrar. — Jake termina algo que ele disse que eu estava apenas ouvindo e depois se sentou em seu lado do bar.

— O que realmente está incomodando você? — Ele pergunta e me pega desprevenida. Meu sapato desliza e meu coração pula uma batida.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto a ele como se eu não tivesse uma pista e, em seguida, rapidamente com — Estou cansada. — Parece falso para os meus próprios ouvidos, então eu tenho certeza que parece como uma péssima mentira para ele também.

— Você pareceu um pouco abalada na outra noite. — Jake diz suavemente, inclinando-se para a frente. Alguém chama o nome dele e ele mal os reconhece, levantando a mão para que esperem. —

Talvez você esteja procurando algo? — Ele me pergunta com os olhos semicerrados.

A brincadeira desapareceu, assim como o som de toda a conversa no bar movimentado. Em seu lugar está o rápido bater do meu coração.

— Ou alguém? — Ele diz enquanto alguém chama seu nome de novo, me quebrando a partir do momento. Eu me viro para o homem com as sobrancelhas grossas quando Jake diz a ele, — Um minuto! — Não com o mais paciente dos tons.

— Então o que é? — ele diz e espera que eu responda.

— Eu não vim aqui procurando por alguma coisa ou alguém. — Digo-lhe a verdade. Minha voz é baixa, implorando mesmo.

— Mas você encontrou algo. — ele pergunta.

Eu apenas aceno com a cabeça e ele sai do bar, levantando-se e voltando para as cervejas para satisfazer a ordem do velho.

— Se você não quer vê-lo novamente, você deve sair agora. — fala Jake sem olhar para mim e, em seguida, sorri e brinca com o homem no final do bar.

— Por que isso? — Eu chamo atrás dele, minha voz levantada para que ele possa me ouvir e o topo do bar apertando meu estômago enquanto eu me inclino sobre ele para ter uma boa visão dele.

Assim que Jake abre a boca para me responder, a porta do bar se abre e posso sentir a atmosfera mudar.

Ninguém mais pára de falar. Ninguém mais se vira para olhar por cima do ombro.

Mas eu sim. Eu sou atraída por ele como sempre fui. É como se meu corpo conhecesse o dele. Como se minha alma estivesse esperando por ele.

Daniel sempre teve uma intensidade sobre ele. Há um domínio que perdura na maneira como ele se comporta. Uma ameaça mal contida. A barba áspera sobre seu queixo duro me implora para correr a mão contra ela. O couro preto do paletó está esticado sobre os ombros.

Thump… thump… meu coração acelera e depois pára.

Os olhos escuros de Daniel encontram os meus instantaneamente. Eles rodam com uma emoção que eu não consigo descrever enquanto se estreitam, e eu não posso respirar até ele dar um passo. Nós dois ficamos lá pelo que parece uma eternidade. Ele deve saber que eu vim aqui por ele.

Eu vejo como ele se move, ou melhor, anda em minha direção. Cada movimento é cuidadoso, mal contido. Como se estivesse se esforçando apenas para estar perto de mim. Eu sei que quer parecer relaxado, mas ele está fingindo.

E com outro passo em minha direção, posso finalmente desviar o olhar.

Eu olho para a frente, minhas costas retas e meus olhos na cerveja na minha frente enquanto ele caminha atrás de mim. Eu posso ouvir cada passo e o arranhão do banquinho no chão diretamente à minha esquerda quando ele o puxa.

Eu me lembro que vim aqui por ele. Não, não por ele. Para vê-lo. Para limpar o ar.

Eu vim aqui para esta pequena cidade por mim porque eu finalmente tenho a minha vida em ordem.

E ele estragou tudo. A lembrança de sua fria recepção e dispensa dói mais e mais a cada segundo que passa. Eu não sou mais uma garotinha para ele se afastar e me tratar como se eu fosse algum aborrecimento.

O pensamento fortalece minha determinação e viro bruscamente para a esquerda, assim que ele se senta. Ele está tão perto que meus seios quase roçam em seu braço e isso força as palavras a pararem quando eu recuo.

Eu tinha esquecido como ele cheira, um aroma amadeirado com um frescor. Como árvores no limite mais distante de uma floresta perto da água. Eu esqueci como é estar tão perto dele.

Estar muito perto do que pode arruinar você é um sentimento desconcertante.

— Addison. — diz ele e, embora sua voz seja profunda e masculina, naquela cadência suave, meu nome parece positivamente pecaminoso. A irritação em seu tom constante na minha memória está ausente.

— Daniel. — Eu mal consigo falar o nome dele e limpo minha garganta, lentamente me sentando de volta no meu lugar para pegar a cerveja na minha frente.

— Eu estava pensando se eu o encontraria aqui, — Eu admito e então olho para ele.

Um sorriso genuíno cresce lentamente em seu rosto bonito. Eu juro que seus dentes são perfeitamente brancos. É um crime para um homem parecer tão bem.

— Você veio aqui procurando por mim? — Ele me pergunta com uma arrogância que me lembra um garoto que eu conheci e novamente, pela segunda vez, minha confiança está abalada. Enquanto lambo meu lábio inferior para responder, não consigo encontrar as palavras.

— Eu a intimido, Addison? — Ele pergunta com uma voz provocante e eu reviro os olhos e, em seguida, levanto a cerveja aos

meus lábios. Eu suponho que ele dirá algo mais enquanto eu bebo, mas não diz.

Quando coloco o copo na mesa, olho em seus olhos.

— Você sabe que sim e eu odeio isso. — Há um calor entre nós que se inflama em um instante. Como se uma gota de verdade pudesse nos incendiar. Eu mal posso respirar olhando em seus olhos escuros.

— Odeia agora? — Ele pergunta novamente naquele mesmo tom brincalhão. — Então você veio aqui procurando por mim porque me odeia?

— Sim. — eu respondo sem hesitação, embora não seja completamente sincera. Não é por isso, mas eu estou bem com ele pensando assim.

Sua sobrancelha levanta levemente e ele inclina a cabeça como se não estivesse esperando essa resposta. Lentamente ele corrige, e eu posso sentir sua guarda subir lentamente. É essa coisa que ele sempre fez. É estranho como eu me lembro disso tão bem. Por apenas alguns momentos, apenas vislumbres, eu juro que ele me deixou entrar. Mas foi assim que se foi, e uma distância cresceu entre nós, mesmo que não tivéssemos nos movido um centímetro.

— Não faça isso. — digo a ele assim que sinto e seus olhos se estreitam em mim. — Eu não odeio você. Eu odeio que você seja rude comigo.

— Não fui rude.

— Você foi um idiota. — Minhas palavras saem com uma dureza que não pode ser negada e eu gostaria de poder engoli-las de volta.

— Sinto muito. – ele me diz e parece apreensivo. É estranho ouvi-lo dizer essas palavras. Eu não consigo pensar nele falando com ninguém antes.

— Você veio à procura de um pedido de desculpas?

— Não, não realmente, — eu digo a ele e dou de ombros, querendo dar um passo para trás do ar tenso, mas minha bunda está firmemente plantada neste banquinho. Ele vira para a esquerda e eu olho para o vidro enquanto continuo, só querendo tirar isso de mim antes que ele vá embora de novo.

— Eu só queria conversar. — As palavras finalmente saem, embora não estejam completamente certas. Eu quero derramar cada palavra que está dentro de mim. Desde a última noite que o vi todos esses anos atrás, e tudo o que aconteceu até o momento. Não há muitas pessoas que possam se relacionar com o que passamos.

Ele ainda não disse uma palavra. Seu olhar está focado em mim como se ele estivesse tentando me ler, mas não consegue entender o que está escrito. Se ao menos ele perguntasse, eu diria a ele. Eu não tenho tempo para jogos ou segredos, e nossa história compõe muito de quem eu sou, para desrespeitar isso com falsidades.

— Você vai fugir de novo? — Eu pergunto enquanto ele olha de volta para mim.

— Você quer que eu vá? — ele me pergunta em troca.

— Não. — eu respondo instantaneamente e um pouco alto demais. Como se o que ele dissesse fosse uma ameaça. Eu fico mais quieta quando acrescento: — Não quero que você vá. — O desespero em minha voz é marcadamente aparente.

— Bem, o que você quer então? — ele pergunta e eu sei a resposta. *Eu o quero.* Eu respiro lentamente, sabendo a verdade, mas também sabendo que eu nunca confessaria isso.

— Eu não tenho conseguido dormir desde a outra noite. — eu confesso e meu olhar pisca do vidro para os olhos dele. Minha unha bate no vidro de novo e de novo e o pequeno tilintar me convence a continuar. — Eu tive um momento difícil por um tempo, mas eu estava indo muito bem até que vi você. — Eu não olho para cima para ver como ele reage; Eu sou apenas grata que as palavras estão finalmente chegando para mim. — Quando você nem se incomodou em olhar para mim, muito menos falar comigo... — Eu engulo em seco e depois bebo mais cerveja.

— Foi um choque vê-la. — Daniel diz as palavras como se estivesse testando-as em sua língua. Como se não fossem verdade, embora eu tenha certeza de que são. Eu olho em seus olhos quando ele fala. — Não quis incomodá-la.

— O que você queria dizer então? — Pergunto sem perder um segundo.

Ele hesita outra vez, com cuidado para dizer apenas o que ele quer.

— Eu não sabia o que dizer, então fui embora.

— Isso parece razoável. — Ou pelo menos parece a versão do Daniel que eu me lembro. Eu tomo outro gole de cerveja antes de dizer: — mas doeu.

— Eu já disse que sinto muito. — Suas palavras são curtas, duras até, mas elas não me perturbam. — Eu não estava procurando por um pedido de desculpas. Eu só queria que soubesse como você me faz sentir.

Ele responde rapidamente desta vez, ainda olhando minha expressão como se não tivesse certeza do que fazer com ela.

— E como eu faço você se sentir agora?

Eu juro que sua respiração fica mais pesada, e isso faz a minha ficar igual.

— Como se tivesse alguém para conversar.

Isso faz com que ele dê uma gargalhada. Uma incrédula.

— Tenho certeza de que você tem melhores opções para isso.

Eu balancei minha cabeça e respondi antes de tomar mais um gole.

— Você estaria errado, então.

Nunca me senti patética antes. O fato é que não falo com muitas pessoas e o único amigo que tenho está a milhares de quilômetros de distância. Mas admitir isso para ele e ver o traço do sorriso cair em seus lábios faz com que pareça um pouco lamentável.

Eu dou um pequeno sorriso, embora seja fraco, e o tempo cresce entre nós. Os segundos passam e eu sei que o estou perdendo, mas não posso expressar nenhuma das coisas que estou sentindo.

— Já faz um tempo... — ele diz e eu aceno com a cabeça enquanto respondo.

— Desde o funeral.

Eu não acho que já tenha dito isso em voz alta e é a primeira menção de Tyler entre nós. O ar fica tenso, mas não de um jeito desconfortável. Pelo menos não para mim. Eu até tenho coragem de olhar para ele. Eu posso ver traços de Tyler em Daniel. Mas Tyler era tão jovem e eles se pareciam. Ainda assim, há pequenas coisas.

— Você me lembra dele, sabe? — Enquanto eu falo, Daniel olha para os meus lábios. Ele não esconde o fato no mínimo. Eu acho que ele quer que eu saiba. Eu engulo e seu olhar se move para a minha garganta, então ele se inclina um pouco antes de se corrigir. O ar quente está tenso e quando ele finalmente me olha nos olhos

novamente, o barulho do bar desaparece da pura intensidade de seu olhar.

— Você faz o mesmo comigo, eu acho.

— Você acha? — Peço ele para esclarecer.

— Você traz de volta certas coisas. — diz ele friamente, tão frio que envia um arrepio na minha espinha.

Meus ombros estão apertados quando me endireito no assento, novamente olhando para o copo de cerveja que está quase acabando, como se isso pudesse me salvar. Ou como se eu pudesse me afogar nele.

É apenas o som dele levantando que me faz olhar para ele.

— Você está indo embora? — Eu pergunto a ele como uma idiota e depois sinto que sim.

Ele apenas balança a cabeça e eu tenho certeza que ele vai se afastar, mas em vez disso ele se aproxima de mim. Ele enfia um pedaço de papel na minha frente no bar e depois segura a banqueta em que estou sentada com as duas mãos.

Ele está tão perto que eu posso sentir seu calor quando ele sussurra para mim:

— Eu vou ver você em breve, Addison.

CAPÍTULO 8

Daniel

Há cinco anos

O vento uiva quando passa por nós. Estamos todos vestindo ternos pretos, mas os sapatos que passaram a noite toda brilhando estão enterrados sob a neve branca e pura. O gelo derrete e escoa entre as costuras, deixando o frio congelar no que antes era quente. É apropriado quando olhamos para a terra virada à nossa frente.

Nós somos os últimos aqui. Nós paramos em nosso caminho de volta do jantar uma vez que o sol ainda não se foi, e há um pouco de luz à esquerda.

O céu além de nós está embaçado e o ar brutalmente frio, o tipo que faz meus pulmões doerem cada vez que eu tento respirar.

Um dos meus irmãos chora. É um gemido no começo, mas eu não mudo para ver quem é o mais fraco de nós. Meus músculos se enrolam com o pensamento, odiando como eu julguei. Odiando como eu vejo a força. Eu sou patético. Eu sou o fraco.

Jase, o mais distante de mim, fungou quando seus ombros se encolheram e então ele cobriu o rosto.

Ele era o mais próximo de Tyler, mas agora ele é o bebê, tomando o lugar de Tyler. O ar se torna cruel, mordendo a parte de trás do meu pescoço com um frio severo quando seus gritos param. Minha garganta está apertada enquanto tento engolir. Deixa-me amargurado estar aqui, sabendo que preciso sair e não posso ficar aqui. Que eu sou quem consegue continuar respirando. Esse destino escolheu pegar um dos bons e deixar os implacáveis e depravados para trás.

Agora de cinco irmãos são apenas quatro.

Nós quarto estamos sobre o corpo de Tyler. Dois metros abaixo do chão.

Todos nós vamos chorar por ele. O mundo perdeu por não conhecê-lo. Eu finalmente entendi como é melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado.

Tyler era bom em tudo. Ele teria vivido seus dias tornando o mundo um lugar melhor. Ele tentaria iniciar uma conversa com alguém; só para conhecê-los, só para fazê-los rir se ele pudesse.

Nós quatro alinhados e dizendo o adeus final nunca seremos os mesmos depois de perder o nosso irmão mais novo.

Mas só um de nós sabe a verdade.

Só um de nós é culpado.

A pior parte é quando eu saio. Eu sou o último a finalmente se afastar do túmulo de Tyler, mas quando eu saio, meu olhar permanece enraizado onde seu carro estava. Onde Addison tinha estacionado. Minhas lembranças não são do meu pai chorando impotente contra a parede de tijolos da igreja, recusando-se a entrar quando ele não conseguia esconder sua dor. As imagens que piscam diante dos meus olhos enquanto meus sapatos rangem contra a neve gelada não são de todos os seus amigos, professores e familiares que vieram de Estados para nos dizer o quanto sentem a perda e o quanto Tyler fará falta.

Tudo o que posso pensar é em Addison. Como ela estava tão quieta nas margens da multidão, os dedos entrelaçados, os olhos brilhantes. Como mesmo quando o vento arrancou seu cachecol de seus ombros, carregando-o para longe e deixando seus ombros nus, ela não se moveu. Ela nem estremeceu. Ela já estava entorpecida.

A imagem dela parada lá, olhando para o caixão, é o que eu penso quando deixo meu irmão.

***

Eu não sabia o quanto isso era perigoso. Ou talvez soubesse... e eu não quisesse acreditar. Mas Addison iria me assombrar muito depois daquela noite, assim como muitas outras coisas.

Ela é apenas uma garota. Uma garota pequena e fraca.

Suas bochechas e nariz vermelhos e cabelo ao vento a faziam parecer muito mais tentadora. Tudo nela está arruinado. Pelo menos ela aparentava estar naquela noite. Mas eu sabia que ela tinha deixado mais nela. Mais vida e espírito. Mais emoção para dar.

Eu posso ser cruel e implacável, mas estou certo. Eu estou sempre certo.

CAPÍTULO 9

Addison

A noite em que Tyler morreu, eu vi tudo acontecer.

Eu estava lá e ouvi os pneus guincharem.

Na lembrança, posso sentir praticamente as gotas de chuva geladas daquela noite atingindo minha pele. Eu ligo a torneira para o mais quente que pode ir e espero até que o vapor encha o quarto. Entro no chuveiro, ignorando como os sons de água caindo são tão parecidos com a chuva naquela noite quando parei do lado de fora da loja da esquina. Ele chamou meu nome. Meus olhos se fecham e minha garganta fica apertada quando ouço a voz de Tyler.

A última coisa que ele disse foi o meu nome quando entrou na rua.

É preciso muita coisa para deixar uma pessoa, porque você se apaixonou por outra. Alguém que nunca amará você de volta.

É preciso ainda mais do seu coração para testemunhar a morte de alguém que realmente merecia viver. Mais do que eu jamais vou merecer.

E saber que eles morreram porque estavam procurando por você...

Deus e o destino não são gentis ou justos. Eles levam sem motivo. E o mundo está perdido porque Tyler foi tirado de nós.

Eu pensei que estava fazendo a coisa certa, deixando Tyler. Eu não sabia que ele viria me procurar. Se eu pudesse voltar atrás, eu faria.

A água bate no meu rosto e eu finjo que as lágrimas não estão lá. É mais fácil chorar no chuveiro.

Eu estava bem até que vi Daniel novamente. Demorei anos para me sentir bem. Essa é a parte que eu não consigo superar. Talvez seja isso que é uma recaída? Um momento e perdi toda a força que ganhei ao longo dos anos. Toda a aceitação de que não posso mudar o que aconteceu e que tudo ficará bem. Tudo se foi em um instante.

Eu encosto minhas costas contra a parede fria de azulejo e afundo no chão. As minhas costas sentem o granito liso, enquanto eu me sento lá, deixando a água cair sobre mim enquanto me lembro daquela noite repetidamente. Apenas alguns momentos em particular. No momento em que Tyler me viu, no momento em que ele falou meu nome e se aproximou de mim.

No momento em que gritei ao vê-lo entrando na estrada.

O carro estava bem ali. Não houve tempo.

Não importa como eu me joguei para a frente, correndo em direção a ele, mesmo quando o carro o atingiu.

Eu juro que agi o mais rápido que pude. Mas não foi o suficiente.

Minha cabeça descansa em meus joelhos enquanto meus ombros tremem.

A vida não deveria ser tão cruel. Não para ele.

— Respire fundo. — digo a mim mesma. — Uma de cada vez. — Eu digo, secando meus olhos, mesmo que a água ainda esteja caindo.

Levantar faz-me sentir fraca. A água é mais fria, mas o ar ainda está quente.

Apenas respire.

Quando abro a porta do chuveiro para inalar um pouco de ar frio, ouço alguma coisa. Meu coração pára e meu corpo congela. A

água ainda está ligada, mas meus olhos olham fixamente para a porta do banheiro.

Os espelhos estão embaçados, embora eu tenha deixado a porta ligeiramente aberta. Um segundo passa e depois outro.

Meu corpo se recusa a mover-se mesmo depois de eu mesma tentar pegar a toalha. Meus dedos ficam brancos e me mantêm onde estou. Eu sei que ouvi alguma coisa. Algo caiu. Ou algo foi empurrado. Algo além da porta. Alguma coisa. Eu não sei o quê, mas eu ouvi alguma coisa.

Eu me forço a dar um passo no tapete de banho e depois outro no chão de ladrilhos.

Eu continuo me movendo. Eu pego a toalha com as duas mãos e, em seguida, envolvo-a em torno de mim mesma, embora eu não consiga tirar meus olhos da porta.

A água escorre pelas minhas costas, mas eu não me incomodo em secar meu cabelo. Eu me faço abrir a porta e ela geme em protesto como abro.

No segundo em que está bem aberta, sinto-me tola.

É só uma foto que eu coloquei com tiras de fita penduradas. Caiu e a tinta na parede onde estava pendurada, um azul da Tiffany, está estragada.

Eu deveria ter usado pregos ou parafusos para pendurá-la.

Mesmo quando pego a foto e reviro os olhos, meu corpo ainda está tenso; meu coração ainda acelerado. O quadro está rachado e quebrado. Quando coloco na cômoda, vislumbro o pedaço de papel que Daniel me deu. É um pedaço de algo, talvez uma conta, não tenho certeza. Mas é o seu número. O número que eu mandei, para que ele tivesse o meu e perguntasse quando podíamos nos

encontrar. O número que não respondeu, embora a mensagem tenha sido marcada como lida.

Deixo o papel lá com o quadro quebrado e volto para o banheiro para finalmente desligar a água. Mas eu paro mesmo antes de entrar.

Espreitando a porta do meu quarto, um frio percorre minha espinha.

Não me lembro de tê-la deixada aberta.

CAPÍTULO 10

Daniel

Eu diria que não tenho tempo para essa merda, mas tenho.

Teria tempo para isso se eu já não o tivesse de sobra.

Estou embalando meu queixo enquanto tamborilo os dedos da minha outra mão em um padrão rítmico na elegante mesa de mogno. O som suave nem chega aos meus ouvidos, misturando-se com a tagarelice e o zumbido de conversa fiada e o tinir de talheres no restaurante.

O Madison Grille ganhou uma repaginada recentemente. É óbvio. Das novas vigas de madeira que fazem o local cheirar a cedro, à iluminação industrial com lâmpadas expostas. Eu deliberadamente escolhi um lugar que não era muito caro ou elegante, então isso não pareceria um encontro. Mas é melhor que um bar. Há privacidade aqui que estou ansioso para aproveitar. Eu esperei para avisá-la até apenas algumas horas atrás. Ontem à noite, tirei muito de mim, mas uma vez que decidi, não havia como voltar atrás.

— Gostaria de algo enquanto espera? — O garçom já está com o bloco e a caneta prontos para anotar. Há muitas coisas que eu gostaria agora. Addison inclinada sobre a mesa, por um lado. Simplesmente por me convidar de volta à sua vida. Ela pode não saber o quanto me provocou, mas é esperta o suficiente para saber que a atração estava lá e ainda assim me provocou.

— Um whisky puro e duas águas. — digo e ele espera por mais, mas um sorriso tenso o manda embora.

Novamente meus dedos tamborilam enquanto penso em cada curva da mulher pela qual estou esperando.

Addison está tão crescida.

E esse olhar em seus olhos é um que eu reconheço. Desejo. Meu sangue fica mais quente a cada segundo que estou sentado aqui pensando no que eu queria fazer na noite passada. E o que eu pretendo fazer hoje à noite.

Eu posso imaginar aqueles lábios carnudos envolvendo o meu pau e os sons que ela fará quando eu empurrar meu pau pela sua garganta.

Se nada mais, eu posso finalmente conseguir um pedaço do que eu queria quando eu pus os olhos nela pela primeira vez. Apenas o pensamento faz meu pau endurecer e eu sufoco um gemido quando o zíper do meu jeans cava em mim.

Esforcei-me muito para não levá-la na noite passada.

Quando ela olhou para mim como se pudesse ver através de mim.

Quando ela me disse para parar, como se ela pudesse me comandar.

Quando ela derramou seu pequeno coração como se eu fosse o único significado para essas palavras.

Eu vou ter certeza de ter tempo para Addison. Tê-la finalmente, vale todo o maldito tempo do mundo.

Gotas de chuva batem contra a grande janela da frente deste local e caem ruidosamente no telhado de zinco.

Eu odeio a chuva. Odeio o que isso faz comigo. As lembranças que ela traz de volta.

Addison está lá fora na chuva agora. Sentindo bater contra sua pele. Ouvindo o som familiar.

E as memórias indesejáveis que vêm com isso.

Eu deveria sentir um bom número de coisas com a lembrança de Tyler me perturbando agora enquanto espero por Addison. Vergonha, talvez até nojo. Engolindo em seco, repasso as memórias, mas desta vez concentro-me *nela*. Como ela olhou para mim e se esquivou. Como ela não podia falar comigo enquanto me olhava nos olhos. Como ela corou toda vez que ela me pegou olhando. Sua reação a mim e só a mim era tudo.

Nunca foi sobre Tyler e eu fiquei longe dele naquela época. Sempre foi sobre Addison.

Meus pensamentos são interrompidos pelas bebidas que eu pedi sendo colocadas na mesa em minha frente.

— Vai jantar esta noite? — pergunta o garçom e eu balanço a cabeça que não e respondo.

— Só beber.

— Avise-me se precisar de alguma coisa. — Com isso ele se vai e eu fico sentado sozinho na mesa na parte de trás. Olhando para a entrada e esperando.

A luz suave é refletida no mostrador do meu relógio quando eu viro meu pulso, mostrando que o tempo é quase dez minutos depois da hora. Ela está atrasada.

Meus olhos se estreitam quando olho para a entrada, desejando que ela atravesse as portas. Há uma mistura de preocupação e medo que eu estou vagamente ciente. O destino tem sido uma puta cruel comigo e eu não passaria por ele para pegar a coisa que eu sempre quis. A única pessoa que estou tão perto de receber.

Antes que eu possa deixar as emoções indesejáveis tomarem o melhor de mim, a porta se abre e Addison entra, encolhida sob um guarda-chuva que ela rapidamente agita sobre o tapete e fecha. A

recepcionista cumprimenta-a enquanto eu me sento paralisado, observando Addison.

Ainda é surreal vê-la aqui. Eu não sei como reagir a ela.

Meus dedos demoram para ajudá-la a sair da jaqueta, mas em vez disso, eles agarram a mesa.

Eu franzo a testa para o doce sorriso que ela dá à anfitriã por ajudá-la com suas coisas. Addison não me deu um. Na verdade, desaparece quando ela se vira para mim.

A felicidade tão evidente apenas um segundo atrás se foi enquanto ela caminha.

Isso faz meu sangue esquentar, mas eu fico de pé, puxando a cadeira na minha frente para ela sentar.

— Oi. — ela oferece educadamente e o cheiro de seu xampu vem em minha direção.

Eu não confio em mim mesmo para dizer qualquer coisa, então só ofereço a ela um indício de um sorriso. Eu sou melhor que isso. Eu também conheço bem. — Obrigada. — ela diz suavemente quando retomo meu lugar.

— Eu não sabia o que você gostaria de beber. — eu digo a ela, embora eu saiba que ela vai pedir um vinho tinto. O mais doce.

— Oh, eu estou bem com qualquer coisa. — diz ela agradavelmente e, assim, os pedaços de irritação lentamente diminuem e começam a desaparecer. Ela me oferece um sorriso hesitante enquanto acrescenta: — Eu estou feliz que você me mandou uma mensagem.

Seu sorriso se alarga e ela toma um gole de água antes de o garçom aparecer novamente. E ela pede Cabernet. Ela é uma criatura de hábitos, pequena Addison.

— Você queria conversar? — Sento-me mais fácil no meu lugar agora que ela está aqui.

— Eu quero, mas não sei como.

Um sorriso genuíno rasteja no meu rosto. Pequenas coisas como sua natureza inocente sempre me intrigaram.

— Basta dizer o que você quiser, Addison.

— Você me odeia? — Ela me pergunta baixinho. A seriedade é inesperada e me pega desprevenido.

— Não, eu não odeio você. — Eu odiava que não pudesse tê-la. Mas isso era antes.

— Eu sinto que você deveria. — ela me diz, embora ela esteja olhando para o seu copo. Ela faz muito isso. Ela olha para baixo quando fala comigo. Eu não gosto disso. Meu peito se sente mais apertado e a facilidade de hoje à noite e o que eu quero dela se emaranham em um nó no meu estômago. Eu pego minha bebida, deixando queimar no caminho.

As palavras para acalmá-la estão em algum lugar. Eu sei que elas existem, mas elas me reprovam agora porque a verdade que implora para sair é tudo em que posso me concentrar.

Sou salvo por seu copo de Cabernet que ela aceita graciosamente do garçom.

— Tyler significou muito para mim, sabe? — Ela me pergunta como se minha aceitação significasse tudo. Como se eu não pudesse ver em seus olhos naquela época. Todo o tempo que eu os vi juntos era óbvio. Ele era tudo o que ela tinha e eu acho que ela odiava esse fato, mas o amava por simplesmente estar lá por ela.

— Nunca foi uma dúvida, — eu digo a ela com um calafrio na minha voz. Um que eu não posso controlar.

— Eu apenas sinto-me como... — ela faz uma pausa e engole, em seguida, toma um gole de vinho. Com sua inquietação nervosa, ela está claramente desconfortável e está me irritando. — Estou com medo do que você e seus irmãos pensam. Seu pai, também.

— Meu pai morreu há dois anos, — eu digo a ela e ignoro a pontada de culpa correndo por mim, mais a dor da memória. O nó parece amarrar mais forte.

Eu fui para casa pela primeira vez em anos apenas para vê-lo sendo colocado no chão ao lado de minha mãe, apenas vinte lotes abaixo do túmulo de Tyler. E eu não voltei desde então. É engraçado como a culpa se espalha assim. Como isso só piora, não melhora.

— Oh meu Deus, — Addison suspira e chega a mão pequena sobre a mesa para a minha. — Eu sinto muito. — Uma coisa que eu sempre admirei sobre Addison é como é fácil lê-la. Quão genuína ela é. Quão honesta. Mesmo que as coisas que ela estava pensando fossem menos atraentes.

— Meu pai gostava de você, então disse a Tyler que você voltaria. — Eu não sei por que digo isso a ela. A memória não fica bem comigo e a conversa não está indo para onde eu gostaria. Desconfortável é uma emoção que muitas vezes não sinto. Eu suponho que faz sentido que eu esteja agora. Mais uma vez... isso é o que Addison está fazendo. Mas eu permito isso. Seria fácil levantar e sair, para não ter que lidar com essa conversa. Mas ter Addison esta noite vale a pena.

Mal vislumbrando a camisa branca engomada do garçom, levanto a mão bem a tempo de detê-lo..

— Sim? — ele pergunta e eu peço duas rodadas de doses de Black Rose[3], que são uma mistura de vodka e tequila e a bebida de escolha do restaurante. Mais outro uísque puro. Eu subestimei muito essa conversa e a necessidade do álcool para acompanhá-la.

— Mais alguma coisa? — O garçom pergunta e Addison fala. Com as mãos cruzadas no colo, ela pede uma Bruschetta[4].

É só quando o garçom sai que ela se inclina para a frente, enfiando o cabelo atrás da orelha e diz: — Eu não comi muito hoje.

— Pegue o que você quiser. — eu digo a ela facilmente e evito que meu olhar vagueie diretamente pela blusa dela. É só uma espiada. Apenas uma sugestão sobre o que está sob o algodão fino, mas eu posso ver a renda do sutiã e me implora para olhar.

— Eu tenho que tirar isso do meu peito. — Suas palavras me distraem e olhando para a expressão séria em seus olhos, estou irritado de novo, mas mantenho meus lábios bem fechados. Vai valer a pena quando acabar. É melhor valer.

— Eu só... mesmo naquele dia quando fui embora, eu não queria que você pensasse que eu não apreciei tudo.

Ela não tem nenhuma ideia. Como é possível que ela fosse tão cega?

Ela morava sob o nosso teto. Foi quase por um ano enquanto os dois namoravam. Tyler insistiu. E as noites em que ela não ficava eu me sentia mal. Toda vez que ela saía, eu achava que era culpa minha.

Mas ela sempre voltava.

---

[3] Rosa Negra – nome da bebida.
[4] Trata-se de um antepasto italiano feito à base de pão, tostado em grelha com azeite e depois esfregado com alho.

Tyler não era de fazer exigências, mas ele a queria lá com ele. Ele a queria protegida e cuidada. E quando ele nos disse por quê, quando ele nos contou o que ela tinha passado, meu pai concordou.

Não foi só porque ela teve uma história trágica. Que ela perdeu os pais e não tinha ninguém.

Foi a história de seu pai adotivo anterior que mudou a opinião do meu pai.

Você podia ver a maneira como Addison se esquivava de tudo e de todos. E como ela não queria voltar para a casa de um estranho e esperar que algo assim acontecesse novamente.

Ela estava segura conosco. Mesmo que ela sentisse que estava se intrometendo, todos nós a queríamos lá.

Ainda mais depois de termos visitado aquele doente.

Não era da natureza de Tyler querer machucar alguém. Addison tinha uma boa maneira de trazer uma parte diferente dele. Ela é boa nisso, em trazer à tona facetas de sua personalidade que estavam dormentes antes.

Carter foi quem decidiu quando e como nós cuidaríamos do idiota que a tocou no ano anterior. Ele tinha quarenta anos e uma menina de quinze anos sob seus cuidados.

Carter decidiu que nós cinco iríamos juntos enquanto Addison estava na aula. O lugar estava a apenas três horas de distância. Não podíamos fazê-lo durante a noite, porque ela teria notado. Mas tínhamos muito tempo durante o dia.

Carter sempre tem um plano e eu deveria dar a volta. Que é exatamente onde o idiota estava varrendo as folhas.

Eu nunca matei alguém com equipamento de jardinagem antes. Eu ainda me pergunto como teria sido se eu tivesse usado os dentes

afiados do metal, mas a maldita coisa quebrou ao meio. A ponta do cabo de madeira lascada funcionou bem.

Ele soltou um grito, se é que você pode chamá-lo assim. Mais um grito patético.

A minha família pode tê-la protegido.

Eu matei por ela.

Tyler deveria ter dito a ela então, e eu tenho vontade de contar a ela agora. Mas eu não quebro promessas, nem mesmo para os mortos.

Então guardo um pouco da nossa história para mim mesmo.

A memória me dá a força para olhar nos olhos dela enquanto eu digo:

— Você se importa muito com o que as outras pessoas pensam. Você seria mais feliz se não o fizesse.

— Não estou certa que eu seria. — ela responde suavemente com os cantos dos seus lábios curvados.

Novamente, o álcool salvou a conversa. As doses bateram na mesa, uma por uma.

— Eu acho que você precisa de uma bebida.

Eu tenho certeza que sim. Eu não a fiz vir aqui de coração para coração. Isso não está indo como eu planejei. Vinho e jantar e transar com ela é o que eu queria. Os dois primeiros eu poderia pegar ou largar, mas o último é o que eu preciso há muito tempo.

— Eu poderia ter uma... ou seis, — ela brincou e puxou o cabelo por cima do ombro, girando as mechas escuras ao redor do dedo.

O comportamento inteiro de Addison muda enquanto ela observa o redemoinho da dose roxo escuro no copo.

— Obrigada. — ela diz quando sorri ao garçom.

— Um brinde. — Eu inclino minha dose em direção a ela em tom de brincadeira e para baixo antes que ela possa dizer o contrário. Nenhuma saudação aos mortos ou a qualquer outra coisa.

Quando meu copo bate na mesa, Addison está apenas alcançando seus lábios.

Tudo sobre o jeito que ela bebe me excita. Do jeito que seus dedos delgados seguram o copo, para a maneira como sua garganta se move enquanto ela engole.

Um milhão de imagens de como ela olha enquanto chupa meu pau está passando pela minha cabeça até ela falar novamente.

— Você me faz sentir... — ela pára e hesita em continuar.

— Medo? — Eu ofereço a ela. Estou acostumado a fazer com que certas pessoas se sintam assim. Só quando preciso que elas se lembrem do que sou capaz.

— Não... indigna. — Estou impressionado com sua sinceridade.

— Se você acha isso, é porque você tirou essa conclusão sozinha.

— Você sempre me fez pensar assim. Mesmo quando eu estava com Tyler. — Minha espinha endurece ouvindo-a trazê-lo tão casualmente desta vez. Como é fácil usar o nome dele na conversa.

— Sua bruschetta. — diz o garçom, colocando o prato no centro da mesa. Eu nunca quis matar um garçom por entregar um aperitivo antes. Não até este momento.

Ele começa a falar novamente e eu o corto.

— Estamos bem por aqui, obrigado. — Minhas palavras são apressadas e duras, e rezo para que ele entenda a porra da dica.

Meu olhar se move para Addison, e sua expressão me faz arrepender.

— Você me fez pensar isso quando cheguei aqui. — Addison parece que está debatendo em comer. Eu acho que o tópico arruinou seu apetite. Demoro um segundo para lembrar o que ela disse... indigna.

— Você chegou atrasada.

— Eu cheguei o mais rápido que pude, — ela protesta fracamente. Como se ela fosse verdadeiramente apologética e a parte que mais me irrita é que eu sei que ela é.

— Se você não quer que eu fique com raiva, então não me faça esperar. — Eu estou mais e mais tenso a cada segundo. É incrível como uma garota como Addison pode tentar meu autocontrole.

— Você não tinha que esperar. Você poderia ter ido embora. — ela retruca, dizendo cada palavra enquanto olha diretamente nos meus olhos. Desafiando-me.

Eu sorrio.

— Não quero ir embora.

A raiva em suas feições suaviza a minha resposta.

— Acabei presa no trânsito.

Uma respiração pesada entra e sai quando eu resolvo voltar no meu lugar, olhando para sua reação. Este olho no olho para mim é diferente.

— Está tudo bem. — digo a ela, na esperança de acabar com isso. E voltar para o plano.

— Por que você olha para mim assim? — ela pergunta e eu continuo.

— Como é que eu olho para você? – Peço a ela para esclarecer. Geralmente é tão fácil manipular os outros para me ver como eu preciso deles. Mas Addison é observadora além da medida. Ela sempre foi. E ela sempre foi diferente.

— Como se você não confiasse em mim. Ou talvez você não saiba o que esperar de mim.

Dou de ombros. — Não confio em ninguém. Não me leve para o lado pessoal.

Ela ri e seus ombros se agitam ligeiramente.

— Talvez seja por causa das pessoas com quem você sai? — ela sugere e levanta uma sobrancelha para mim.

— Não saio com ninguém. — Eu respondo a ela simplesmente, sem emoção. Apenas afirmando uma verdade.

Ela cantarola uma resposta e estende a mão para um pedaço de pão torrado. Quando ela morde, o pão faz um ruido alto e os tomates picados caem da sua mão. Ela na verdade cora, e depois que engole defensivamente, diz:

— Você deve comer um pouco, é estranho com você só me observando.

Deixei uma risada áspera vibrar meu peito.

— Não estou com fome.

— Eu odeio ser rude e comer tudo sozinha, mas o álcool já me atingiu.

Bom. Não digo o pensamento em voz alta.

Quando ela limpa as mãos em seu guardanapo, pergunto a ela.

— O que é que você quer de mim, Addison? — Minhas mãos se apertam sob a mesa enquanto espero. Eu sei exatamente o que eu quero dela. Transar com ela para a colocar fora do meu sistema. Para terminar com uma obsessão de muito tempo atrás.

Ela me lança um sorriso doce e genuíno e o rubor fica mais quente em seu rosto.

— Eu acho que é o álcool falando.

Seu sorriso é viciante e sinto meus próprios lábios se contorcerem em um sorriso torto. — Por que isso?

— Porque eu quero dizer a você que sempre quis saber como seria beijá-lo.

Eu me sinto engolir. Eu sinto tudo neste momento. Observando-a corar e sorrir para mim assim, eu quero mais disso. Eu não sei se é a vodka, a tequila ou o vinho. Talvez uma combinação dos três. Mas o que quer que a faça corar, ela precisa de mais.

Meu coração bate rapidamente e meu pau endurece ao ponto de quase insuportável.

Quando ela cobre o rosto com as mãos, o garçom passa casualmente observando, e eu agarro sua camisa e interrompo o seu caminho.

O olhar no rosto é uma mistura de choque e medo. Mas eu sou rápido para soltar meu aperto e digo.

— Mais doses.

CAPÍTULO 11

Addison

Quando estou bêbada, eu tenho alguns pensamentos estranhos. Alguns fazem sentido. Por exemplo, quantas doses tomamos? Esse parece ser um pensamento lógico, e eu não tenho certeza da resposta exata, mas pelo menos três. O que é provavelmente três, mas com o quão tensa e desajeitada eu estava no início do jantar, talvez três fossem o número certo.

Além disso, o que aconteceu com o meu carro? Eu deveria estar preocupada com isso. Mas eu estou bêbada, então caminhar parece inteligente. Eu mantenho meus pés em movimento, um após o outro, embora balance um pouco. Mas apenas ligeiramente.

O pensamento que mais importa e o que eu continuo voltando, é se Daniel pode ou não ver como minhas mãos continuam tremendo.

Tenho certeza de que o calor nas minhas bochechas é óbvio. E as borboletas no meu estômago não ficam onde deveriam. Elas voam e mexem com meu coração. Flutuando descontroladamente e com uma ansiedade que faz com que pareça que elas estão enjauladas e tentando escapar.

Talvez seja normal para o que estou fazendo.

Quando você quer beijar alguém que obviamente é um idiota, faz sentido que seu corpo se sinta ansioso e que você fuja, certo? Sem mencionar que tenho certeza de que ele ainda está lidando com isso. Quando o negócio da sua família é o crime, você não se afasta exatamente dessa vida. Esse enorme nervosismo não me deixa. Eu

não consigo parar de mexer com as minhas mãos e tenho certeza que é ridículo, mas o que mais poderia ser esperado de mim?

E depois há o fato de que ele é o irmão do meu ex. Um ex que se foi. E de muitas maneiras, foi por minha causa. Isso deveria me fazer sentir pior do que me sinto. Mas de muitas maneiras, parece que funciona da mesma forma. Só que desta vez estou correndo para o Daniel. Um homem que sonhei por tanto tempo que me consolaria e me diria que esses sentimentos estavam certos.

Obviamente, isso nunca aconteceu. E eu não tenho certeza se alguma vez acontecerá.

Há uma parte da minha mente que não pára de pensar nisso. Uma parte que se pergunta como Daniel pode estar perto de mim. Uma parte que se pergunta se ele está apenas brincando comigo. Como se ele estivesse esperando para se vingar e me dizer como realmente se sente.

E essa é a parte que me assusta quando olho para ele. Não ligo quantas vezes ele me diz que ninguém me culpa. Como eles não poderiam?

Não sei o que está acontecendo, mas tenho muito medo de parar, porque realmente quero descobrir. Estou ansiosa para finalmente saber como é ser desejada por ele.

— Você está muito nervosa. — ele diz como se estivesse se divertindo.

— Você não está?

Seu sorriso diminui e ele passa a mão pelos cabelos, olhando para a esquerda para o sinal de parada.

— Vamos para minha casa.

Estamos na esquina da Church e Fifth e sei que só preciso ir seis quarteirões e estarei a duas ruas do meu prédio... acho. Há pontos

de ônibus em toda a parte nesta cidade universitária. Assim, mesmo se eu me perder, poderia encontrar o caminho de volta para casa apenas entrando em um ônibus.

— Sua casa? — Eu o questiono enquanto olhava para os sinais. Eu estou mais do que um pouco embriagada. Mas tudo parece tão bom.

— Vamos lá — ele responde e, em seguida, pega minha mão na dele, me puxando pela rua, mesmo que o sinal na faixa de pedestres ainda esteja vermelho.

— Ainda é um infrator de regras. — provoco e acho que é do álcool. No entanto, devo achar isso mais engraçado do que ele, porque, quando estamos do outro lado, sou eu quem sorri da minha piada enquanto ele está lá. Olhando para mim como se não tivesse certeza do que fazer comigo.

— Então você não está nervoso? — Eu pergunto a ele, ousando abordar o assunto novamente. Não me importo com o que ele faz comigo. Eu desejo isso. E macacos me mordam se ele me disser que não me quer. Eu posso vê-lo em seus olhos.

Mas para quê exatamente ele me quer? Que eu ainda tenho que ter certeza.

Uma boa transa parece estar no topo da lista. Não posso argumentar contra isso.

— Eu não fico nervoso.

— Todo mundo fica nervoso. — As palavras saem da minha boca e eu conto a ele sobre um estudo que minha amiga Rae me contou. Ela é formada em Psicologia e contou-me sobre palestrantes públicos e até mesmo como os níveis de adrenalina dos palestrantes públicos profissionais aumentam quando eles entram no palco. Todo mundo fica nervoso. — Não há como negar isso.

— Se você diz, Addison. — Isso é tudo que eu recebo dele enquanto o ar da noite parece ficar mais frio e eu tremo. É quando percebo que ele ainda está segurando minha mão.

— Isso não o deixa nervoso? Não faz você se questionar... se deveríamos estar fazendo isso? — Eu levanto as mãos entrelaçadas e ele me deixa, mas não pára de andar.

— Por que não deveríamos? — ele responde, mas noto o tom duro em sua voz. *Ele sabe.*

— Há tantas razões. — eu digo e olho para a frente.

— Posso lhe contar um segredo? — Ele sussurra e do jeito que faz isso me faz rir. Uma risadinha boba que me envergonharia se eu não estivesse na versão embriagada.

— Qualquer coisa. — eu respiro.

— Eu tinha ciúmes de Tyler por ter você.

Eu quase tropeço e meu sorriso escorrega. Essa batida irregular no meu peito me faz querer levantar e bater no meu coração para derrubá-lo.

Ele continua assim que eu volto a andar.

— Você era muito jovem e Tyler chegou até você primeiro.

Eu ando com meus lábios separados, mas sem saber o que dizer ou fazer.

O braço de Daniel se move para a minha cintura enquanto seus passos vão devagar e eu olho para cima para ver uma fileira de casas. Casas bonitinhas a poucos quarteirões do campus da universidade. Elas são o tipo de casas que vêm equipadas com cercas brancas e, pela segunda vez em quinze minutos, eu quase tropeço.

— O quanto você está bêbada? — Daniel questiona com um tom sério.

— Desculpe, não tão bêbada. — eu lhe respondo enquanto caminhamos pelo caminho pavimentado até à porta da frente de uma casa bonita com venezianas azuis. Meu coração não vai desistir, mas eu ignoro e mudo de assunto. — Esta é sua casa?

— Apenas alugando.

Eu aceno com a cabeça e, tanto quanto isso faz sentido, é também uma coisa a menos para questionar. E agora eu me encontro nos degraus da frente da casa de Daniel, com a mão dele na minha. Bêbada depois que eu confessei a ele como me sinto.

Não é a coisa mais inteligente que já fiz, nem a melhor decisão que tomei na minha vida.

Mas talvez eu acorde em cinco minutos, e isso será apenas mais um dos meus sonhos.

Minha respiração fica pesada quando Daniel deixa sua mão descer pelas minhas costas e eu instantaneamente aqueço em todos os lugares para ele. Meu coração bate forte e minha pressão arterial aumenta. Estou quase com medo de como meu corpo está reagindo tão intensamente. Ele tem que ver, mas se vê, não deixa transparecer.

Não preciso de Rae ou um psiquiatra ou de alguém para me dizer que vou me arrepender disso. Eu já sei disso.

Talvez eu possa culpar o álcool.

Ou a inundação repentina de memórias.

Privação do sono, também é uma boa desculpa.

Não me importo com o que culpo. Enquanto isso acontecer. Eu o queria por tanto tempo, mesmo que fosse à distância. Uma luxúria não correspondida e proibida, não amor. Eu me recuso a acreditar que seja amor.

Há muito tempo, perdi a chance de ter o que sempre quis. Não há como não insistir agora.

Observo Daniel pegar a maçaneta da porta, mas pára, abaixando a mão e direcionando o olhar para mim.

— O que você está pensando? — Daniel me pergunta e instintivamente eu olho para ele, engolindo em seco e lambendo meus lábios. Eu amo como seus olhos piscam para eles e eu hesitantemente o alcanço, espetando meus dedos em seus cabelos.

E ele deixa.

Ele abaixa os lábios e os roça suavemente contra os meus, embora ele ainda não me beije. Os persistentes aromas de uísque e vodka se misturam com minha luxúria e amor por más decisões, me dando uma sensação inebriante.

***

— Eu sempre soube que você era péssimo para mim. — eu sussurro contra seus lábios quando ele se abaixa para me beijar. Para realmente pressionar seus lábios quentes contra os meus neste momento. Sua língua exige entrada, lambendo a costura dos meus lábios e eu concedo a ele seu desejo. O beijo acalorado dura pouco e fico sem fôlego.

Eu posso sentir seu sorriso quando ele se afasta, pegando a chave do bolso e lambendo o lábio inferior. Eu amo quando ele faz isso. Lento, sensual e como se estivesse escondendo um segredo que o excita muito.

— Ser péssimo para você não é nem o começo, Addison.

CAPÍTULO 12

Daniel

Pouco contido.

Tudo sobre mim é pouco contido. Tudo em que consigo pensar é arrancar as roupas de Addison e finalmente entrar em sua boceta apertada. Eu sei que ela me quer. Ela está suspirando baixinho toda vez que deixo minha pele tocar a dela, enchendo o ar noturno com suas suspiros de necessidade.

Pequenos toques. Começou como uma forma de provocá-la quando voltamos para a casa que estou alugando. Pequenas carícias que me fizeram sorrir para seu desespero.

Ela é tão responsiva. Tão carente.

Eu não aguento mais.

Eu sempre soube que era egoísta. É algo que meu pai disse que eu herdei dele. Ele olhou para mim com orgulho quando disse isso também.

Hoje à noite vou tirar proveito dessa característica em particular.

A porta da frente se abre e está escuro lá dentro. Não perco meu tempo tropeçando na luz do saguão.

Vou transar com ela na minha cama. Já decidi isso.

— Daniel... — Addison engasga meu nome quando eu a pego com um braço, forçando suas pernas a envolverem meus quadris. A porta se fecha e eu a tranco enquanto esmago meus lábios nos dela.

O meu nome. Ela está ofegando meu nome. Ela também vai gritar. Ouvir aquela voz assustadoramente doce dizer meu nome

como se fosse a única palavra que deveria sair de seus lábios é tudo que eu sempre quis. Maldita música para os meus ouvidos.

Ela geme na minha boca e depois se afasta para respirar, seu pescoço arqueando enquanto eu pressiono minha ereção dura contra seu calor, empurrando-a para a porta e beliscando seu pescoço.

— Lá em cima. — eu gemo contra sua pele quente, embora ela não tenha uma escolha no assunto. Eu só disse isso para me lembrar de que não estou transando com ela aqui.

Ainda não. Apenas alguns segundos de distância. Apenas alguns segundos.

Subo as escadas de dois em dois degraus de cada vez, fazendo-a se agarrar a mim. Meu coração parece que está perdendo o controle, batendo caoticamente. Todo o sangue do meu corpo deve estar no meu pau. Seus lábios batem contra o meu pescoço repetidamente e suas unhas cravam nos meus ombros através da minha camisa.

— Daniel. — ela geme e meu nome em seus lábios é um pecado. Eu chuto a porta do quarto e o luar brilha através das cortinas, me dando tudo o que preciso para ver tudo isso.

Eu quero lembrar todos os detalhes. Mal posso respirar e o álcool está fluindo através do meu sangue, mas vou me lembrar de todos os detalhes dessa noite.

A cama range com seu suspiro surpreso quando eu a jogo sobre ela e puxo minha camisa sobre meus ombros. Ela ainda está tentando se equilibrar enquanto eu tiro minhas calças e rastejo na cama para chegar até ela. Minha respiração está curta e frenética. Eu ficaria envergonhado, mas Addison está igual. Ela está tão ansiosa e

não há nada neste mundo que possa me fazer sentir mais desejo do que a maneira como ela me olha com nada além de luxúria.

Algo rasga quando eu puxo seu vestido, arrancando-o dos ombros e descendo pelo corpo. Antes de tirar sua calcinha para se juntar à poça de roupas na cama, eu seguro sua boceta quente enquanto a beijo novamente. E desta vez sou eu quem geme em sua boca.

Meu pau já está incrivelmente duro, e o pré sêmen está vazando de mim ao sentir o tecido sedoso sob meus dedos, quente e úmido com sua excitação.

Não me incomodo em tirá-las com cuidado. Mas eu nunca pensei que faria isso também. Triturando-as com as mãos, eu ignoro seu suspiro de surpresa e rapidamente abaixo minha boca em sua boceta.

Ela cai de volta no colchão, passando os dedos pelos meus cabelos enquanto eu a lambo da entrada ao clitóris.

Tão doce. Mais doce que as bebidas. Mais doce que o traço de vinho em seus lábios quando ela me beijou.

Não há tempo suficiente em uma única noite para tudo o que quero fazer com ela. Eu mal me afasto de seu clitóris para enfiar dois dedos dentro dela. Não sou gentil enquanto enfio nela, empurrando o mais fundo que posso.

Suas costas arqueiam, ameaçando afastar sua boceta, mas eu prendo seu quadril para baixo e enrolo meus dedos para acariciar sua parede frontal. Os doces gemidos estrangulados são tudo que eu preciso e tudo que eu sempre quis.

Faço uma pausa por apenas um segundo para assistir a reação dela. Como seus olhos estão semicerrados, e ela está me encarando. Seus olhos verde-escuros encontram os meus e eu pressiono meu

polegar em seu nó inchado para vê-la jogar a cabeça para trás em prazer. Sua boceta aperta meus dedos com necessidade.

— Tão apertada. — digo com reverência.

— Já faz um tempo. — ela respira enquanto se contorce.

***

Eu quase pergunto quanto tempo. *Quase.*

Há uma pequena voz na parte de trás da minha cabeça que continua sussurrando que ela não me pertence e quando ela pronuncia essas palavras, eu tenho plena consciência de como meu irmão a teve pela primeira vez.

Ele pode ter sido o primeiro, mas vou arruiná-la.

Vou fazê-la minha e fazê-la esquecer qualquer outro homem que a tenha tocado.

Meu pau palpita com uma dor quase insuportável pelo desejo de estar dentro dela. Para empurrá-la e levá-la exatamente como eu estava imaginando desde que a vi quatro noites atrás.

Meus dedos envolvem sua garganta e, ao mesmo tempo, apalpo meu pau.

— Eu quero que você olhe para mim. — digo a ela, embora esteja respirando pesadamente. Eu a sinto engolir contra o meu aperto e então ela assente. Alinhando meu pau, pressiono a cabeça entre suas dobras e ela estremece debaixo de mim.

Seu gemido suave vibra contra a minha mão e então eu bato tudo dentro dela. Cada pedaço de mim, e eu observo seus olhos se arregalarem e sua boca se abrir com um suspiro agudo.

Porra! Ela se sente muito bem e imediatamente estremece num orgasmo, ao redor do meu pau. Não consigo me mexer nem respirar. Se eu fizer, vou gozar com ela sem pensar duas vezes.

É preciso cada grama de controle que tenho para manter meus olhos nos dela. Observá-la para que eu me lembre disso para sempre.

Seu corpo treme enquanto ela tenta curvar suas costas, mas eu estou segurando-a, fazendo-a aguentar tudo. Suas mãos alcançam seu pescoço. Suas unhas estão cavando em meus dedos enquanto eu empurro de novo e de novo, forçando meu aperto, mas ainda a deixando respirar. Sim! Eu amo como ela me deixa possuir seu corpo. *Minha. Toda minha.*

Sua boceta aperta em volta do meu pau até o ponto em que está me estrangulando do jeito que eu faço com ela. A sala está cheia dos meus ruídos transando implacavelmente.

Eu solto meu aperto enquanto eu bato nela e ela respira fundo. Sentindo sua respiração e lutando contra mim, meus lábios batem contra os dela. Com o peito dela pressionado contra mim, eu posso sentir seu coração batendo tão forte contra o meu.

Suas unhas arranham meus braços e eu posso dizer que ela não tem certeza se quer se agarrar a mim pela sua vida ou me empurrar para longe. Eu levanto meus lábios dos dela para respirar e ela grita meu nome com reverência. Sua reação só me faz fodê-la com mais força, com cada grama de energia em mim. *Minha.*

Meus dedos cavam em seus quadris enquanto eu mantenho o meu ritmo implacável, cada golpe me levando mais e mais para um prazer que quase me faz gozar. Meus dedos se curvam e eu luto para respirar, mas eu coloco cada pedaço de energia em seus olhos.

Enquanto ela grita meu nome, seus dentes apertam e seus calcanhares cravam em minha bunda. Suas unhas rasgam a pele na parte inferior das minhas costas enquanto ela goza violentamente no meu pau.

Meu corpo me implora para ceder e enterrar minha cabeça na curva de seu pescoço enquanto eu gozo dentro dela, mas eu não posso. Ainda não.

Minha. A palavra escapa dos meus lábios enquanto ela grita meu nome novamente. Suas costas arqueiam enquanto ela luta debaixo de mim, empurrando contra o meu peito.

— Olhe para mim. — eu ordeno a ela enquanto me enfio dentro dela profundamente, parando pela primeira vez desde que entrei nela. Meu pau bate no fundo, esticando-a e forçando os lábios para fazer um perfeito O.

Seus olhos encontram os meus, dilatados com uma selvageria que eu nunca vi. Eu escovo meus pêlos pubianos contra seu clitóris, dobrando um pouco e balançando. Só para ver o quanto ela pode aguentar.

— Daniel. — ela choraminga meu nome enquanto ela move a cabeça de um lado para o outro, gozando novamente, embora eu tenha parado dentro dela. Sua boceta aperta e tenta ordenhar meu pau. E eu gemo do fundo do meu peito com a sensação.

— Porra. — eu murmuro, em seguida, prendo a respiração e tensiono meu corpo.

Ainda não. Eu não posso gozar ainda.

É só quando o seu orgasmo passa e o seu corpo pára, que eu me movo novamente.

Mais uma vez. Mais uma é tudo que posso aguentar.

Minha testa repousa sobre o colchão acima de seu ombro e eu gentilmente beijo sua pele macia embora ela recue da sensação. Até isso é demais para ela. Ela já está gozando novamente.

Eu atravesso seu orgasmo, batendo em seu calor e com cada impulso a palavra 'minha' escapa entre meus dentes cerrados.

Mesmo quando gozo profundamente dentro dela, não respirando, não me movendo com a única exceção sendo o pulsar do meu pau. Mesmo naquele momento eu sussurro a palavra contra a concha de sua orelha. *Minha.*

***

Eu nunca fui capaz de dormir bem.

Algumas pessoas não nascem para ter sono pesado.

Então, ao invés de tentar dormir, eu observo Addison no escuro. Meus olhos se ajustam facilmente e com a luz da lua brilhando através das frestas das persianas, eu posso ver cada característica sua claramente. Eu posso ver a suave subida e descida de seu peito com sua respiração firme e o pequeno declive em seu pescoço que me implora para beijá-lo.

Eu esqueci o quanto eu a queria tanto anos atrás. A emoção de tê-la perto e o desejo de segurá-la superaram as lembranças. Mas vendo sua beleza tão próxima e a fera dentro de mim saciada, não há como negar a atração.

Ninguém nunca me chamou a atenção como Addison. Ninguém me faz esquecer de tudo como ela faz. Nada mais importa quando ela está perto de mim. Apenas a necessidade de ter certeza de que ela sabe que eu a vejo, que a sinto, que a quero.

E agora eu a tenho.

Um profundo som de satisfação deixa meu peito. Addison me espelha em seu sono, um doce gemido deslizando por seus lábios enquanto ela se aproxima mais de mim. Mas então ela endurece.

Meu corpo fica tenso com a reação dela.

Eu vejo seus cílios vibrarem e a realização se manifestar em sua expressão. O choque é evidente em seu rosto enquanto ela lentamente levanta seu corpo, apoiando-se em uma palma da mão. Cobrindo o peito com o lençol, os lábios entreabertos e a testa apertada. Ela aperta as coxas e eu nunca me senti tão orgulhoso.

Há um calor no meu corpo, sabendo como eu a tomei como se o corpo dela fosse só meu para estragar.

Tem sido horas, horas a simplesmente observá-la tão perto de mim e memorizar as curvas de seu corpo. E ela ainda pode me sentir dentro dela.

Com o fantasma de um gemido em seus lábios, ela lentamente desliza para fora do colchão, ignorando como ele mergulha e pode me acordar. Como se ela não se importasse de eu acordar.

Meu coração gagueja e a insinuação de felicidade em minha expressão cai. Ela está indo embora? O caralho é que está.

— O que você está fazendo? — Minha voz é aguda na noite e isso a assusta. Mas só o suficiente para ela se virar para mim. Com uma mão espalmada sobre o peito e a outra cobrindo sua boceta nua, ela olha de mim para a pilha de suas roupas no chão.

Vendo-a nua, e melhor ainda, tentando esconder essa nudez de mim faz meu pau duro em um instante. Eu já estou ansioso por mais dela. A fenda do meu pau está molhada de pré-sêmen e meu pau grosso se contorce ao pensar em tomá-la novamente. Eu posso mantê-la aqui. Ela vai ficar. Eu sei que ela vai.

— Eu tenho que ir. — ela fala suavemente, as palavras em um murmúrio.

— Você não tem que fazer nada além de voltar para a minha cama. — eu ordeno e, em seguida, deixo meus olhos vagarem pelo seu corpo, certificando-me de que ela sabe exatamente o que eu quero. — Deite.

Ela hesita, mas só por um momento. E então ela se abaixa lentamente, primeiro apoiando-se no cotovelo e depois aninhando-se nas cobertas. Aquele calor volta assim que ela volta para onde pertence. O traço do medo de perdê-la e a sensação repugnante de que ela está indo embora ainda estão presentes, mas sem som.

Assim que ela se acomoda, olhando para mim na escuridão com a luz da lua destacando seu rosto, eu me inclino e a beijo nos lábios. Não é um beijo gentil e nem um beijo de boa noite também.

Ela está sem fôlego quando eu puxo para trás e meu próprio peito arfante por ar, mas eu falo calmamente, com o controle que eu espero.

— Abra suas pernas para mim. — eu digo a ela e antes que ela recupere o controle, faz o que eu disse. Suas coxas abrem tão facilmente conforme um rubor cobre sua pele e seus olhos brilham com a mesma fome da qual eu me lembro de tanto tempo atrás.

Eu a pego de surpresa, empurrando minha mão entre suas coxas e empurrando meus dedos em sua boceta. Batendo meus lábios nos dela, eu silencio seus gritos. Suas costas se curvam e ela se contorce debaixo de mim, tentando se afastar da intensidade.

Fixando seu quadril, eu a mantenho onde a quero e o dedo a fode até que ela esteja gritando na minha boca. Meus dentes afundam em seu lábio e depois beliscam ao longo de sua mandíbula, enquanto eu estou apreciando seus gritos de prazer e

quão apertada sua boceta fica, quando ela tem espasmos em volta dos meus dedos grossos. Com meu polegar em seu clitóris, eu não paro até que ela esteja sem fôlego e não possa mais fazer um som enquanto goza na minha mão. Seu corpo ainda está tremendo quando eu finalmente me enfio dentro dela.

E é o meu nome em seus lábios.

Meu pau envolto em seu calor.

É na minha cama que ela dorme.

Toda minha.

CAPÍTULO 13

Addison

Há cinco anos

Eu sei que deveria parar com isso. Minha barriga dói com esse nojo.

Eu me odeio por isso.

Por usar Tyler como uma distração.

Saímos todos os dias, tirando fotos de todo tipo de coisa. O projeto acabou, mas ele continua perguntando se eu quero ir. E eu nunca digo não a ele.

É melhor do que voltar para a casa dos Brauns.

— Vamos lá. — diz Tyler e aponta para um caminho degradado na floresta atrás do parque. Estamos no final do parque e eu conheço essa área. À nossa frente, está o riacho e, se formos à esquerda e caminhar meio quilômetro ou mais, acabaremos na linha da rodovia e poderemos segui-la de volta ao estacionamento. Há trilhas de corrida ao longo do caminho também. Embora eu não goste de correr. Eu apenas ando e tiro fotos. Eu gosto de fazer isso com Tyler.

Um passo para segui-lo. Dois passos e ele pega minha mão.

Deslizo a minha na dele e ele aperta com força quando a segura. É uma coisa pequena, mas ele realmente segura minha mão como ele quis dizer. E aquela sensação de mal estar no estômago não parece nada comparada à sensação agridoce do meu coração. Não tenho certeza se é realmente dor ou o que é.

Mas quero mais dele.

Uma parte de mim sabe que é egoísta. Essa parte fica quieta quando galhos caídos se quebram sob o nosso peso e paramos em uma clareira na beira do riacho.

— É lindo. — eu sussurro, olhando para o riacho borbulhante. É o tom mais suave de azul, embora fique mais escuro onde é mais profundo.

— Como você, — ele diz e me dá um sorriso encantador. Quando ele solta minha mão para tirar o casaco e o coloca no chão, esses sentimentos se misturam, e a mistura resultante é algo que eu não sei como lidar.

Mas Tyler conhece meus segredos e me viu naqueles momentos que eu gostaria de não ter tido. Aqueles em que eu choro e às vezes é difícil saber o que causou a explosão.

Eu juro que costumava ser feliz. Eu costumava ser normal. Mas nunca serei normal novamente.

Embora a jaqueta de Tyler esteja plana, ele se senta ao lado dela na terra e me acena, dando tapinhas no tecido e olhando para mim com grandes olhos de cachorrinho. Ele não pede muito de mim, mas não posso deixar de sentir que hoje pode ser diferente.

Meus ombros se encolhem um pouco quando me sento e coloco meu cabelo atrás da orelha.

É preciso tudo em mim para olhar para ele. Olhar para Tyler e tentar avaliar sua intenção.

— Você quer dormir comigo? – Eu pergunto a ele sem rodeios.

Ele solta uma risada latente e descansa os antebraços nos joelhos enquanto olha para o riacho. Olhando para mim, ele responde: — Eu li uma vez, acho que em um livro de Biologia, que adolescentes se excitam demais.

Não posso evitar o sorriso que racha no meu rosto com a piada dele. Era assim que Tyler lidava com algo sério. Ele apenas fazia uma piada e desviava.

— Falando sério. — digo então, esfrego as palmas das mãos nos joelhos, em vez de olhar para ele enquanto continuo: — Eu não entendo porque você continua saindo comigo.

Ele dá de ombros.

— Gosto de passar tempo com você. — ele diz.

— Então você não quer me levar para a cama.

— Eu definitivamente quero transar com você.

Estou chocado com a sua sinceridade. Tyler é... cuidadoso perto de mim. Sinto que ele considera cada palavra cuidadosamente antes de falar comigo. Como se ele dissesse a coisa errada e eu fugisse. E isso não está muito longe da verdade.

— Você ainda não tentou nada...

— Não confunda minha paciência com falta de interesse. — No segundo em que as palavras escapam dele, Tyler solta uma risada genuína. — De todas as coisas sujas que eu poderia dizer, é isso que faz você corar?

É só então que sinto o calor nas minhas bochechas. Combina com outros lugares também.

Minutos passam, nós dois dando uma pequena olhada um para o outro, assistindo o pôr do sol descer atrás da floresta com tons de laranja e vermelho no céu azul claro. Ele até joga alguns galhos e pedras no riacho. Ele tenta ignorá-los, mas não é muito bom nisso.

— Eu acho que você ia gostar se eu lhe beijasse aqui. — Ele quase murmura suas palavras quando me pega olhando para ele. Elas são faladas muito baixo e quase distraidamente.

Seus lábios roçam no meu pescoço e o desejo varre meu corpo inesperadamente. As minhas mãos se movem para o peito dele e eu empurro para longe de seu toque avassalador com meus lábios entreabertos, minha respiração roubada.

Ele pisca a luxúria em seu olhar e lentamente um sorriso se forma em seu rosto.

— Eu sabia que você gostaria.

Enquanto eu mordo meu lábio, ele se inclina para a frente com cautela, julgando minha reação e então faz isso de novo. Seus lábios beijam cada parte do meu pescoço e até o ponto macio atrás da minha orelha.

***

E foi por isso que dormi com Tyler. Ele disse e fez tudo o que me fez dormir com ele, e sentir que estava certo e deveria estar.

Assim que começamos a caminhar de volta para a caminhonete, aquele sentimento doentio voltou. E comecei a pensar que amanhã ele seria diferente. Que ele conseguiu o que queria, então ele não queria mais ficar comigo.

Mas eu estava errada de novo. Ele me segurou mais apertado. Conversou comigo de modo mais doce. E me amou mais do que antes.

Tyler foi paciente. Ele não olhou para mim como se eu estivesse quebrada, mas ele me tratou como se me quebrar fosse o pior pecado do mundo.

Eu nunca poderia dizer a ele que não.

Mesmo se eu ainda pensasse em seu irmão de maneiras que eu não deveria ter feito. Ele disse e fez tudo o que fez para eu sentir que dormir com ele que estava certo e deveria ser.

***

Você não deve comparar amantes.

Certamente não irmãos.

Foi uma fantasia viva sentir a pele de Daniel contra a minha. Para finalmente saber como é me contorcer sob ele.

Mas isso é tudo que ele pode ser. Uma fantasia.

Uma que eu estou prolongando, deixando os dias se misturarem em um turbilhão de álcool e sexo. Ele me manda uma mensagem e eu vou. Nós bebemos. Nós transamos. Não há conversas mais embaraçosas do nosso passado, mas o lembrete fica no fundo do meu estômago.

Eu não sou idiota. Daniel não é bom. E essa coisa entre nós é apenas duas pessoas cedendo a um sonho que tivemos há muito tempo.

É tudo que consome e eu não faria de outra maneira.

Mas no momento em que esta nuvem de luxúria e felicidade se dissipar, ficarei com a verdade sóbria.

Eu me entreguei a um homem que só me viu como um brinquedo.

Eu dormi com alguém que realmente deveria me odiar por ser a razão pela qual seu irmão está morto.

E os eventos que permiti que acontecessem são algo que deveria me envergonhar por toda a vida.

Não há como contornar esses fatos difíceis. Mas é bom ignorá-los por um tempo e nos momentos em que Daniel está comigo, parece diferente. Parece que nada mais existe.

E quando seu mundo é feito de nada além de lembranças dolorosas que você está constantemente tentando superar, é um alívio para que nada mais exista.

Bem, nada além dessa vibração no meu peito e essa dor entre minhas coxas. Eu amo isso. Adoro me sentir assim mesmo que o nervosismo e os pequenos fragmentos de medo penetrem.

Foi melhor do que eu poderia imaginar. Mesmo quando acordei sozinha pela manhã. Mesmo quando peguei o ônibus para casa com o cabelo bagunçado e ainda com as roupas da noite anterior.

O caminho da vergonha nunca tinha sido tão bom pra caralho.

Eu mordo meu lábio para manter o sorriso no meu rosto de ser muito presunçosa.

Era algo que eu sabia que iria me arrepender, mas agora tudo o que faço é amar esse erro horrível.

Repetidamente.

A colher bate contra a caneca de cerâmica enquanto misturo o açúcar para o meu chá. Eu preciso muito de cafeína. Dormi profundamente nos últimos três dias, dois deles na cama de Daniel, apenas para ser acordada de vez em quando e transar no colchão. É bom estar de volta ao meu apartamento, onde posso descansar sem ser incomodada. Ele teve uma reunião ontem à noite, então eu dormi sozinha, o que é uma coisa boa. Estou muito dolorida para mais Daniel agora.

Um sorriso enfeita meu rosto enquanto levanto a caneca aos meus lábios.

Sopro o topo da caneca, respirando o cheiro calmante do chá preto e evitando o vapor quente. Com os olhos fechados, sinto que poderia voltar para a cama agora.

Meu pequeno momento é interrompido pelo som do meu telefone tocando. É um ruído distinto e eu sei exatamente quem é pelo tom. É de um aplicativo que permite que você envie mensagens de texto para pessoas do exterior por um preço baixo. O que significa que é Rae.

A caneca atinge o balcão de forma um pouco mais agressiva do que eu gostaria, bebendo um pouco de chá no balcão enquanto pego meu telefone.

— Merda. — murmuro baixinho, mas não me incomodo com isso. Eu preciso falar com Rae.

Como você está, amor? Saudades.

Ela sempre me chama de amor. Ela me chama de atrevida e vaca também. Eu amo a dicção do Reino Unido e seus sotaques. Uma parte muito grande de mim sente sua falta e da pequena cidade de fazenda que ela vive. Mas nunca será o meu lar. Mando uma mensagem de volta.

Muitas saudades. Como está sua mãe?

Espero com os olhos na tela e meus lábios se contraem. Ela não responde rapidamente, então eu me preocupo em limpar o derramamento e tomar outro gole de chá. A mãe de Rae está passando por alguns problemas de saúde. Eu sei que tem sido um pé no saco para as duas. Ou no traseiro, se for Rae falando sobre isso.

Mamãe está bem. Feliz por agora e aproveitando o tempo de folga do trabalho. Como você tem estado?

Começo a escrever tudo para ela desde o começo, mas depois apago. E então eu tento mais uma vez, mas as palavras não saem bem. Antes que eu possa lhe enviar uma mensagem, ela envia uma mensagem novamente.

Estou pensando em voltar para aquele bar em Leeds e ter outra chance nas boy bands de lá. Fez-me pensar em você.

A lembrança me faz sorrir e espalha uma sensação de calor e felicidade por mim. Respondo com simplicidade:

Acho que estou saindo com alguém. Mas não tenho certeza se é bom ou ruim.

'Saindo com alguém' pode ser um exagero. É só transa. Eu sou inteligente o suficiente para saber disso.

Ela escreve de volta rapidamente desta vez.

Conte-me tudo.

Você já o conhece. Bem, sabe dele. É Daniel.

Sinto uma pontada momentânea de culpa, como se eu o tivesse traído. Como se dizer em voz alta o que há entre nós pudesse estragá-lo. Porque ninguém mais vai entender.

O irmão de Tyler?

Eu olho para a sua resposta e sinto aquele pico de desgosto e vergonha que eu deveria saber que estava por vir.

Sim.

É tudo o que posso escrever de volta. A caneca treme levemente em minhas mãos, mas eu a ignoro, tomando uma bebida, embora agora o calor pareça diferente em meus lábios. Menos calmante e menos reconfortante. Mesmo que ainda não esteja morno.

Saindo com ele? Ela questiona.

Coloquei a caneca de volta e reuni coragem para tentar fazê-la entender. Ela sabe tudo. Incluindo como eu deixei Tyler por causa do que eu sentia por Daniel. O que eu pensei que era unilateral e uma indicação de quão terrível eu era. Tudo que eu tinha que fazer era amar Tyler de volta. Em vez disso, arruinei o que tínhamos por causa de pensamentos sujos que não conseguia parar de ter.

Nós nos encontramos. E eu disse a ele como me sentia sobre ele.

Um momento passa e depois outro. E esse sentimento em meu estômago e coração mantém isso. Torcendo e apertando até me sentir retorcida. Eu gostaria de poder dizer que não me importo

com o que ela pensa sobre isso. Mas ela é a única pessoa que me resta. Tomo cuidado para não me aproximar muito de ninguém. Todo mundo que eu amo morre. Portanto, é melhor não deixar as pessoas se aproximarem. Rae é a única exceção.

Como você se sente com isso?

Soltei uma única risada, como um suspiro de risada pela resposta dela. Eu escrevo de volta,

Você parece uma psiquiatra.

Parece que você pode precisar de um.

Sua resposta faz o pequeno alívio desaparecer.

Talvez eu precise.

Apenas me preocupo com você, ela me envia uma mensagem de texto e acrescenta: *eu sei que isso tem que trazer de volta memórias e outras coisas desagradáveis.*

Traz. Mas também parece um alívio. E muito mais que isso.

Você está namorando? Ela pergunta.

Reviro os olhos para essa pergunta. Ela sabe bem.

Eu não namoro.

Ela envia de volta um emoji revirando os olhos e um riso genuíno me deixa.

Apenas cuide-se, sim?

Ela é uma boa amiga e eu sei que ela ficaria preocupada.

Você estourou minha bolha, eu digo a ela e realmente quero dizer isso.

Há cinco anos

Os lábios de Tyler deslizam até a dobra do meu pescoço. Ele sabe exatamente o ponto que me deixa molhada por ele.

Minhas mãos pressionam contra seu peito e o movimento faz meu corpo afundar mais fundo no colchão embaixo dele.

— Abra suas pernas. — Ele dá o comando contra a minha pele, me deixando mais quente... mais carente. Mas meus olhos disparam para a porta e depois voltam para ele.

— Mas e os seus irmãos... — sussurro como se minhas palavras fossem um segredo.

Tyler se afasta, sem fôlego e ofegando com a necessidade. Ele sempre faz amor comigo descontroladamente. Como se fosse tudo o que ele precisa. Cada vez é rápido, mas ele cuida de mim primeiro. Mordo meu lábio inferior quando ele passa por cima de mim e depois olha por cima do ombro para a porta.

— Eles não se importam. — ele me diz e só posso engolir o nó na garganta.

Um irmão se importa. Eu sei que sim. Ele olha para mim como se eu fosse uma prostituta sempre que fico aqui. E eu ainda nem dormi com Tyler sob o teto dos Cross.

— Não quero que pensem que vou ficar só para podermos fazer sexo.

— Eles não acham isso. — Tyler sorri e escova o cabelo do meu rosto enquanto puxo as cobertas para mais perto de mim. Eu ainda estou com minha camisola; Tyler acabou de puxar o tecido em volta da minha cintura.

— E se eles acharem que estou usando você, para não precisar voltar para casa? Como se eu estivesse abrindo minhas pernas para que eu pudesse ter um lugar para ficar. Ouvi uma garota dizer isso na escola há

uma semana e o pensamento não me deixou. É verdade que não quero voltar. Mas eu também não sou uma prostituta.

— Eu tenho que implorar para você ficar aqui, Addie. Eles podem ouvir isso. Eles sabem disso. E estamos namorando há quanto tempo?

Quase seis meses depois do dia em que ele bateu no meu ombro na aula de Ciências.

O desconforto ainda não me deixa e eu fico olhando para a porta até que a mão de Tyler segura meu queixo.

— Podemos ficar quietos. — ele sussurra e abaixa os lábios nos meus.

Meus olhos se fecham e eu me permito sentir seu calor e conforto.

— Apenas me beije. — ele me diz enquanto desliza a mão entre as minhas pernas, separando minhas coxas por ele.

Eu mantenho meus olhos fechados e tento ficar quieta. Meus gemidos abafados carregam através das paredes, assim como os sons inconfundíveis e o ritmo constante de Tyler me fodendo.

Eu sei por causa do jeito que Daniel olhou para mim tarde da noite, quando entrei no corredor para usar o banheiro.

Minha mão estava na maçaneta da porta quando ele abriu a porta do quarto. Preso em seu olhar aquecido, eu não conseguia me mexer; eu não conseguia respirar. Ele deixou seu olhar percorrer minha camisola antes de olhar nos meus olhos.

Nunca esquecerei a maneira como meu corpo se aqueceu por ele e como meu coração bateu forte. Eu pensei que ele ia me punir, me prender na parede e me fazer gritar. É assim que ele teria transado comigo. O tipo de sexo em que você não pode ficar quieto.

Em vez de fazer ou dizer qualquer coisa, Daniel se virou, voltando direto para o quarto.

Fiquei no banheiro por mais tempo, me sentindo a pior coisa do mundo. Como uma prostituta, uma fraude e uma cadela ingrata.

Esgueirei-me na minha camisola, com minhas roupas apertadas em uma bola na minha mão e dirigi para casa o mais rápido que pude.

Não voltei para a casa dos Cross por semanas. E na vez seguinte que deixei Tyler transar comigo em sua cama, não fiquei calada com quase nada.

CAPÍTULO 14

Daniel

É engraçado como ela fica me olhando como se estivesse esperando que eu vá embora. Como ontem, ela ficou surpresa quando eu lhe disse para vir. Nunca esquecerei seu olhar tímido em seu rosto. Como seus olhos examinaram os meus e ela hesitou em entrar.

Enquanto eu estiver nesta cidade pequena, ela precisa estar na minha cama. Cada segundo que eu puder tê-la. Nossa noite de sexo se transformou em uma semana... se transformou em duas.

Eu esperei por tanto tempo para tê-la. Ela pensou que eu estaria satisfeito tão rapidamente?

Enquanto ela se estica na minha cama, o lençol desliza e revela mais de suas costas, junto com a curva da cintura.

Eu poderia me acostumar com isso. Acordando com ela na minha cama, indo dormir ao seu lado.

Se eu pudesse mantê-la aqui para sempre, eu o faria.

— Isso foi bom. — ela sussurra enquanto se vira e coloca a mão no meu peito nu. Seu dedo traça até o mergulho abaixo da minha garganta e depois se move mais baixo e mais baixo ainda. Agitando meu pau já gasto de volta à vida.

— Cuidado com o que você pede. — eu a aviso em um timbre áspero enquanto seguro um gemido.

Eu posso senti-la sorrir no meu ombro e então ela ri docemente.

— Eu acho que preciso tomar um banho primeiro. — ela diz.

— Você vai precisar de outra quando eu terminar com você. — Eu percebo a maneira que suas pernas se apertam debaixo dos lençóis em meu comentário.

— Tomar banho primeiro. — ela diz como se tivesse decidido. Se eu tivesse dormido bem a noite passada, deslizaria minha língua entre as coxas e a convenceria do contrário. Mas o local da reunião mudou ontem e depois novamente. Parece que a mensagem que eu estava esperando que Marcus entregasse também mudou e Carter está no limite com o que está por vir.

O pensamento indesejado é o que me motiva a levantar. Eu fiquei atordoado com Addison. Ela é uma distração.

Estalo meu pescoço e estico os braços antes de sair da cama com uma sensação de torção no estômago.

De costas para Addison, ela traça a pequena cicatriz na parte inferior do meu ombro. Uma cicatriz que há muito esqueci. Na verdade, existem algumas, mas elas são fracas. Apenas uma é facilmente vista.

— Como você conseguiu isso? — Ela me pergunta e eu aperto minha mandíbula enquanto me levanto.

Ela sempre gostou do meu pai. Ele era um bom homem... pelo menos para ela. E o negócio da família talvez não tivesse sobrevivido se ele não tivesse sido tão duro comigo e com Carter.

— Eu escapei do meu pai. — explico, mantendo-o curto e simples, quando saio da cama e pego uma cueca boxer da cômoda. Minha voz soa tensa até para meus próprios ouvidos.

Meu pau já está duro e querendo mais dela, mas o lembrete desagradável da minha infância me faz querer me enterrar no trabalho. Eu tenho um arquivo criptografado. Deveria examinar detalhes de uma grande remessa que vem na próxima semana. Ele

inclui uma lista de novas contratações e Carter sempre fica cauteloso quando se trata de novas pessoas descarregando estoque.

— Você escapou? — Ela pergunta e eu me viro para o som triste de sua voz. Meu estômago revira quando vejo sua expressão. Como se ela não acreditasse que meu pai alguma vez tivesse me atingido.

Ela não faz ideia.

— Eu deveria ter pensado melhor. — Minhas palavras não fazem nada para mudar a aparência dos seus olhos e quando eles se movem da fina dispersão de cicatrizes de prata nas minhas costas para o meu próprio olhar, tudo o que vejo é compaixão. E eu não quero isso. Não de ninguém, e com certeza não dela.

— Esquece isso, Addison. — Volto para a cômoda para apanhar calças e uma camisa, abrindo uma gaveta e fechando com força antes de passar para a próxima.

— O que você disse? — Eu a ouço perguntar baixinho enquanto fecho uma terceira gaveta, ainda não encontrando o que estou procurando. A quarta gaveta bate com mais força do que eu pretendia.

— Não importa. — Minha resposta não a perturba.

— Eu nunca pensaria que ele alguma vez…

— Ele guardou esse lado de si mesmo para Carter e eu. — digo, cortando-a bruscamente antes que eu possa me conter. Aparentemente, a raiva é mais forte do que eu pensava. Até agora, presumi que a animosidade tivesse sido enterrada com ele quando morreu.

— Sinto muito. — ela diz suavemente e isso apenas aumenta minha agitação.

O ar está tenso no quarto quando visto uma camiseta e uma calça de pijama, uma de flanela xadrez usada.

— Você me empresta uma? — Addison pergunta, aparentemente pronta para seguir em frente com a revelação de que meu pai não era o santo que Tyler o fez parecer.

Eu quase jogo uma camiseta preta Henley em direção à cama, mas em vez disso eu caminho até ela. Deixando ela tirar de mim e, quando o faz, seus dedos esbeltos roçam nos meus.

Não há nada mais sexy do que vê-la andar por este lugar com nada além da minha camiseta. Sua ocupação significa que ela pode trabalhar em qualquer lugar, o que significa que ela está ficando aqui comigo. Por enquanto.

Agarrando sua mão enquanto ela pega a camisa, eu a puxo para mais perto de mim e roubo um beijo rápido. E depois outro quando a solto.

Ela se apoia na cama, ajoelhando-se e aprofundando o pequeno beijo. Enquanto morde suavemente meu lábio inferior, ela emaranha as duas mãos no meu cabelo. Eu me deixei cair para frente, apoiando meu impacto com um braço de cada lado dela.

Ela não abre os olhos até me dar um beijo doce bem onde me mordeu. Seus olhos verdes olham para mim por apenas um momento antes que ela os feche novamente e esfregue a ponta do nariz contra o meu.

Meu maldito coração é um cretino por querer acreditar que o beijo tem algo a ver com a conversa que acabamos de ter. Mas ele bate no meu peito como se aquela pequena cutucada e o fato de seus olhos estarem fechados significassem tudo no mundo.

Eu sempre tive um coração cretino quando se trata dela.

— Eu tenho que trabalhar. — digo a ela e rapidamente me curvo para dar um beijo rápido em sua têmpora. É melhor eu sair antes que acabe sem fazer nada além de ficar na cama.

— Então você não quer vir comigo para verificar o campus?

— Não sei se há uma maneira educada de dizer isso, mas porra, não. — Surpreende-me como é fácil ser sincero com Addison. Talvez seja porque, assim como agora, ela não está ofendida ou surpresa. Ela simplesmente pega o que tenho para dar e sorri.

— Então você acha que eu não deveria ir lá? — Ela pergunta e pelo seu tom eu sei que é uma pergunta carregada.

— Porquê você iria? — Eu ofereço em contestação.

Ela quebra o contato visual e encolhe os ombros, cutucando um fio no edredom.

— Parece que um diploma de negócios faria sentido.

— Você já tem sua empresa criada e é bem sucedida, não é?

— Estou indo bem. Como você sabe? Você me investigou? — ela perguntou, brincando, mas eu a ignoro e a pontada no meu peito.

— Então por que se preocupar?

Ela me olha por cima do ombro com um olhar defensivo no rosto.

— Bem, por que você se incomoda?

Inclinado para a frente, baixo a minha voz para responder a ela.

— Eu não me incomodo. Não vou ficar.

— Você está indo para casa? — Ela pergunta, e a própria ideia de casa não fica bem comigo, mas a expressão em seu rosto também não. A pessoa magoada que ela não consegue esconder, embora eu não tenha certeza de que ela se incomodaria, mesmo que tivesse consciência de quão transparentes são suas emoções.

— Eu estou trabalhando e isso pode me levar para onde crescemos.

Quando me deito na cama lentamente, questiono ser tão honesto como ela. A natureza tímida e curiosa de que eu gostei é tão tímida. Como se ela estivesse entrando em território perigoso.

— Devo perguntar? — Sua voz é baixa e ela não me olha nos olhos.

— Isso depende o que você quer saber. — Ela não faz uma única pergunta desde que começamos a nos conectar. Ela é inteligente o suficiente para saber. Talvez inteligente o suficiente para saber que não deve perguntar também.

Finalmente, seus lindos olhos verdes olham para mim e ela pressiona.

— Você me contaria a verdade se eu perguntasse? Tyler nunca fez.

— Tyler nunca esteve envolvido em nada sério. — Ignoro como tudo em mim fica frio com a menção de seu nome. Estar com Addison... sabendo que ele foi o primeiro. Dói engolir enquanto ela continua falando. Especialmente depois da memória do meu pai. *Eu não gosto de lembrar.*

Ela me responde:

— A sua versão de sério e a minha são diferentes, eu acho.

O tempo passa, pois não consigo responder. Ela não precisa saber de nada disso. Seria melhor se ela não fizesse.

Mais um segundo. Outro pensamento.

— É por isso que você o deixou? — Eu pergunto a ela e, embora doa profundamente, eu preciso saber se a ideia dela do que ele fazia no trabalho foi o que a fez deixá-lo. Eu não digo o nome dele.

— Não quero falar sobre aquela noite. — Sua resposta sai mais nítida do que eu esperava. Com uma mordida e uma ameaça para não questioná-la. Isso só me deixa muito mais curioso.

— A noite em que você terminou as coisas? — Peço que ela esclareça. Aquela noite não é a que me assombra. Essa não é a noite que é indescritível para mim.

Addison fica de pernas trêmulas, de costas para mim. Pegando a mochila e abrindo o zíper enquanto fala.

— Eu só não gosto de pensar em como as últimas vezes que o vi eu o estava recusando. — diz ela com um toque de emoção que não gosto de ouvir. O tipo de emoção que é indicativo de amor.

Um amor que eu tenho certeza que ele tinha por ela.

— Você não foi a primeira garota de dezessete anos a terminar um relacionamento no ensino médio. — lembro a ela e a mim também. Era um amor adolescente. Isso é tudo que sempre foi.

— Sim, bem, eu não sabia a que isso levaria. — diz ela e sua voz treme ao vestir uma calcinha e calça de moletom.

Não sei se quero saber a resposta, mas tenho que perguntar.

— Então, se você pudesse voltar?

Addison fica quieta com a minha pergunta e eu ando em direção a ela, embora ela ainda esteja de costas para mim.

— Se você pudesse voltar, ainda estaria com ele? — Sua hesitação faz meus músculos apertarem. Meu punho aperta como um tique nos espasmos da minha mandíbula.

Eu tenho me enganado para pensar o contrário. Claro que ela estaria com ele e não comigo. Minha respiração fica irregular quando ela responde.

— Se ele estivesse aqui agora... — ela começa a dizer, mas eu a interrompo.

— Ele não está, e ele nunca estará. — A raiva fervilha. Tudo o que foi pressionado por tanto tempo sobe rapidamente. Todos os anos de controle e negação.

O ódio de que meu irmão foi tirado de mim. E a dor de saber que foi minha culpa e que nunca contei a ninguém. Eu poderia contar a ela agora. Mas eu nunca faria isso. É tarde demais para confessar.

Addison se vira para mim com os olhos arregalados.

— Não diga isso.

Talvez seja a negação, a culpa que me atormenta. Mas eu zombo dela.

— Você acha que é fácil para mim? Você superou sua morte muito mais fácil do que eu.

Não vejo o tapa vindo até que a picada cumprimente minha bochecha. Minha mão se move instintivamente para onde ela me atingiu. Flexiono minha mandíbula e sinto a queimadura irradiar pelo lado do meu rosto.

Seu semblante bonito está vermelho vivo de raiva e seus olhos se estreitam. Eu nunca a vi tão cheia de raiva. Nunca.

Suas mãos tremem enquanto ela grita comigo.

— Você não sabe quantas noites sua morte me assombrou!

Eu sei.

Sua voz está trémula e eu sei que ela está à beira das lágrimas. O tipo que o paralisa porque elas são tão avassaladoras. Mas, em vez de ceder à dor, ela grita comigo.

— Você não sabe como eu me culpei a ponto de implorar que Deus me matasse e me deixasse tomar o seu lugar. — Ela respira profundamente a cada respiração.

Eu sei.

A adrenalina corre pelo meu sangue. O ódio, a vergonha e a culpa implacável surgem dentro de mim. E não posso dizer nada de volta. Não posso ter essa conversa com ela.

Quando não digo nada, quando me sinto desligando, ela se encaixa.

— Foda-se. — ela tenta gritar comigo, mas sua voz falha quando ela pega sua bolsa e sai do quarto.

Ela não está com os sapatos e não está usando sutiã por baixo da minha camisa.

— Você não está indo embora, está? — Era para ser uma afirmação, mas a pergunta está no meio-tom. Tudo porque eu disse que ela superou a morte dele mais facilmente do que eu? É um fato. Sei que é.

— Sim, eu estou. — ela retruca quando se vira, exatamente quando eu ando atrás dela. Eu tenho que parar e dar um passo para trás enquanto ela estica o pescoço para gritar:

— Como você ousa me dizer que foi fácil para mim.

— Você não sabe... — Eu tento dizer a ela que ela não tem ideia de como me relaciono com sua dor, mas ela não me deixa terminar.

— Deixe-me sozinha.

Ela furiosamente esfrega seus olhos enquanto desce rapidamente as escadas comigo logo atrás dela. A porta da frente está logo ali e ela vai direto para ela.

Ela está fora de si se acha que vou deixá-la sair daqui assim.

— Addison. Espere um maldito minuto.

— Não me diga o que fazer. — ela grita de volta e tenta abrir a porta. Minha palma bate primeiro, fechando-a com força.

— Você não vai sair assim. — eu a aviso. Meus músculos estão enrolados, mas é o medo que me faz ferir tão forte. Ela está indo embora. E não vai voltar.

Eu posso sentir isso em cada centímetro de mim.

— Sim, eu vou. — ela responde, embora com a confiança abalada.

— Uma porra que você vai. — Minhas palavras são empurradas através dos dentes cerrados.

— Se você me respeita, em qualquer sentido da palavra, você vai me deixar ir embora. Agora mesmo.

— Addison, não faça isso.

— Sério, Daniel. Preciso ficar sozinha agora.

— Eu quero estar lá para você. — Não sei até que ponto as palavras são verdadeiras até que eu as diga. E oh, quão irônicas elas são.

— Bem, você não pode. — Ela me afasta.

Seus olhos verdes olham para mim e tudo o que posso ver é o mesmo olhar que ela dava a Tyler quando ele estava sendo pegajoso. O olhar que tão obviamente dizia que precisava de tempo e que estava sobrecarregada. Entendo agora porque ele sempre rodeava.

Receio que, se deixá-la ir agora, ela nunca mais voltará. Eu não posso perdê-la. De novo não.

— Eu estou indo hoje à noite. — Dou a ela o único compromisso que sou capaz.

Abaixo meu braço, mas ela não responde. Com um puxão rápido, ela abre a porta e sai, com os pés descalços e tudo.

Fico na porta e a vejo pegando chinelos na bolsa e depois os colocando na esquina da rua.

Ela fica olhando por cima do ombro, talvez para ver se eu estou indo atrás dela.

E eu vou. Ela sabe que não deve pensar o contrário.

Mas eu vou deixá-la ter uma vantagem.

Há cinco anos

Ele rodeia. Constantemente rodeando.

Todos sabemos o porquê. É tão óbvio toda vez que ele a traz.

Ela está esperando para fugir.

Ela é bonita e doce, mas há algo nela que torna quase dolorosamente evidente que uma criança como Tyler nunca poderia segurá-la. Seria necessário um homem para manter aquela bundinha bonitinha.

Só de pensar que, enquanto estou na cozinha, observar os dois na sala de jantar me faz sentir como um pervertido. Ela tem apenas dezesseis anos, embora suas curvas a façam parecer mais uma mulher e menos uma garota.

Ele lhe dá pequenos toques enquanto eles se sentam um ao lado do outro assistindo algo em seu laptop. Sua risada o faz sorrir.

Ele é tolo por pensar que ela ficará com ele. Garotas assim não ficam com homens como nós. Ele pode continuar fingindo, se quiser. Ele pode continuar trazendo-a para casa e abraçando-a, porque ele não sabe como é fácil para as pessoas o afastarem.

Ela vai empurrar, ela vai pressionar, ela vai embora. E eu não posso culpá-la.

Seus ombros tremem enquanto ela ri e se inclina para ele. Seu sorriso largo cresce e, como o garoto que ele é, ele passa o braço em volta dos ombros dela.

O sorriso morre quando Addison se inclina para frente e para longe.

Ele não sabe que ela precisa de espaço.

Não é culpa dele. Tyler tem muito a aprender. Lições de vida difícil.

Como os que tive que suportar.

O câncer pegou nossa mãe e nos deixou um pai amargo que gosta demais do cinto. Sem mencionar uma pilha de contas que uma única pessoa não poderia pagar. Levou anos para transformar o pequeno negócio do meu pai em um negócio próspero. Anos destruindo a pouca vida que me restava.

— Não vamos. — ouço Addison dizer e quando olho para cima, seus olhos estão em mim. Preso em seu olhar, eu a seguro lá, mas não dura muito. Tyler está sempre lá para recuperar sua atenção.

Uma sensação de perda passa por mim, seguida de desgosto.

Não sou uma boa pessoa há tanto tempo, talvez tenha esquecido como. Ou talvez eu nunca tenha sido uma boa pessoa para começar.

— Você e Carter vão sair hoje à noite? — Meu pai pergunta enquanto interrompe a visão que tenho de Tyler e sua namorada.

Somos apenas Carter e eu. Nunca meus outros irmãos. Nós somos os mais velhos, afinal. Os que precisam pegar a folga do meu pai. Os que pagam essas contas e fazem do negócio o que é.

Somos nós que temos que arcar com o fardo. E, na verdade, é o trabalho duro de Carter e as táticas comerciais brutais que tornam isso possível. Com certeza não é meu pai. Ele é bom em esconder sua dor. Mas toda vez que ele se lembra de minha mãe, eu sei que ele lida com um vício diferente. Um que facilita o uso desse cinto.

Apenas sempre para Carter e eu.

— Sim. — digo a ele e espero que ele indique que ele quer que traga parte do suprimento de volta para seu uso pessoal. Sexta-feira marca quatro anos desde que nossa mãe se foi e eu sei que uma recaída está chegando. Ele desaparecerá por dias, talvez até semanas. Foi pior quando passou pela primeira vez. Acho que deveria estar agradecido por ele estar melhor agora do que era antes.

— Cuidado ao voltar para casa. Ouvi dizer que há uma patrulha no lado leste, então talvez mude o caminho de volta depois que você receber a remessa.

Um segundo passa e depois outro antes que eu acene.

Alguns dias me pergunto se ele se importa mais comigo. Ele sempre foi um homem duro. Mas quando mamãe morreu, ele não ficou nada além de zangado. Os anos talvez o tenham mudado para ser menos cheio de ódio. Mas isso não significa que ele tem algo para substituí-lo.

Dou-lhe outro aceno de cabeça e olho além dele quando o som de Tyler e Addison se levantando da mesa chama minha atenção.

Meu pai olha por cima do ombro na direção que estou olhando e depois se vira para mim. Ele apenas balança a cabeça e sai, mas eu o ouço murmurar: — Ela não é sua.

Eu o odeio ainda mais neste momento. Porque ele está certo.

A garota triste e bonita não me pertence.

Não importa o quanto eu ache que ela aliviará minha dor.

CAPÍTULO 15

Addison

Eu me pergunto o que a garota que eu costumava pensar, pensaria de mim.

A garota que ainda tinha os pais e uma vida pela qual valia a pena viver.

Acho que ela inventaria desculpas pelo meu mau comportamento. Ela dizia que eu estava triste, mas ela não faz ideia do quanto sou patética.

O luto não é estático. Não é um ponto em um gráfico onde você pode dizer, *'aqui, neste momento, sofri'*. Porque o sofrimento não conhece o tempo. Ele vai e vem como quiser, então pequenas coisas o provocam de volta à sua vida. As memórias lhe assombram para sempre e carregam a tristeza com elas. Sim, a dor é carregada. Essa é uma boa maneira de dizer.

Ponho um travesseiro no sofá no meu colo e olho para a tela da televisão, embora meus olhos estejam inchados e doloridos e eu nem sei o que está acontecendo.

Brincando com o zíper pequeno do lado do travesseiro distraidamente, penso no que aconteceu. Como tudo se desenrolou.

Eu acho que começou com sua cicatriz, o passado sendo trazido à tona. Mas, assim como cicatrizes, parte do nosso passado nunca vai nos deixar. As velhas feridas estavam aparecendo. Era disso que realmente se tratava.

Eu sempre soube que Daniel estava quebrado da maneira que Tyler não estava. Mas eu não sabia sobre o pai dele. Eu não sabia disso. Eu nem sei se Tyler sabia.

Mas o que aconteceu entre Daniel e eu, que... eu nem tenho uma palavra para isso. Era como um interruptor de luz sendo desligado. Tudo estava bem, melhor do que bem. Então a escuridão foi abrupta e repentina, sem maneira de escapar.

Meu olhar olha para a tela quando um comercial aparece e seu volume é mais alto do que qualquer programa ou filme que estava sendo exibido. Eu fungo quando desligo a TV e olho para o meu telefone novamente.

Sinto muito.

Daniel me enviou uma mensagem antes e acredito que sim, mas não sei se isso será suficiente. Minha pequena e feliz bolha de desejo foi estourada e a autoconsciência não é bonita.

Eu também sinto muito.

É tudo o que posso dizer de volta para ele e ele lê. Mas não há mais nada a dizer agora. Gostaria de saber se este será o nosso fim.

Não podemos conversar sobre as coisas ruins que aconteceram. Essa é a verdade simples. É estranho, tenso. E não podemos escapar dos momentos que surgem na conversa. Não há como contornar isso.

É fácil culpar o meu passado. Por coisas sobre as quais não tenho controle e sobre as quais não posso mudar.

É muito parecido com o que fiz quando deixei Dixon Falls. Mas, na verdade, eu estava fugindo, como estava desde o dia em que meus pais morreram. Tyler era uma distração, agradável, que me fez sentir outra coisa senão a solidão agonizante que me deixou amarga.

E então havia Daniel. Ele me deixou sem fôlego e com vontade, e é uma tentação difícil de fugir.

Sou mulher o suficiente para admitir isso.

Tenho certeza, eu posso culpar o nosso passado.

É fácil culpar o luto, mas ainda é uma mentira. É porque nenhum de nós pode falar sobre o que aconteceu.

Eu me assusto com a vibração do telefone na mesa de café.

Meu coração bate forte a cada segundo que passa; o tempo todo uma voz perdida no fundo do meu cérebro me implora para responder a uma pergunta simples. *O que estou fazendo?*

Ou talvez a pergunta certa seja: *o que eu esperava?*

Meu olhar percorre cada foto na parede oposta da sala e pára na terceira. Cada uma das fotos significava algo mais quando as tirei. Há um pouco mais de uma dúzia no total. Cada uma fotografada em um momento em que eu sabia que estava mudando.

Eu as mantenho afastadas porque parecem bonitas à distância; as próprias imagens são agradáveis e provocam sentimentos calorosos

Mais do que isso, as fotos são uma linha do tempo de momentos que nunca quero esquecer. Eu me recuso a me deixar esquecer.

Mas a terceira que continuo olhando são tão relevantes para como me sinto neste momento.

A primeira foto foi tirada no túmulo dos meus pais. Apenas uma imagem simples, realmente, pequenos miosótis que surgiram no início da primavera. Havia uma fina camada de neve no chão, mas eles já haviam prressionado a terra dura e florescido. Talvez eles soubessem que eu estava vindo e queriam ter certeza de que os vi.

Na foto, você nem pode dizer que floresceram nos túmulos. A foto é pequena e estreita. Mas eu sempre lembrarei que as flores estavam no túmulo dos meus pais.

Tyler estava comigo quando eu peguei. Não foi a primeira, a segunda ou a terceira vez que saímos. Mas foi a primeira vez que chorei há tanto tempo e o único amigo que conheci e confiei estava lá para testemunhar. Eu pensei que estava sendo astuta pedindo que ele dirigisse para um cemitério a algumas horas de distância. Voltar para onde eu cresci. Eu não estava lá há tanto tempo, mas naquele dia em que Tyler disse que poderíamos ir a qualquer lugar, contei a ele sobre a estátua de anjo na frente de um cemitério que eu vi que seria perfeita para o projeto de fotografia.

Eu não disse a ele que meus pais estavam enterrados lá, mas ele descobriu logo depois que chegamos.

Parte de mim será para sempre dele pela maneira como ele lidou naquele dia. Por me deixar chorar e me abraçar. Por não me forçar a falar, mas por estar lá quando eu estava pronta.

Como eu disse, nunca o mereço.

A segunda é uma foto do primeiro lugar que eu aluguei depois que fugi de Dixon Falls. Eu fui de um lugar para outro, gastando todos os centavos que acumulei ao longo dos anos e não permanecendo em lugar algum por mais tempo do que precisava. Até eu encontrar essa casa de fazenda no Reino Unido e conhecer Rae.

Ela é o oposto de mim em todos os sentidos. E ela me lembrava Tyler. A felicidade e bondade, o fato dela nunca parar de sorrir e brincar.

Algumas pessoas fazem isso com você... e por causa disso, eu fiquei. Por muito tempo.

Foi ela quem me levou ao bar em Leeds, onde beijei outro garoto pela primeira vez após a morte de Tyler.

Foi ela quem me mostrou como realmente vender minhas fotografias e me apresentou a um dono de galeria. Ela me fez querer ficar naquele pequeno chalé que aluguei por muito mais tempo do que eu havia planejado. Mas sentir-me tão feliz e ter tudo fácil demais parecia errado. Era errado que eu pudesse seguir em frente e isso me fez sentir como o que havia acontecido no passado estava certo, quando soube, sem dúvida, que não estava.

Nunca seria certo e essa realização me fez ver Tyler em todos os lugares novamente. Eu precisava sair. Foi bom lembrar, mas não foi bom esquecer. E eu fui embora. Cada lugar em que parei estava cada vez mais perto de Dixon Falls. No começo eu não percebi. Mas quando escolhi essa Universidade, eu estava ciente de que estaria apenas a horas de distância.

A terceira foto é apenas uma silhueta que tirei em Paris.

Eu não conheço as pessoas.

São as sombras de quatro homens do lado de fora de uma igreja com um intenso pôr do sol atrás deles.

De longe, tudo que eu via eram os meninos da família Cross. E tirei foto após foto, tirando o mais rápido possível. Como se eles desaparecessem se eu parasse. Eu os queria de volta. Eu queria que eles me perdoassem e me dissessem que estava tudo bem. Afinal, eles eram a única família que eu tinha há muito tempo e, assim como meus pais, eu os perdi.

Essa foto dói mais. Porque deve haver cinco pessoas na foto. E porque quando os homens deixaram o topo da colina atrás da igreja e se aproximaram, eles não eram os meninos Cross e eu sabia que naquele momento nunca mais os veria. Daniel nunca iria aparecer para eu olhar de longe. Nunca seriam eles, não importa o quanto eu orasse para que isso acontecesse.

Três fotos bonitas, misturadas com as outras. Todos os tons de índigo, minha cor favorita e todos aparentemente serenos e bonitos. Mas cada uma lembrança de algo que me fez a pessoa que eu sou.

Meu telefone vibra com o lembrete da mensagem mais recente. É Daniel, é claro. *Venha aqui.*

Eu preciso trabalhar, envio uma mensagem para ele e bufo com sua resposta imediata. *Não, você não precisa.*

Na verdade, eu preciso trabalhar. Eu poderia trabalhar facilmente na casa dele. É o que tenho feito e realmente gosto disso. Adoro quando ele beija meu ombro e me diz o que pensa da foto em que estou trabalhando. Ele me faz sentir menos sozinho e entende como vejo as fotos e por que elas significam tanto para mim.

Eu quero pedir desculpas.

Você pediu e eu entendi, eu digo a ele, mesmo que isso faça a dor no meu peito muito mais profunda.

Por favor, me dê outra chance.

Por favor, é outra palavra que não estou acostumada a ouvir de Daniel e, por mais que eu queira ceder, preciso de um pouco de tempo.

Eu realmente tenho que trabalhar. Podemos nos encontrar semana que vem. Ao pressionar enviar, percebo que estou desmoronando. Simplesmente prolongando o que com certeza terminará. Mas então eu lembro dos homens da igreja. Se eu pudesse voltar no tempo e fazê-los ficar lá para sempre, para nunca ter que encarar o fato de que eles não eram os Cross, eu o faria.

Dói profundamente no meu peito. Negar é uma coisa condenadora.

E é isso que é, não é? Apenas uma tentativa fútil de negar que poderíamos existir sem nosso passado nos separar.

O telefone fica em silêncio, indicando que não há nenhuma mensagem nova dele, embora eu saiba que ele vê minha resposta. Pegando um lenço de papel na mesa de café, eu seco meu nariz e me levanto do sofá.

A vida não espera por você. Isso é algo que aprendi bem.

Antes que eu possa dar um passo em direção à cozinha para jogar o lenço de papel, uma mensagem de Daniel chega. *Eu prometo que vou compensar você.*

Não sei o que escrever de volta. Não há como corrigir isso.

Por isso, concentro-me no trabalho que está esperando por mim e opto por não responder.

Mal estou ativa online há uma semana. Em vez disso, tenho tirado fotos. Muitas delas. Algumas de Daniel de maneiras abstratas. Outras de pequenas coisas que me lembram dele de quando éramos mais jovens. Ainda não as publiquei. Também não tenho certeza. Não importa o quão bonitas sejam.

Não respondi mensagens nem enviei pacotes. Eu nem sei como estão as minhas vendas. Quando você administra um negócio sozinha, não pode dar um tempo. Durante anos, me enterrei em minha paixão e trabalho, embora realmente estivesse fugindo da realidade. Do meu passado.

Observando a mensagem de Daniel, o texto em preto e branco que é tão fácil de ler, não consigo responder à única pergunta que importa.

O que eu estou fazendo?

Há seis anos

—Ei, ei, ei...

Eu ouço uma voz persistente, mas a ignoro. Ninguém nesta escola disse uma palavra para mim. Pelo menos não na minha cara.

Com um puxão na minha camisa, sou forçada a me virar e encarar um garoto. Um garoto que é quase um homem. Ele não tem cara de bebê, e posso dizer que ele faz a barba, mas há uma gentileza nele que o faz parecer jovem. E simpático. O que é algo que não sinto nos últimos dois anos.

— O que você está fazendo? — Ele me pergunta e minha testa franze.

Eu levanto o lápis no ar e aponto para o quadro-negro na aula de Ciências, enquanto digo: — É chamado de anotações.

O bonitão ri, uma risada áspera que me obriga a sorrir. A felicidade de algumas pessoas é simplesmente contagiosa.

— Não, quero dizer à noite.

Não me preocupo em responder além de dar de ombros. Eu faço a mesma coisa todas as noites. Nada. Minha vida não é nada.

— Meus irmãos e eu estamos dando uma festinha.

— Eu realmente não vou a festas. — digo honestamente. Eu realmente não sinto vontade de fazer nada. Cada dia é apenas uma data em um calendário. Isso é tudo o que eles fazem há muito tempo.

Encolhendo os ombros, ele diz. — Podemos fazer outra coisa.

— Eu realmente não festejo nada. — digo a ele honestamente. Eu realmente não sinto vontade de fazer nada. Cada dia é apenas uma data em um calendário. Isso é tudo o que tem sido há muito tempo agora.

— E a tarefa para a aula de Artes? Nós poderíamos tirar algumas fotos para o projeto de fotografia? — Levo um momento para situá-lo, mas agora que ele mencionou, acho que o vi na última fila ontem na aula de Artes.

— Não é meu dia para a câmara. — O orçamento para o departamento de Arte é pequeno, por isso precisamos revezar o controle do equipamento.

— Eu tenho uma que podemos usar… bem, é do meu irmão.

— Seu irmão?

— Sim, o nome dele é Daniel. — Tudo clica quando ele diz o nome do irmão. Eu o vi. Deve ser ele. Vi como esse garoto com quem estou conversando espera do lado de fora na entrada da escola e outro garoto o pega. Exceto que ele não é um garoto. Não há dúvida sobre isso. Daniel é um homem e levou apenas um vislumbre dele para que eu o procurasse toda vez que a campainha tocava e eu estivesse esperando na fila pelo ônibus.

— Agora eu sei o nome do seu irmão, mas não sei o seu.

— É Tyler. — Repito seu nome suavemente e quando olho para ele, vejo vestígios de seu irmão mais velho. Mas onde Daniel tem uma vantagem para ele, Tyler é acolhedor e convidativo.

— Eu sou Addison.

— Então, o que você acha, Addison?

— Eu acho que parece divertido. Eu não estava fazendo nada de qualquer maneira.

Talvez o destino soubesse que eu não seria capaz de manter Tyler. Ele iria tirá-lo de mim. Por isso, Daniel me impediu de amar Tylr demais.

Não sei ao certo e não adianta especular.

Tudo o que sei com certeza é que Daniel vai me consumir, me mastigar e me cuspir fora.

Eu preciso terminar isso antes de me machucar... bem, antes que piore do que já está.

CAPÍTULO 16

Daniel

Eu estou perdendo-a.

Eu posso me sentir deslizando para trás em um abismo escuro.

Addison e eu somos parecidos em mais aspectos do que ela sabe. De maneiras que nunca ousaria sussurrar alto. Ela está mentindo para si mesma quando diz que precisa de espaço.

Ela não precisa.

Ela precisa de mim, assim como eu preciso dela. Ela é a única coisa que tira a dor e eu faço isso por ela também. Eu sei que eu faço. Eu posso sentir isso. Eu posso ver nela.

A luz da tela do computador é a única coisa que evita que a sala fique na escuridão total. Estou olhando para ele, esperando que ele veja que estou conectado há horas.

Estou tentando ficar longe de Addison. Estou tentando fazer o melhor.

Já faz muito tempo, Marcus finalmente responde. Não é o nome ou o apelido dele neste bate-papo. Mas eu sei que é ele.

Agora, três anos, respondo, recostando-me no banco com o laptop nas coxas e tentando ignorar a vergonha que soa no meu sangue. Faz três anos que eu entrei nesse chat do mercado negro e o procurei. Três anos desde que senti o desejo de vigiar Addison a cada segundo de cada dia.

Três anos em que senti a vontade de cuidar de Addison cada segundo de cada dia. Três anos desde que tive um pouco do meu doce vício.

O que o traz de volta? ele me pergunta e eu engulo em seco.

Ela voltou à minha vida. Mas você já sabe disso.

Ela, como Addison? ele me pergunta para manter esta farsa.

As teclas embaixo das pontas dos meus dedos clicam levemente enquanto digito. É estranho como eu acho reconfortante, os sons suaves me tentando a confessar meus pecados.

Eu não a estava perseguindo ou tentando encontrá-la. A primeira vez foi uma coincidência.

Quantas vezes houve? ele me pergunta.

Muitas. Eu admito, mas depois acrescento, *mas ela está comigo neste momento. Não sou eu me escondendo nas sombras. Ela me procurou.*

Você acha que isso o torna mais saudável? O texto olha para mim na tela bem iluminada e eu quero responder que sim. *Claro que é. Desta vez não é nada parecido com o que aconteceu anos atrás.*

Ele não espera que eu responda antes de fazer outra pergunta.

Se ela sabe isso, faz bem em permitir que seu interesse cresça em obsessão?

Obsessão pode ser a palavra errada. Eu acho que possessivo é melhor. Ela é minha. Minha razão de seguir em frente com o que aconteceu antes. Meu desejo por mais. Minha única maneira de lidar.

Desta vez é diferente. Dessa vez ela me queria lá.

Queria? ele pressiona, e a vergonha de estar aqui neste bate-papo anônimo faz meu peito ficar tenso. *Como no passado?*

Ela me pediu um intervalo e eu estou tendo dificuldades. Estou voltando aos velhos hábitos.

Isso se chama perseguição, Daniel.

Estou ciente disso, Marcus.

Eu uso o nome dele, assim como ele usa o meu. Ninguém mais sabe que é ele, mas eu sei. Porque anos atrás, quando eu observei

Addison finalmente dormir sem chorar, quando ela podia dizer o nome de Tyler com um sorriso triste, em vez de uma agonia mal contida, ele estava lá para mim. Todos esses anos atrás, quando ela seguiu em frente e eu ainda estava lutando para lidar com a culpa da morte de Tyler, Marcus foi quem me impediu de puxar o gatilho com uma arma pressionada na minha cabeça.

Demorou quase dois anos para chegar a esse ponto. Um ano e meio seguindo-a, observando-a e vivendo minha dor indiretamente através da dela. E meses me perdendo lentamente e qualquer motivo para não acabar com isso.

Ela me manteve são de um jeito que ela nunca saberia enquanto eu a observava sofrer com a mesma dor que eu sentia.

Mas com o passar dos meses, ela começou a sorrir novamente.

Isso me fez sentir pior do que no dia em que Tyler deu seu último suspiro.

Ela melhorou quando eu não. Cada risada, cada pedacinho de felicidade não fazia sentido para mim.

Eu só conseguia lidar com a tristeza dela. Eu entendi isso; Eu precisava disso.

E ela sabe sobre o passado? ele me pergunta.

Ela nunca vai entender. Eu digito na caixa de bate-papo, mas não a envio.

Balanço a cabeça, lembrando como a segui em todos os lugares após a morte de Tyler. Como eu a observei fugir e isso por si só foi suficiente para aliviar minha dor. Afinal, ela o amava e se sentia responsável como eu. E se ela pudesse seguir em frente, eu também poderia. Mas eu nunca poderia seguir em frente com Addison.

Há cinco anos

Digo a mim mesmo que a única razão de estar neste trem é para falar com ela.

Dizer a ela que não é culpa dela e eu sou o culpado.

Essa é a razão pela qual a segui, perseguindo-a nas sombras e observando-a silenciosamente enquanto ela luta com o que fazer.

Eu digo isso a mim mesmo, mas não me mexo. Eu também estou lutando.

O trem faz outra parada e meu aperto aumenta no corrimão enquanto espero para ver o que ela fará. Para onde ela for, eu irei.

Eu preciso ter certeza de que ela está bem, que ela não tem os mesmos pensamentos que eu. Eu a protegerei.

Seu capuz está levantado, escondendo o rosto enquanto ela se inclina contra a parede do trem. Imóvel.

Meu corpo tensiona, querendo ir até ela. Para segurá-la, verificá-la e garantir que ela ainda esteja respirando. Ela o viu morrer como eu. Isso muda você. Não há como negar ou recuperar.

Para sempre estará conosco.

CAPÍTULO 17

Addison

É engraçado como o tempo passa.

Ele se arrastou por anos antes e depois de Tyler entrar na minha vida. O único objetivo de cada dia era ser uma caixa em um calendário que eu pudesse cruzar com um marcador vermelho escuro. Se eu me desse ao trabalho de contar.

Mas os dias com Tyler, quando eu estava realmente com ele? Eles voaram. Porque o tempo é como o destino, é uma merda.

E o mesmo aconteceu com Daniel. Os dias foram turbilhão de momentos que me fizeram sentir como se tudo estivesse bem. Como se estivesse tudo bem em simplesmente viver em sua cama e dormir em seus braços. Como o egoísmo de ignorar todo o resto, era como a vida deveria seguir.

Mas nos últimos dias sem ele... foi pior que a dor mais lenta. Há um frio que parece estar logo abaixo da superfície da minha pele. Como se meu sangue se recusasse a esquentar. E as noites estão cheias de memórias projetadas para jogar nos meus momentos mais fracos.

Toc. Toc. Toc.

Meu foco é desviado para a porta da frente do meu apartamento enquanto eu me sento de pernas cruzadas no sofá com o laptop apoiado em mim. A tela ficou preta e não sei quanto tempo faz isso.

Ele bate de novo. Só existe uma pessoa. *Daniel.*

Todos os dias e noites desde a última vez que conversamos, pensei nele. E sobre o que eu preciso fazer. Cada texto que ele envia

é respondido com uma resposta curta que faz a dor no meu peito crescer.

Não estou mais em negação. É hora de seguir em frente. Isso significa seguir em frente, incluindo Daniel. E isso dói. Mas deveria.

Meu pescoço está me matando de me inclinar sobre o computador por horas. Eu tenho uma mesa de pé; Eu realmente deveria usá-lo, mas não uso. Passo horas por dia sentado no sofá com o computador no colo enquanto fotografo minhas fotos. Há pelo menos mais três dúzias que quero editar e postar antes de sair e procurar minha próxima musa. Embora eu não saiba se vou encontrá-lo aqui. Talvez seja hora de seguir em frente.

Meu corpo dolorido dói todo quando estou de pé, mas essa dor é temporária, então não me importo.

Cada passo para a porta da frente me faz sentir que estou correndo na direção oposta de onde estava indo dias atrás. Eu cheguei à única decisão lógica que existe e nunca gostei de terminar com ninguém. A maneira como Daniel me fez sentir é diferente de tudo que eu já senti. Selvagem e louco, suponho. Graças ao sexo tarde da noite e não se importando com nada, nem mesmo com o próximo suspiro, enquanto nossa pele estava tocando e nossos desejos buscando refúgio um no outro.

Parando com a mão na maçaneta da porta, solto um suspiro profundo. Ele vai entender. Ele provavelmente está aqui para fazer o mesmo. Essa coisa entre nós nunca poderia durar.

Sinto como se estivesse sendo esfaqueado no coração, mas no momento em que a porta é aberta, a dor diminui e esse outro sentimento, aquela doença agitando que tenho dificuldade em descrever toma o seu lugar. O tipo de dor que eu mais quero, mas isso me assusta.

— Daniel. — Eu sussurro seu nome quando seus olhos escuros encontram os meus e depois suavizo. Sua jaqueta de couro dobra quando ele coloca a mão no batente da porta e se inclina um pouco.

— Você ainda está brava comigo? — Ele pergunta com um timbre profundo em sua voz que fala em vulnerabilidade e eu respondo honestamente, balançando a cabeça.

— Não estou brava com você. — Perdoar os outros é fácil. Perdoar a mim mesma é difícil.

Daniel solta um suspiro e começa a entrar, mas eu não posso fazer isso. É melhor parar agora e não fazer a coisa mais fácil. Que seria cair na cama com ele e entorpecer a dor com seu toque.

Não é saudavel.

Minha mão bate em seu peito e sua expressão se transforma em confusão, mas ele para fora da porta.

— Eu estava pensando... — começo a dizer a Daniel e ele inclina a cabeça, estreitando os olhos.

— Parece que *temos que conversar*. — Há um traço de ameaça em sua voz.

— É o que é. — digo suavemente e a dor no meu coração cresce. — Eu só estava pensando em todas as maneiras pelas quais isso vai acabar.

— Acabar? — Ele pergunta incrédulo, avançando e diminuindo a distância entre nós. Ele está de pé na porta agora.

É difícil falar, mas tenho que ser honesta comigo e com ele. Eu tenho que me proteger.

— Não tenho certeza se devemos fazer isso.

Atordoado é como eu descreveria o olhar no rosto de Daniel, e isso me surpreende. — Não faz sentido continuarmos com isso.

— Você não me quer? — Daniel pergunta, me cortando com uma voz desprovida de qualquer coisa, menos tristeza. Eu nunca ouvi o som de seus lábios antes. O tom dói no meu coração de uma maneira que nada mais o fará. Eu sei disso de fato. Algumas coisas simplesmente quebram um pedaço de você que nunca pode ser consertado.

— Isso não foi o que eu quis dizer. De modo nenhum. Eu não previa isso. — tento explicar. O que eu pensei que seria uma conversa simples, terminando com Daniel me deixando para trás, aumenta para algo que eu não havia previsto. — Eu não achei que você se importaria. — Minhas palavras saem apressadas.

— Você pensou que eu não me importaria se você terminasse comigo?

— Eu não terminei... eu nunca poderia terminar com você. Mas isso… — eu gesticulo entre nós. — …isso é algo que eu sei que vai me machucar. E nós dois sabemos que nunca vai durar.

— Eu não sou Tyler. É por isso? — As palavras de Daniel deveriam ser cortantes. Elas deveriam me machucar. Mas só me machuca por ele. Como ele poderia pensar isso?

Eu tenho que engolir em seco antes que eu possa dizer a ele.

— Eu quero você. — Eu quase digo o nome de Tyler. Eu quase digo a ele como eu queria o amor que Tyler me deu e como eu queria amar Tyler de volta, mas nunca o fiz. Mas não posso. Eu não posso trazê-lo para isso. — Não é nada disso, Daniel. Eu o queria há muito tempo e eu me odiava por isso. Não podemos nem ter uma conversa simples, sobre qualquer coisa antes de... — Eu engulo com força, o nó na garganta me recusando a deixar mais palavras passarem.

— Você se odeia por me querer? — A tristeza desaparece e a raiva rapidamente toma seu lugar. De repente, estou sufocando, encontrando-me dando um passo para trás e depois outro, embora ele permaneça na porta, irradiando um domínio quase autônomo.

— Você está me assustando. — eu sussurro e Daniel se encolhe. As emoções circulam nele, uma a uma. A raiva, o choque, a frustração por não saber o que fazer.

E eu senti todas elas, também sofri a tortura de não saber o que fazer por tanto tempo. Todos os dias eu me sentia amada por Tyler, mas sabia que amava mais Daniel. Conheço sua dor como se fosse minha. Mas não há como corrigir isso. E quanto mais cedo isso acabar, melhor.

— Eu quero você Daniel, mas é errado.

— Não está errado. — ele fala e suas palavras são estranguladas, sua respiração mais pesada. Ele quase dá um passo à frente e então se para, segurando a borda do batente da porta e abaixando a cabeça, pendurando-a com vergonha. Lembro-me do dia em que o conheci e isso agrava ainda mais a agonia. — Eu não sei como... — ele para e engole em seco.

— Não há como isso ser mais do que... do que estávamos fazendo.

Sua cabeça levanta e seus olhos escuros me prendem no lugar. Daniel sempre foi intenso, sempre foi perigoso. Para outros, tenho certeza de que é semelhante. Mas eles nunca sentirão isso. Não é o que sinto por Daniel.

— Por que precisa ser *mais* agora? Por que não podemos nos apegar ao que temos?

— Não é bom para nenhum de nós, Daniel. — eu sussurro e passo meus braços em volta do meu peito. Não sei mais o que explicar e como ele pode deixar de entender isso.

O silêncio aumenta. Tudo o que posso ouvir é minha própria respiração, enquanto Daniel fica parado ali, olhando fixamente para o tapete desbotado sob seus pés. Finalmente, ele me olha nos olhos novamente e a intensidade e a dor me despedaça até o centro da minha alma.

— Eu sei que você pertenceu a Tyler primeiro, por mais que eu odeie admitir isso. Eu odeio dizer o nome dele. Eu não quero imaginar o que costumava...

— Daniel, por favor, não. — eu digo e o alcanço, meu coração doendo pelo dele e eu me odeio neste momento. Por que eu tenho que fazer isso?

— Não podemos mudar o passado, Addison. Eu queria poder. Mas acabou agora. E agora eu quero você.

Nunca houve um momento na minha vida em que pensei ouvir essas palavras de Daniel. E o choque, a tristeza e o conflito de não saber como me proteger e o que devo fazer mantêm as palavras que estou desesperada para dizer, presas na minha garganta.

Eu quero acreditar no que ele está dizendo. Mas ele já disse as palavras que preciso manter na convicção de deixá-lo. *Nunca haverá mais.*

— Você sabe onde me encontrar, se quiser me ver. — As últimas palavras de Daniel são baixas, com um tom derrotado.

Não consigo formar um pensamento coerente quando ele vira as costas para mim e se afasta. Não era isso que eu queria ou planejei. — Eu não quis que isso acontecesse. — eu digo, mas

minhas palavras embaralhadas quase não são audíveis para mim, muito menos Daniel, enquanto ele desaparece à distância.

Pressiono meu lábio inferior e uma tempestade se forma dentro de mim. Uma tempestade que parece que nunca acabou, como se estivesse apenas esperando na escuridão. Preparando para quando poderia sair e destruir o pequeno pedaço de mim que resta.

Não é até Daniel partir que eu fecho a porta, encosto as costas contra ela e caio no chão na minha bunda.

Eu cometi um erro. Mais de um. Mas não posso continuar assim, cometendo erro após erro e fugindo deles.

O desamparo me domina e nunca me senti mais fraca. Por que tudo é tão complicado? Por que o amor e a luxúria não podem ser um, e o certo e o errado mais fáceis de decifrar?

CAPÍTULO 18

Daniel

Há cinco anos

Cada pequeno movimento torna a dor mais profunda. Eu não deveria ter chamado ele de bêbado. Eu não deveria ter gritado quando meu pai gritou comigo. Eu sou melhor. Eu trouxe isso comigo mesmo.

Soltei uma respiração profunda, mas até a respiração dói. Carter vai me cobrir. Ele sempre faz. Engulo em seco quando ouço passos pesados chegando à minha porta e meu coração bate por um momento, pensando que é ele. Pensando que eu estraguei alguma coisa.

Como fiz ontem à noite, perdendo milhares de dólares. Milhares e milhares de dinheiro e mercadorias se foram. Roubados do caminhão. E a culpa é minha. Fui eu quem o abriu, pegando o maldito CD de Addison deixado lá e não me lembrando de trancá-lo novamente.

Isso é tudo por causa dela.

Há um pouco de alívio quando ouço Tyler gritar meu nome quando ele bate na porta.

Eu luto para colocar minha camisa de volta, mas faço isso com os dentes cerrados enquanto estremeço. Era apenas um cinto, eu acho que sou patético. Que eu mereço tudo isso e muito mais.

Abro a porta sem pensar nos cortes nas minhas costas e a dor queimando em mim.

— Por que você tem que ser tão idiota o tempo todo?

A pergunta de Tyler não me diz nada. Nem uma única emoção que eu possa dar a ele.

— Você não precisa fazê-la sentir que não é bem-vinda.

A raiva me faz engolir em seco. Eu ainda não respondo.

Nunca direi a ele como me sinto por ela, mas pelo menos agora sei como ela se sente a meu respeito.

— Você vai dizer alguma coisa?

Meus lábios se separam e eu quero dar a ele alguma coisa, qualquer coisa. Mas o fato de eu ter saído do meu caminho por ela ontem à noite... talvez seja por isso. Talvez ela saiba que eu a quero. A ideia me atinge e rouba minhas palavras.

— Ela é uma boa pessoa. — Tyler me diz como se fosse por isso que fico longe dela.

— Eu amo você, Tyler. Deus sabe disso. Mas você é um idiota.

Eu deveria ter ficado de boca fechada, mas todo mundo tem seus limites.

— Ela me ama e não vai a lugar nenhum. — ele me diz com uma confiança que eu nunca vi em meu irmão mais novo.

Meu irmãozinho que não sabe o que realmente somos e o que acontece aqui.

Meu irmãozinho que nunca foi atingido pelo meu pai.

Meu irmãozinho perfeito, que quer fazer todos ao seu redor sorrirem, porque ele nunca conheceu a dor como eu.

— Ela só ama você porque ela não tem mais ninguém que a ame. — Meu olhar o fixa onde ele está, enquanto eu digo as palavras. — Lembre-se disso.

A solidão é uma pílula amarga para engolir. Eu sei que trouxe isso para mim, mas ainda assim. Um bufo sarcástico e sem humor me deixa quando pego a garrafa de uísque e tomo um gole.

Deve ser karma.

Deixei Addison na sua solidão para poder sobreviver.

Agora ela está me deixando na minha para me arruinar.

Touché, amorzinho.

O uísque queima enquanto tomo outra bebida pesada. E com isso todas as possibilidades de onde eu a perdi brilham em minha mente. Os tempos em que éramos mais jovens e eu me escondia tanto, até momentos atrás em que não escondia nada.

Eu lambo meu lábio inferior e depois pego a garrafa de volta, mas uma batida tímida me impede de tomar mais do líquido âmbar.

— Daniel. — ouço a voz de Addison do outro lado da porta. A esperança pisca profundamente dentro de mim, flertando com uma escuridão que quase me consumiu.

Meu coração faz uma pausa. Meus pulmões também. É só quando eu a ouço novamente que os dois decidem funcionar novamente. Ela está aqui. *Ela veio até mim*.

Meu sangue vibra quando me levanto e faço o meu caminho para a porta da frente. Enquanto eu ando até à porta, o álcool entra e a ouço gritar novamente.

— Por favor, abra a porta, Daniel.

Ela está no meio do movimento de bater novamente com a boca aberta e mais a dizer quando eu abro a porta. Ela parece chocada e até recua um pouco.

— Daniel. — ela diz meu nome com uma pitada de surpresa, mas rapidamente sua expressão e tom mudam.— Eu queria explicar.

E é por isso que não deixei essa esperança crescer. A frieza no meu peito apaga a pequena chama. É difícil educar minha expressão. É difícil esconder isso dela. Mas uma parte de mim está gritando para não fazê-lo. Deixá-la ver o que está fazendo comigo.

Para ter certeza de que ela sabe que está me destruindo pouco a pouco.

— Explicar? — A pergunta sai com um pouco de raiva e eu tenho que reajustar meu aperto na porta e desviar o olhar dela por um momento.

— Você não me deve nada, Addison. — digo a ela e me viro para andar pelo corredor, mas deixo a porta aberta. Eu a deixei vir a mim de bom grado.

Quando ouço a porta se fechar e ela me seguindo para dentro, um sorriso se forma lentamente no meu rosto. É apenas um traço de felicidade genuína. Mas pelo menos eu sei que ela não pode me deixar ir tão facilmente quanto ela pensa que pode.

— Daniel, por favor. — diz ela enquanto me alcança na sala, segurando minha camisa e me fazendo virar para encará-la.

— O que é que você quer explicar? — Pergunto a ela e quase a chamo de amor. Quase.

— Eu não achei que você queria nada além de uma boa transa. — Deus, ela faz algo comigo quando fala assim. Quando palavrões e as palavras sujas saem de sua boca pequena e linda.

Meus próprios pensamentos indecentes me impedem de responder rápido o suficiente. Então, ela se aproxima da cadeira de couro no canto da sala e senta-se com raiva, cruzando as pernas e depois os braços.

Claro que foi o que ela pensou. É como isso começou. Mas ela está se enganando se acha que o que temos pode ser algo tão superficial. Até eu posso admitir.

— Eu não vou embora até que você fale comigo. — ela exige e é bonitinho. Ela é tão adorável que pensa que pode fazer exigências

como essa. Meus pés descalços afundam no tapete enquanto caminho para a cadeira oposta à dela.

Com as persianas fechadas, a única luz na sala é a do abajur alto no canto.

— Fala alguma coisa por favor. Eu me sinto horrível. Eu não esperava que você reagisse da maneira que reagiu. — Ela se inclina para a frente e segura os braços da cadeira. — A última coisa que eu queria era machucá-lo. — ela confessa e eu sei que ela está dizendo a verdade.

Addison não é uma mentirosa.

E isso me dá esperança.

— Eu não sei o que quero, além de você. — Minha voz sai rouca quando me inclino para a frente e coloco os cotovelos nos joelhos para que eu possa descer até o nível dos olhos dela.

— O que isso significa? — Ela pergunta sem fôlego. Seu peito sobe e desce como se minha resposta fosse tudo o que ela sempre precisou. A única coisa que ela já desejou.

Lambendo meu lábio inferior, olho nos olhos dela, mas as palavras não vêm. Não sei mais o que dizer. Eu quero ela.

Eu quero que ela seja minha. É tudo que eu sempre quis.

Não apenas na minha cama. Quero seus toques, beijos, intenções. Avançando, eu quero cada pedaço dela. Cada pedacinho. Eu quero todos eles.

Mais do que isso, quero que ela se entregue para mim.

As suas palavras giram caoticamente, assim como suas emoções.

— Eu preciso de algo para segurar, Daniel, e isso é intenso, avassalador e emocional...

— Mas você quer isso? — Eu a interrompo, fazendo a pergunta simples.

— Por que você veio me pegar naquele bar? Não minta para mim. Você sabia que eu estaria lá, não sabia? — Ela me pergunta e eu não sei se ela sabe mais do que deveria ou se é apenas muito boa em saber quem eu sou.

Recosto-me no assento e decido tomar cuidado com minhas palavras enquanto digo lentamente: — Eu quero você há tanto tempo.

— Então isso é tudo? Você queria transai comigo, então, você finalmente o fez?

— Você já sabe que isso é mentira. — Minhas palavras saem como uma picada cruel e ela deixa de lado. — Eu sei que você sente isso também. — Eu finalmente falo as palavras que parecem que vão me quebrar. Mas elas são verdadeiras. — Sempre houve algo entre nós.

A expressão de Addison é dolorida.

— Eu sei que você se sente culpada por admitir, Addison. Eu também. Eu também tenho a culpa. — Ela não sabe como essas palavras são verdadeiras.

O tempo passa e mais de um momento passa. Addison puxa os joelhos no peito e tudo que eu quero fazer é agarrar sua bunda e puxá-la para o meu colo. Mas meus dedos cavam o couro, prendendo-me onde estou até ter a única resposta que preciso dela.

— Você me quer? — Pergunto a ela.

— Não é tão fácil. — ela choraminga. Dividida entre o desejo que sente e a culpa que não deixa ir.

Meu corpo está tenso e a raiva de conhecer o passado pode escurecer para sempre meu futuro assume quando eu me inclino para a frente. — Que porra que não é.

Eu tenho que fechar meus olhos e me concentrar no que eu quero, no que ela precisa ouvir. Falo tão baixo que não tenho certeza de que ela possa me ouvir, mas rezo para que ela possa.

— Não posso dizer o que acontecerá daqui a uma semana, mas sei que ainda vou querer você. — Eu abro meus olhos para encontrá-la me observando atentamente enquanto continuo. — Eu sempre quis você. Não vai parar, e eu não me importo com nada que aconteceu ontem, desde que eu possa buscar você amanhã.

— Quando você se transformou neste homem? — A pergunta de Addison é tranquila, mas cheia de sinceridade. — Eu não me lembro de nada disso de você.

A resposta está bem ali. Tão óbvio para mim.

Porque ela não era minha e não poderia ser.

— Você era jovem e pertencia a outra pessoa. — Não consigo falar o nome de Tyler. O álcool e o pensamento de perdê-la se ele aparecer novamente é demais.

Antes que ela possa responder à omissão, pergunto a ela a única coisa que importa: — Você me quer?

Seus olhos verdes brilham com sinceridade enquanto ela mal sussurra a palavra. — Sim. — Ela morde o lábio quando eu me levanto da minha cadeira e vou até ela. Lenta e cuidadosamente, com cada passo sabendo que estou tão perto de mantê-la.

— Se você ficar aqui, Addison, eu juro que não vou deixar você. — Engulo em seco e limpo a garganta quando ela olha nos meus olhos e sabe que estou falando a verdade.

— Esta é sua última chance de fugir de mim. — Eu devo isso a ela pelo menos. Uma última chance de fugir.

— Nunca quis fugir de você. — Suas palavras estão cheias de emoção crua e ela alcança meu rosto. — Estamos fazendo isso?

— Você não pode me deixar, Addison. Você tem que me prometer, aconteça o que acontecer. — digo e espero que ela não consiga ouvir o desespero na minha voz. — Não importa se brigarmos. — Eu começo a dizer mais, mas engasgo com o óbvio. *Não importa se Tyler aparecer novamente.*

Eu mal posso respirar quando ela acaricia a barba do meu queixo com o polegar e sussurra: — Eu prometo.

Ela cai no meu colo tão facilmente. Seu calor e toques suaves iluminam todos os nervos que terminam em mim em chamas. Mas muito mais do que isso também. As batidas no meu peito. A necessidade de estar perto dela. Ser pele a pele e mostrar a ela que ela é minha de novo.

Estou morrendo por dentro, precisando tê-la, mas me movo muito dolorosamente. Apreciando cada segundo de algo que quase perdi. Cada segundo dela.

— Daniel? — Sua voz é hesitante, mas crua. Como se a pergunta em si a quebrasse enquanto eu beijo seu pescoço e deixo meus dedos apenas roçarem sua pele, apenas um sussurro por um toque.

— Addison? — Eu respondo com um ar brincalhão e sorrio contra sua pele quando ela respira facilmente.

— Estou com medo. — ela sussurra no ar e quando eu me afasto dela, seu rosto está em direção ao teto com os olhos fechados. Seus dedos cavam nos meus ombros enquanto eu cutuco o queixo com o nariz para chamar sua atenção

— Eu não vou machucar você. — eu sussurro quando ela não responde. Meu coração dispara, embora não em ritmo constante. Mas quando ela abaixa o olhar, seus olhos verdes encontram os meus, ele se firma e diminui. Está perdido sem ela.

Addison assente, um pequeno aceno de reconhecimento, mas a hesitação ainda está lá. Seus dedos delgados puxam minha camisa e eu a ajudo, inclinando-me para trás e puxando-a. Então eu retiro o dela e me movo para baixo. Nós nos despimos lentamente, cada movimento encontrado com o som da nossa respiração. Beijos entre cada peça de roupa sendo jogada no chão, cada uma ficando mais desesperada, mais ofegante. *Mais.*

E quando eu finalmente deslizo meus dedos entre suas dobras, ela está encharcada de necessidade e balança sua boceta quente na minha mão. Seus olhos ainda estão fechados enquanto ela monta minha palma e meu polegar pressiona contra seu clitóris. Gemendo contra sua garganta, pego meu pau e me empurro para dentro dela até que eu possa me soltar e agarro seus quadris enquanto encho sua boceta apertada.

Respirando fundo, seus dedos se movem para meus ombros, suas unhas cegas afundando em minha carne.

Seus olhos arregalados encontram os meus e eu estou encantado.

Cada impulso, eu enterro meus dedos mais profundamente em seu ombro. Meus abdominais queimam enquanto eu a fodo assim repetidamente, o mais profundo que posso enquanto olho em seus olhos.

A necessidade de beijá-la me consome. Mas também não consigo desviar o seu olhar.

Seus lábios se separam um pouco quando sua vagina vibra e depois espasma no meu pau. Meu nome desliza de seus lábios com um gemido estrangulado. E é só quando ela estremece e um orgasmo rasga através dela que ela quebra meu olhar. Ela cai em meus braços enquanto eu mantenho meu ritmo, cavalgando em seu clímax.

Seus olhos abertos encontram os meus... e estou em transe.

Cada impulso, cavo meus dedos mais fundo em seu ombro. Meus abdominais queimam enquanto eu a fodo assim várias vezes, tão fundo quanto posso enquanto olho em seus olhos.

A necessidade de beijá-la é tudo que consome. Mas eu não posso quebrar o olhar dela também.

Beijo seu ombro, o pescoço, o cabelo dela, cada pedacinho dela vorazmente, adorando como ela agarra em mim por sua vida.

Meu orgasmo vem em uma onda tão forte que não estou pronto. Não estou pronto para que isso termine. Mas juro que a ouço sussurrar contra a minha pele, seu hálito quente enviando um calafrio pela minha espinha quando o intenso prazer balança através de mim. Juro que a ouço sussurrar enquanto seus lábios roçam meu pescoço.

Eu amo você.

Meus braços a envolvem e não me mexo; Também não a deixo se mover. Eu não posso dizer as palavras de volta. E não sei se ela as dirá novamente. Mas juro que as ouvi.

Juro que a ouvi dizer essas palavras para mim.

Para mim.

CAPÍTULO 19

Addison

Daniel Cross é meu namorado.

Como no ensino médio. Mas ainda assim...

Foi tudo o que enviei a Rae esta semana. Estou acostumada a dar-lhe longas descrições de onde vou a seguir. É tudo que eu já considerei e ela adora ouvir histórias de como são os novos lugares. Mas esta cidade me trouxe Daniel e eu não quero compartilhar uma tonelada de detalhes. Ele é meu.

Um risinho me faz recuar do laptop enquanto leio a resposta de Rae no meu e-mail.

Quão grande é o pau dele? É a sua linha de abertura. Ela faz isso para aliviar a tensão.

Eu tenho me preocupado com o que ela vai dizer. E saber que ela não está me julgando torna tudo muito mais fácil de aceitar. Ela até disse*: Desde que você esteja feliz, eu estou feliz*.

Era tudo o que eu queria. Quando clico no e-mail, pronta para fechar o laptop, vejo minha linha de assunto novamente. *Daniel Cross é meu namorado.*

Eu cubro meu sorriso com a mão enquanto puxo os calcanhares no sofá. Com o meu travesseiro aconchegado perto de mim, vou para uma noite de donas de casa assistindo televisão e de reality shows.

Mas eu realmente não podia me importar menos com nada disso. Não posso participar de um programa para salvar minha vida - ou trabalho, nesse caso. Tudo o que fico pensando é que Daniel quer ser... *meu*.

Já faz mais de uma semana e esse ainda é o caso. Noites de convívio, assistindo TV ou olhando fotos que tirei. É quase normal.

Aquelas borboletas estúpidas no meu estômago não param e isso me faz sentir infantil e tonta. Mas mesmo nos olhos da tempestade que nos rodeia, eu o quero e ele me quer.

Isso deve ser tudo o que importa, certo?

Quando pego meu copo de vinho na mesa de café, não consigo deixar de sentir que o chão vai cair debaixo de nós. Como se houvesse algo esperando no limite de tudo isso. Eu posso sentir isso com tudo em mim.

A vida não funciona assim. Você não consegue o que deseja simplesmente pedindo.

Engulo um gole de vinho e a doçura que estava sentindo apenas um momento atrás tem um gosto amargo com o último pensamento.

Daniel sente-se como tudo. Como se não houvesse nada diante dele, embora eu esteja plenamente consciente de que havia. Não há nenhuma maneira com a nossa história que haverá mais entre nós, não importa o que ele diga e quão bem brincamos de casinha juntos. Não haverá jantares em família com seus irmãos ou qualquer senso de normalidade a esse respeito.

Não importa o quanto eu desejasse que fosse esse o caso.

Todo dia eu espero que Daniel me diga que ele estava errado e acabou. Ou que ele está pronto para ir para casa e que eu não sou bem-vinda lá. Eu gosto de pensar que minha guarda está levantada e que não vai doer quando ele fizer isso. Mas cada dia que passa é outra rachadura nessa armadura.

Ele transa comigo como se fosse meu dono. Ele me abraça à noite tão forte; como se ao me soltar, ele fosse me perder para sempre.

E ele me beija como se estivesse morrendo de vontade de respirar.

Não falamos sobre a única coisa que me atormenta. Sobre como devemos ignorar nosso passado. Ele acha que já dissemos o suficiente, mas se fosse esse o caso, eu seria capaz de dormir sem as memórias me assombrando.

É difícil explicar como me sinto. Eu quero ser feliz e agradecida. Mas é óbvio que estou sendo ingênua. Isso é bom demais e eu sei que as coisas boas sempre terminam.

— Você quer alguma coisa enquanto eu estiver fora? — Daniel pergunta, interrompendo meus pensamentos enquanto sai do corredor para o quarto e caminha em minha direção. É estranho vê-lo no meu apartamento ainda. Estou mais acostumada com a casa dele, mas hoje à noite ele estará fora por um tempo e eu preciso de espaço.

O cheiro fresco de seu sabonete corporal o segue para dentro da sala e eu me sinto cantarolando de acordo, embora eu não o tenha ouvido. Ele é muito perturbador quando está vestido assim. Calça jeans preta e um botão branco com uma manga já enrolada enquanto ele trabalha na outra. Recém barbeado, com as maçãs do rosto altas e a mandíbula forte em exibição, quase me faz desejar que ele sempre estivesse barbeado. Mas essa barba por fazer...

De qualquer maneira, ele parece um deus do sexo. Ele transa como um também. *Meu deus do sexo.*

— Eu posso ficar de fora por um tempo, mas posso trazer algo de volta para o café da manhã se for tarde demais.

Observo os músculos de seu antebraço enquanto ele arregaça a manga e, como eu, o desejo é um pouco abafado por seu comentário.

Essa é outra coisa sobre a qual não falamos. Não falamos sobre o que ele faz tarde da noite. Eu ficava quieta sempre que Tyler saía para fazer algo no início da manhã ou pulava a escola porque ele tinha que fazer algo por "trabalho".

Mas não somos mais crianças, e em que Daniel está envolvido não é um jogo do ensino médio.

— É esse material para... voltar para casa? — Tomo cuidado com minhas palavras enquanto ele pega as chaves do balcão da cozinha. O zunido é o único som na sala.

Bem, e o sempre presente clique do relógio.

— Voltar para casa? Como nos negócios da família?

Meu olhar está no azulejo da cozinha. Cinza claro com rejunte cinza escuro. Não é nada de especial, mas não consigo olhar para Daniel e encontrar seu olhar que está obviamente em mim, então mantenho meus olhos exatamente onde eles estão.

Ele trabalha para o irmão Carter. Lidando com drogas e Deus sabe o que mais.

Ele vai sair um dia. Em breve. Ele continua mencionando isso. A única pergunta que faço a cada vez que ele sai é simples. Eu fico? Ou eu vou com ele?

— Sim, era isso o que eu estava perguntando.

— Você sabe melhor do que isso, Addison. — Daniel me repreende e isso é o que me faz olhar para ele.

— Melhor do que ter cuidado com quem e com o que eu me envolvo? — Meu tom o desafia a questionar essa lógica.

— Já fez sua escolha, não é? — A maneira como ele fala comigo causa simultaneamente um pouco de medo no meu coração e aquece meu sangue com luxúria.

— Há muitas opções, Daniel. — Eu sei que ele está certo. Eu já decidi que iria com ele. Não quero ficar sozinho de novo e desejo o sentimento de família e aceitação que tive com os irmãos Cross. Mas isso foi então, e isso é agora. Não sei como seria enfrentá-los sabendo que agora estou com Daniel. Parece uma traição do pior tipo.

— Único quando se trata de mim. Não se esqueça que foi você quem começou isso. Você foi quem voltou ao bar. Você foi quem que veio à minha casa depois que terminou. Eu não gosto de brincar.

— Engraçado, porque você gosta de ser o único a tocar.

Meu comentário me recompensa com um sorriso encantador nos lábios.

— Com você? — ele questiona quando ele segue em minha direção e aperta meu queixo entre seus dedos. — Sempre.

Meus olhos se fecham quando ele planta um beijo nos meus lábios. Meus lábios se moldam nos dele e meu corpo derrete. Acabou cedo demais e me vejo sentado um pouco mais alto para prolongá-lo um pouco.

Daniel me segura e um vinco se forma na testa enquanto olha para mim com uma pergunta nos olhos.

— Você está pensando em me deixar? — Ele finalmente pergunta e eu estendo a mão para pegar sua mão na minha.

— Não. — digo a ele, praticamente revirando os olhos e ficando mais confortável no canto do meu sofá.

— Bom. — ele diz, embora ainda me olhe com curiosidade.

— Se eu não tivesse ido para sua casa, você me deixaria ir embora? — Não sei por que me sinto tão obrigado a perguntar neste momento. Talvez eu já saiba a verdade e só queira ver se ele vai me dizer ou não.

Seus olhos escuros parecem ficar mais escuros, embora sua voz permaneça a mesma quando ele me responde.

— Eu teria tentado.

Eu mordo o interior da mina bochecha e desvio o olhar em sua resposta.

— Por que isso a desaponta?

— Você não consegue sentir? — Eu mal sussurro as palavras. Ele me faz sentir fraco e tolo. Mas admitir que há algo inegável que o atrai para alguém como ninguém faz nem mesmo é fraco. É preciso todo o meu poder.

Os olhos de Daniel deixam os meus por um momento e começo a duvidar de mim mesma. Eu mal posso engolir até que ele diga:

— Eu disse que tentaria. Eu não disse que seria capaz.

Meus olhos se fecham e eu gostaria de poder afastar toda essa emoção avassaladora. Mas isso é o que Daniel sempre fez comigo. Ele me sobrecarrega.

— Vou mantê-la segura. Sempre.

Meu coração dispara e despenca com suas palavras. É assim que se sente e o alívio nos meus lábios cai com isso.

— Eu só acho... seu trabalho... é perigoso. — Eu odeio como minha garganta se sente apertada enquanto falo. — Eu sabia no que estava me metendo. É diferente quando você espera em casa sozinha pensando...

— Mas eu sou um homem perigoso, Addison. Eu sei o que estou fazendo.

Eu procuro em seus olhos escuros por segurança e está lá, mas ainda não consigo deixar de acrescentar: — Não morra. Todo mundo que eu amo, morre.

— E se for mais parecido com alguém que ama você? — Ele questiona e isso não me ajuda a me sentir melhor. Ele encolhe os ombros e aponta: — Então estou morrendo de qualquer maneira, para que você também me ame de volta.

Embora eu perceba que as palavras foram ditas de uma maneira alegre, o reconhecimento está aí. Que há algo mais entre nós e nós dois sentimos isso. Nós dois o reconhecemos pelo que é. Não me atrevo a falar de novo. Eu também estou presa naquelas vibrações no meu peito. Os que doem da melhor maneira. Meus olhos começam a brilhar e afasto toda a emoção.

— Apenas tome cuidado, meu perigoso deus do sexo. — Minha voz é brincalhona e indiferente quando pego o controle remoto, terminando a conversa. É demais, muito em breve. Mas parece que tudo o que sempre esteve faltando. Parece certo. Eu me sinto em casa. E eu tenho tanto medo de perdê-lo.

Daniel ri e se inclina para segurar minha bochecha e plantar um beijo suave no meu cabelo

— Eu voltarei assim que puder. — ele sussurra e isso me faz cócegas o suficiente para me fazer me afastar e arrancar um beijo de seus lábios.

Faz apenas semanas, mas isso é tudo que eu sempre desejei.

Quando a porta se fecha, me deixando sozinha no meu apartamento, lembro-me de um certo ditado.

Cuidado com o que você deseja.

CAPÍTULO 20

Daniel

Há cinco anos

Eu sabia que algo estava errado quando entrei às 04:00 da manhã e a luz da sala estava acesa. O brilho amarelo entra na cozinha e eu sigo para ver Tyler no final da grande mesa, a cabeça na mão olhando para a tela do laptop.

Espero ouvir algo, talvez vê-lo assistindo a um vídeo. Mas a tela está preta e é quando eu vejo a expressão dele. Derrotado e exausto.

— Você ainda está acordado? — Pergunto a ele, o que é uma pergunta estúpida. Isso chama sua atenção, embora sua exaustão o faça piscar várias vezes antes que ele possa me responder. É então que vejo seus olhos inchados, não com o sono, mas com outra coisa.

— Sim, não consegui dormir. — ele responde e engole visivelmente enquanto fecha o laptop.

Minha jaqueta sussurra quando a tiro e a penduro na cadeira na minha frente. Eu ainda me sinto como uma idiota por bater nele outro dia. De todos que vivem sob esse teto, Tyler é a última pessoa que precisa da minha merda. — Está tudo bem?

Ele se recosta e solta um suspiro pesado, mas em vez de responder verbalmente, ele apenas balança a cabeça negativamente.

— Você quer falar sobre isso? – Eu pergunto enquanto seguro as costas da cadeira e me preparo para a resposta que eu sei o que está por vir. Addison não está aqui e Tyler não consegue dormir. Ela o deixou.

— Você estava certo. — Tyler diz e depois se afasta de mim.

— Eu era um idiota que estava tentando ser um idiota. Eu nunca estou certo. Você sabe isso?

Ele solta uma risada e enxuga os seus olhos.

— O que aconteceu? —Pergunto.

— Ela disse que é demais para ela. Que ela precisa de espaço.

Eu aceno com a cabeça em compreensão.

— Nada de errado com um pouco de espaço. — Eu digo e tento fazer parecer que não é grande coisa.

— Eu a conheço, Daniel. Eu sei que é a maneira dela de nos distanciar, então eu vou sair.

As pernas da cadeira arranham o chão enquanto eu a puxo para fora e me sento. Uma respiração pesada me deixa quando eu coloco meus cotovelos na mesa e me inclino para mais perto dele.

— As meninas são hormonais. — digo para tentar fazê-lo sorrir. Ele é bom nisso, não eu.

— Acho que ela terminou comigo, mas não sei por quê.

— Ela ama você. – digo a Tyler, embora isso faça um pico de dor passar pelo meu coração. Ela o ama. Eu sei pelo jeito que ela o beija. É óbvio que ela ama.

— Não sei. — ele diz em um sussurro, balançando a cabeça.

— Apenas dê a ela um ou dois dias, faça aula se for necessário. Dê a ela tempo para sentir sua falta. — Eu odeio estar dando esse conselho a ele. Mas eu odeio vê-lo assim mais.

— O que mamãe costumava dizer, hein? Se você der amor a alguém, ele também o amará. Certo?

Ele acena com a cabeça, embora ainda não fale. Faz um tempo desde que eu trouxe mamãe para as conversas. E ainda não parece certo, mas Tyler era seu bebê. Ele pode ter sido mais jovem quando ela ficou doente, mas isso o atingiu com força. Ele não entendia.

— Eu prometo a você. — Eu digo a ele, quando dou um tapinha em suas costas. — Venha comigo pelos próximos dois dias. Eu tenho que fazer uma viagem a Philly para uma remessa. Venha comigo e deixe que ela sinta sua falta.

Ele está relutante por um momento, mas depois assente.

— Eu poderia usar a distração, eu acho.

— Perfeito. — Levanto-me rapidamente e o deixo o mais rápido que posso. — Curma um pouco. — digo por cima do ombro e não paro de andar ou respondo quando ele me agradece.

Enquanto subo as escadas para desmaiar, a solidão se instala no meu peito.

A ideia de Addison nunca mais voltar me bate forte. A possibilidade de nunca mais vê-la.

É muito óbvio para mim neste momento que eu não gosto.

Mais do que eu não gosto de como ela é mais nova que eu.

Mais do que eu não gosto de como ela me olha da maneira como olho para ela, quando sei que ela não está olhando.

Mais do que eu não gosto que ela seja de Tyler.

Todos os dias há uma lembrança para esquecer. Assombrando-me. Mostrando-me como eu poderia ter parado o inevitável. Ou pelo menos mudado nossos destinos.

Tarde da noite, segurando Addison enquanto ela dorme, eu me pergunto se Tyler ainda estaria vivo se eu tivesse feito algo diferente. Ou se eu seria o único enterrado no chão agora.

O outono chegou e cada passo que eu desço na Rodney Street é acompanhado com o barulho de folhas mortas e murchas. Meus passos estão pesados hoje à noite porque sei que Marcus estará aqui.

Ele finalmente veio com tudo o que Carter estava esperando. Eu conheço os padrões de Marcus. Ele passa semanas explorando um lugar e certificando-se de ir a um local em que ele tem olhos constantes. E quando ele encontra onde está confortável, ele entrega.

Ele encontrou aquele lugar no parque, na esquina da Rodney com a sétima.

Depois desta noite, não tenho mais motivos para ficar aqui. Addison virá comigo ou me deixará. Agora é muito bom pensar que ela vai me recusar, mas ela já fugiu antes e é perfeitamente possível que faça novamente.

Olho pela rua lateral para ver em que bloco estou e meu coração congela.

O homem de jaqueta de couro preta, que parou para olhar para Addison. Naquele primeiro dia, eu a observei no café e o vi olhando para ela. É ele. Juro que o vi evaporar nas sombras da rua.

— Ei! — Grito, mais para ver se ele se moverá do que para realmente obter uma reação. Mas só há silêncio. Mal olho para a minha direita para procurar carros enquanto atravesso a rua. O ar frio não faz nada para acalmar minha pele aquecida ou a ansiedade correndo pelo meu sangue.

Estou pronto para uma luta quando chegar lá, mas o canto sombrio é apenas um beco sem saída. E ninguém está lá.

Um calafrio flui sobre a minha pele e olho ao meu redor. Não é ninguém. Não tem ninguém aqui.

É difícil de engolir enquanto eu atravesso a rua. *É apenas paranóia,* eu digo a mim mesmo. Não é nada. Mas ainda assim, todos os meus pensamentos voltam a Addison. Por ela estar sozinha.

Ela está mexendo com minha cabeça.

Penso em todas as formas em que ela me consumiu a cada passo que dou.

Não vejo nada além dela quando ela está ao meu redor.

Cada respiração que ela respira esgota o ar dos meus pulmões.

Eu a odiava por isso naquela época, quando ela estava com Tyler. Quando ela sorriu para ele em vez de mim. Ela me tentou, e eu não pude fazer nada.

Mas o tempo muda tudo.

Cada passo que ela dá para perto de mim faz meus dedos coçarem para agarrá-la e nunca deixar ir.

O destino simplesmente espera por homens como eu. Então isso pode nos ferrar até cair de joelhos e admitir que não há nada de bom em nós.

Addison não tem ideia do que ela faz comigo.

Ela será a morte de tudo de bom em mim. Eu perderia o foco de tudo apenas para ter uma parte minúscula de sua atenção. Eu roubaria por ela. Eu mataria por ela. Eu já fiz.

Os arrepios ainda cobrem meu corpo quando chego ao parque vazio. É nos fundos de uma pequena igreja cercada por bosques. Eu acho que para a catequee.

Meu olhar examina o perímetro do parque, mas não há ninguém lá. Está vazio.

Marcus nunca se atrasa. Eu verifico meu relógio e tenho certeza de que estou na hora.

Um minuto se passa enquanto eu ando em direção à igreja e depois volto. Não é uma boa ideia demorar e não preciso que ninguém fique desconfiado.

Mais um minuto e minha raiva e ansiedade começam a tirar o melhor de mim.

Um clarão branco chama minha atenção quando a brisa passa; os rangidos das correntes enferrujadas do balanço me fazem virar na direção deles.

Uma nota. Eu ando em direção a ela sem hesitar. Marcus e seus malditos jogos.

Há uma mensagem no balanço.

Outro endereço.

Amanhã à noite. Verifique a caixa de correio. É tudo o que você precisa.

Cerrando os dentes, contenho o desejo de gritar em direção à floresta com raiva. Eu sei que aquele filho da puta está lá observandoo. Certificando-se de que recebi o recado.

O papel amassa na minha mão quando olho para a floresta e me pergunto por que ele não se encontrou pessoalmente. Marcus sempre me encontra pessoalmente. Ouvi histórias dele não aparecendo e apenas deixando anotações. Tudo fica fodido depois. Marcus não gosta de se encontrar com você se ele sabe que você está prestes a ser ferrado.

Um calafrio percorre minha espinha.

O único palpite que tenho é que isso tem algo a ver com Addison. Ela é a única coisa que mudou.

Ele sabe tudo. Ele sabe o que aconteceu na noite em que Tyler morreu. Ele sabe da minha obsessão. E ele sabe que ela voltou.

Meus olhos piscam para a floresta, procurando-o, mas sem encontrar nada. Todo pequeno som de um galho se quebrando ou o vento farfalhando nas folhas me lembra daquela noite, as imagens piscando na minha frente.

A noite em que Tyler morreu.

Acabei de terminar um encontro com Marcus. Foi uma transação fácil para um sucesso que precisávamos. Ele parece gostar daqueles melhor do que ser um mensageiro. Ele responde mais rápido.

Ele sabe que no meu caminho de casa, vi Addison na lanchonete.

Eu o vi do outro lado da rua me observando depois de enviar a mensagem para Tyler. Ela estava sofrendo e eu sabia que Tyler poderia tirá-la de lá.

Marcus me seguiu enquanto eu seguia Addison. Eu não poderia deixá-la, sabendo que Marcus me viu olhando para ela. Eu não confiava nele. Então eu a segui de um lugar para outro. O restaurante, a livraria e, finalmente, a loja da esquina. E Marcus estava lá, a cada passo do caminho. Eu disse a mim mesmo que era apenas para satisfazer sua curiosidade doentia.

E pior que tudo, Marcus estava lá; ele era o mais próximo quando Tyler morreu bem na nossa frente.

Marcus sabe de tudo e não vem me encontrar pessoalmente. Isso deixa um gosto ruim na minha boca.

Respirações profundas vêm e vão.

Isso não tem nada a ver com ela. É sobre Carter. Tem que ser sobre Carter e não sobre a coisa que Marcus conhece sobre Addison.

Parte de mim questiona se devo confessar a ela e dizer a verdade antes que alguém o faça. Ela se culpou por tanto tempo e eu sei que ela fez. Mas fui eu quem mandou Tyler atrás dela.

Ele sabia onde ela estava por minha causa.

Ele foi vê-la porque eu disse que ele deveria.

É tudo culpa minha. Nunca foi dela.

CAPÍTULO 21

Addison

Foi estranho.

Meus dedos pairam sobre as teclas e eu apago minhas últimas palavras. Não sei como contar a Rae o que está acontecendo. Eu me ajeito no sofá, me sentindo desconfortável. Todo esse dia foi diferente. Daniel não me tocou desde ontem de manhã. E as coisas aconteceram desde que ele voltou de sua reunião. Foi também quando a palavra "amor" foi dita. Talvez ele não tenha percebido que tinha dito isso até depois de sair.

Eu recebi beijos curtos, mas nada mais. Parece diferente.

É uma maneira que me deixa desconfortável.

É uma maneira que me faz sentir que o fim está aqui e eu estava certa o tempo todo.

Todos os tremores param e as borboletas caem em um buraco profundo no meu estômago.

É assim que ele está me fazendo sentir.

A luz do corredor acende e a grande moldura de Daniel ocupa a abertura da passagem estreita. Ele não olha para mim enquanto caminha até a cozinha, andando logo atrás do sofá. Ele não está falando comigo, mas também não quer ir embora.

Eu não aguento isso. Eu me preparo para digitar o e-mail dizendo a Rae o que gostaria de dizer a Daniel. Antes que eu possa digitar uma palavra, fico farta e a fecho com força, virando de lado para encará-lo. Toda a minha frustração e sentimentos nervosos se juntam em nada além de raiva.

Desta vez, ele está olhando diretamente para mim.

— Algo está errado. — É tudo o que posso dizer e, em vez de me responder, Daniel pega uma caneca do armário.

— Você poderia me dizer alguma coisa? — Pergunto a ele com toda essa frustração reprimida e empurro o laptop sobre a mesa de café. — Você mal olhou para mim, falou comigo ou me tocou. Algo aconteceu ou algo está errado, e se somos nós, preciso saber.

Silêncio. Eu recebo o silêncio em troca.

— Se é apenas trabalho, você pode me dizer. — Minha voz falha e eu odeio que eu seja tão emocional enquanto ele não me dá nada.

Seria fácil para ele simplesmente dizer que não tem nada a ver conosco. Eu posso aceitar isso. Mas ele não faz isso e é aí que a sensação de mal estar que me torceu o intestino o dia inteiro viaja para o meu coração.

Eu já estou a meio caminho dele, determinado a obter algumas respostas quando ele finalmente diz alguma coisa.

— Eu tenho que sair amanhã à noite.

Meus pés descalços param no chão frio de azulejos na frente dele.

— Tão rápido?

— Ou então na manhã seguinte, o mais tardar.

Engulo meu coração e respiro um pouco aliviada, mas durou pouco quando cruzei os braços sobre o peito. — Você tem que sair? — Eu faço essa pergunta a ele porque o outro está com muito medo de me deixar.

O que aconteceu conosco?

Ele responde a pergunta não dita.

— Eu quero que você volte para casa comigo.

— Casa? — Eu digo a palavra com um bufo sem humor e puxo uma das cadeiras na ilha da cozinha. Eu não sei onde fica a minha casa. Sentando, digo a ele: — Tem certeza de que eles vão me querer lá?

É difícil de engolir quando olho para ele. Posso dizer adeus à ideia de faculdade, ou pelo menos desta faculdade, facilmente. Mas enfrentando seus irmãos? Isso é algo completamente diferente.

— Eles vai ficar felizes em vê-la novamente. — Ele diz as palavras com compaixão, mas há algo lá, algo mais que ele está escondendo.

— Quando descobriu que precisa sair? – Eu pergunto, procurando por respostas.

— Ontem à noite. — Ele limpa a garganta e acrescenta. — Não é com meus irmãos que estou preocupado. É você... decidindo me deixar de novo.

— Pare! — Eu me viro para ele e em seguida, me corrijo. — Por que você diria algo assim?

— Eu fiz algumas coisas. — diz ele e deixa a caneca vazia no balcão. Está quieto e tudo o que posso ouvir é o som do meu coração batendo quando ele se senta no sofá da sala de estar. Embora eu saiba que algo ruim está por vir, eu o sigo, seguindo a deixa para sentar ao lado dele.

— Você está me assustando outra vez. — sussurro para ele com uma voz suplicante e espero que ele olhe para mim.

Com os cotovelos nos joelhos, a cabeça fica um pouco mais baixa que a minha quando ele se vira para mim e diz: — É porque eu sou um homem mau. É isso que os homens maus fazem. Eles assustam as pessoas.

— Eu disse para você para parar com isso. — digo a ele quando coloco a mão em seus ombros largos. Sua camisa é esticada, fazendo-o parecer enjaulado por baixo. — Você é uma boa pessoa por dentro. Eu sei que você é.

— Você acha que eu sou bom? — Ele diz com um ar de descrença e depois se vira para olhar em frente. Quando ele fala novamente, é como se as palavras não fossem direcionadas a mim. — Tenho certeza que você acha que pode ver o bem em todos.

— Eu não gosto de você falando assim. Sério. Você precisa parar. — Eu me pego lutando para falar. — Eu não sei o que está fazendo você dizer essas coisas, mas você precisa parar.

— Eu acho que devo lhe contar uma coisa. — Daniel fala enquanto passa o dedo pela borda da mesa de café na frente dele. Ele se concentra nisso enquanto o silêncio se estende e eu espero.

— Seja o que for, você pode me dizer. — Meu coração treme, a luz se apagando por um momento. Talvez por medo, ou talvez por saber que é uma mentira que eu falei. Daniel poderia dizer tantas coisas que me destruiriam. Mas ele já sabe disso.

— Você é tão frágil, Addison.

Eu bufo, embora seja abafada pelo alívio.

— Essa é a grande novidade? Porque eu já sabia disso.

Seus olhos escuros se erguem para encontrar os meus e a intensidade dentro de mim é algo que não sinto há muito tempo.

— Não, essa não é a novidade, mas é por isso que não quero lhe contar.

Meus ombros se levantam com uma respiração pesada.

— Se você tem algo para me dizer, então eu quero ouvir.

Daniel relaxa sua postura, sentando-se e afundando na almofada do sofá enquanto olha para mim. Suas mãos estão

cruzadas no colo e posso dizer que ele está decidindo. Avaliando. E eu permito.

Porque ele está certo. Eu sou frágil. E a última pessoa que eu quero que me quebre é ele.

Ele limpa a garganta, levando o punho à boca e depois olha para o travesseiro decorativo ao lado dele. Suponho que seja apenas para que ele não precise me olhar. Ele passa a unha do polegar sobre o tecido do sofá enquanto fala, ocupando as mãos.

— Quando Tyler morreu, você foi embora e não disse adeus.

Eu aceno com a cabeça e me preparo para responder, inclinando-me para a frente e chegando um pouco mais perto. Ele tem que saber o quão envergonhada e cheio de culpa eu estava. Eu mal podia falar com alguém.

Eu queria dizer adeus a todos, mas não conseguia nem olhá-los nos olhos.

Minhas palavras são interrompidas quando Daniel continua, sem esperar uma resposta minha.

— E quando eu fui para sua casa. — ele faz uma pausa e lambe os lábios antes de passar o olhar para o meu. — Eu poderia mentir aqui e dizer que você já tinha partido.

Meu coração bate forte e minha respiração pára com o perigo que brilha em seu olhar.

— Mas você ainda não tinha ido embora, então eu assisti você fazer as malas. Eu também queria fazer as malas. Eu não queria ficar onde Tyler havia acabado de andar, apenas sentado. Onde acabei de ouvi-lo me falar sobre o caminhão surrado que ele queria consertar, mas nunca faria. — Daniel passa o polegar pelo lábio inferior enquanto seus olhos brilham.

— Eu queria fugir como você queria, mas não achava que seria capaz até ver você fazer isso.

— Você me viu sair? — Pergunto a ele, sem saber para onde isso está indo, mas temendo o que ele tem a dizer por causa de seu tom e atitude. Por causa de como o ar engrossa e ameaça me estrangular. Como se eu preferisse estar morta do que Daniel me destruir com a história entre nós.

— Eu gostaria que fosse tão fácil assim. — diz ele com um sorriso que não alcança seus olhos. — Eu observei você embarcar no trem com aquela mala pesada, e eu entrei também. Eu observei você entrando em um hotel quatro cidades depois. E pedi um quarto ao lado do seu.

Cada palavra que ele diz faz meu coração ficar mais apertado.

— Eu a observei por dias antes de finalmente me afastar de você para ligar para Carter e dizer a ele que eu não voltaria. Decidi passar meu tempo fazendo uma coisa. — O calor em seus olhos se intensifica com a lembrança e seu olhar parece fogo contra a minha pele. — Observando você.

— Você me perseguiu? — Pergunto a ele, embora as palavras tropecem umas nas outras e mal saiam como um coaxar. Não posso negar o medo que implora que meu corpo fuja, mas estou congelada onde estou, esperando a confissão dele me libertar.

— Eu a observei porque eu precisava. Você se culpou e sua dor era tão crua e genuína. Tão cheia de tudo que eu não tinha. É claro que eu odiava cada parte de quem eu era porque Tyler tinha que morrer, enquanto Deus escolheu me deixar viver. Eu queria chorar e chorar como você. Uma grande parte de mim queria que você chorasse mais enquanto abraçava seu travesseiro no peito no

escuro. Algumas noites você não aguentava o suficiente para chegar à cama.

Ele inclina a cabeça enquanto me olha nos olhos e pergunta. — Você se lembra quando você dormiu no chão mesmo quando a cama estava tão perto? — Suas últimas palavras saem como um sussurro e eu não posso responder. Eu mal posso respirar enquanto lágrimas escorrem dos meus olhos.

— Eu pensei em pegá-la e colocá-la no conforto de seus lençóis…

— Você entrou? — Eu o interrompi e respirei fundo. — Você invadiu o meu quarto?

— Addison, eu não conseguia ficar longe de você. — Sua admissão provoca um medo muito real que faz meu corpo tremer enquanto eu me afasto dele. Movendo-me para mais longe no sofá, mas não sou capaz de fugir.

— Não até você começar a melhorar. — acrescenta e depois se levanta. Eu me agarro à almofada, me encolhendo e me afastando quando ele tenta me tocar.

As lágrimas caem livremente à medida que a extensão dos meus medos de muito tempo atrás é percebida. Eu juro que ouvi coisas. Ouvi alguém entrando no meu quarto na escuridão. Eu juro que senti olhos em mim

— Eu pensei que era ele. — eu grito e cubro meu rosto em chamas. Eu pensei que Tyler estivesse comigo por tanto tempo. E levei anos para pensar que não era porque ele desejava me prejudicar. Eu pensei que ele me odiava e queria que eu tivesse medo. E então eu me odiava muito mais por pensar tão mal em uma alma tão boa.

— Eu precisava observá-la, Addison. Eu sinto muito.

Levanto-me rapidamente e estou perto dele. Tão perto que quase bato o topo da minha cabeça contra seu queixo enquanto me levanto.

— Eu preciso me afastar de você. — eu engasgo, cruzando os braços sobre o peito e andando pelo sofá, embora eu não tenha ideia de como posso respirar, muito menos falar e me mover.

Mal consigo ver para onde estou indo, mas sei onde está a porta.

Segurando a maçaneta, eu a abro e o encaro. Minhas pernas estão fracas e sinto que vou vomitar. Ele me deixou louca. Era ele o tempo todo.

— Eu nunca fiz nada para machucá-la, Addison, e eu não queria. — Daniel fala calmamente, oseu outro lado começa a surgir. O lado que está bem com Daniel largando suas defesas. O lado vulnerável que quer que eu entenda e não está me afastando. Mas é exatamente isso que preciso fazer agora. Eu preciso afastá-lo.

— Eu quero que você vá. — digo a ele e fungo, passando sob meus olhos agressivamente, desejando que as lágrimas parem. Eu estou tremendo. Fisicamente agitada.

— Você precisa ir. — digo a ele, porque é a única verdade que conheço. Minha mente é uma tempestade caótica e tudo o que tenho mantido à distância, todo o medo e tristeza estão gritando comigo até que eu não consigo ouvir nada. Não consigo entender nada. A exceção é o homem parado na minha frente, que é a causa da minha dor.

— Quem você pensou que eu era, Addison? — ele pergunta como se a culpa fosse minha.

E talvez parte disso seja.

— Você sabia que eu não era um bom homem naquela época, e você sabe disso agora.

— Saia — São as únicas palavras que posso dizer.

— Foi anos atrás.

— Eu disse para sair! — Eu grito com ele, mas ele só fica mais perto de mim até eu empurrá-lo para longe. Ele não pode me segurar e fazer isso direito.

— Você me perseguiu. — Eu mal consigo dizer as palavras. Estou incrédulo e aterrorizado, embora não tenha certeza de qual reação está vencendo.

— Você tinha esperança. — ele diz de volta com força, como se isso justificasse tudo. — Você tinha felicidade. Você tinha tudo o que eu queria. Você era tudo que eu queria. Você pode me odiar por isso, mas não pode negar isso. É a verdade.

— Quero que você vá embora.

— Por favor, não me faça ir embora. — ele me diz como se fosse só agora. Ele olha para a porta aberta e depois para mim. O salão está vazio e frio e uma brisa entra, me fazendo estremecer.

— Vá. Embora. — Não consigo olhar para ele enquanto ele me olha, esperando que eu diga outra coisa.

— Addison…

— Fora! — Eu grito o mais alto que posso. Tão forte que minha garganta grita de dor e meu coração dói.

Mesmo sobre o meu sangue correndo, ouço cada um dos seus passos enquanto ele se afasta de mim.

— Você disse que não me deixaria. — Daniel range entre os dentes enquanto ele fica no limite da minha porta.

As palavras me deixam quando eu bato a porta na cara dele.

— Eu menti.

CAPÍTULO 22

Daniel

O nó pesado no meu estômago é porque não dou às pessoas um pedaço de mim mesmo. Essa sensação doentia que eu juro que nunca vai desaparecer é por que eu mantenho tudo em segredo.

Eu pensei que ela fosse diferente.

Fecho os olhos, engolindo embora minha garganta esteja apertada e ouvindo o tráfego intenso na Lincoln Street. Estou perto do endereço que Marcus me deu. Perto de terminar com esta cidade e não ter motivos para ficar.

É só quando a rua acalma que abro os olhos e me forço a seguir em frente. Seguindo com a corrente.

Ela *é* diferente. Ela sabe disso. Ela sabe quem e o que eu sou.

Ela só não quer aceitar.

E como posso realmente culpá-la? Também não quero aceitar. Eu nem sequer contei a ela toda a verdade. Não consegui aliviar sua dor de pensar que ela é culpada.

E isso torna tudo muito mais difícil de engolir.

Passando por uma loja de bebidas na esquina, certifico-me de acompanhar os movimentos das poucas pessoas espalhadas a minha volta. Eu mantenho para mim mesmo, indo para a direção sul na rua. É tarde e apenas a lua e as luzes da rua iluminam a estrada à minha frente. Mas o escuro é bom quando você não quer ser visto.

Tento me concentrar, mas com o silêncio da noite, não consigo deixar de pensar em Addison. Ela sempre me confortou na escuridão.

Eu finalmente a tive. Realmente a tive. Eu senti o que sempre soube que poderia haver entre nós. E eu a deixei fugir. Eu a perdi confessando.

Talvez seja por isso que dói tanto. Ela ama quem eu sou, mas odeia o que fiz. E não há como eu recuperar isso.

Ela viu a verdade do que eu era, mas eu poderia jurar que ela sabia disso o tempo todo.

Talvez eu devesse ter sugerido isso. E perguntar se ela queria saber mais.

Você não pode mudar o passado. Se alguém conhece bem esse fato, sou eu.

Dê tempo a ela, eu fecho meus olhos, lembrando o conselho que dei a Tyler uma vez. Se ao menos fosse assim tão fácil.

O frio no ar do outono é exatamente o que eu preciso, enquanto passo meu ritmo com as mãos nos bolsos da jaqueta. O metal da arma está frio contra a minha mão enquanto olho de número para número da casa.

55 na West Planes. *Na caixa de correio.*

Foi o que Marcus disse. Instruções simples. Mas uma configuração fácil, se ele estiver planejando.

Dizem que ele é um homem sem vestígios, sem passado e sem nada para usar contra ele. Um fantasma. Um homem que não existe.

Ele sabe tudo e apenas diz o que ele quer quando quer entregá-lo. Mas ele é um meio-termo seguro para pessoas como nós. Porque se Marcus lhe diz uma coisa, é porque ele quer que você saiba.

E isso é uma coisa boa, a menos que ele queira você morto.

Eu escovo meu cabelo para trás enquanto olho da direita para a esquerda. Há um grupo de rapazes nos degraus de uma antiga casa de tijolos do outro lado da rua e na caixa de correio é 147.

Atravesso a rua depois de passar por eles, então estou do lado ímpar. O bloco antes disso foi numerado nas duas centenas. Então mais um quarteirão.

A adrenalina bombeia meu sangue e eu enfio a arma no bolso do meu casaco.

Eu tenho que afastar os pensamentos de Addison, não importa o quanto eles se agarrem a mim e me atormentem a cada segundo.

Meu pai nos ensinou a prestar atenção. Distrações são o que mata você.

Uma gargalhada me deixa com a lembrança de sua lição.

Acho que quando você não se importa se vive ou morre, a severidade das palavras dele não causa picadas na sua pele, como faziam quando você era criança.

Tyler não estava comigo naquele dia. Gostaria de saber se meu pai se deu ao trabalho de dar esse conselho a Tyler. Addison era uma distração tão grande para ele quanto para mim.

Com as lembranças trágicas ameaçando me destruir, paro, percebendo que nem estava olhando para os números.

E aconteceu de eu parar no 55. A caixa de correio fica apenas a dois passos de distância.

A porta de metal frio da caixa de correio se abre com um rangido. O som viaja no ar tenso e o interior parece escuro e vazio. Atrevo-me a colocar a mão e retirar apenas um envelope não endereçado. Nada mais.

Minha testa aperta enquanto eu a considero. É fino e parece que nem está carregando nada. Mas está lacrado e este é o endereço certo.

Tudo isso por um pequeno envelope.

Batendo a porta da caixa de correio, ando alguns quarteirões, segurando o envelope na mão e procurando um ponto de ônibus.

Eu mando uma mensagem para meu irmão, mesmo que não queira. Não quero que ele saiba que está feito. Que eu tenho o que ele estava esperando. *É apenas um envelope.*

É marcado como lido quase imediatamente e ele responde com a mesma rapidez.

Bom. Volte para casa.

Olhando para o texto, aquele buraco no meu estômago cresce. Estou congelado na calçada de cimento, sabendo que tenho que sair e odiar esse fato.

Eu sei que preciso me mudar e não ficar aqui, permanecendo quando Marcus estará observando. Mas com o telefone olhando para mim sem novas mensagens ou chamadas perdidas, o hábito compulsivo de ligar para Addison assume o controle.

O telefone toca e toca e vai para o correio de voz.

Não parei de tentar e não pretendo.

Fiquei o máximo que pude do lado de fora da sua porta. Eu a ouvi chorar até que ela não tinha mais lágrimas. Não sei se deveria ter tentado falar com ela e a conscientizado de que eu ainda estava lá, querendo confortá-la, ou se isso só a deixaria mais irritada.

Um fardo pesado pesa no meu peito enquanto deslizo o envelope para dentro da minha jaqueta, com cuidado para dobrá-lo no centro e continuar andando à noite.

Não tenho escolha a não ser levar isso de volta para Carter. Não há como eu ficar.

Pela primeira vez em muito tempo, sinto-me preso. Sufocado pelo que está por vir.

Não posso deixá-la novamente.

Não posso vê-la se afastar e também não posso deixá-la.

Mas nunca foi minha escolha.

Sempre foi dela.

CAPÍTULO 23

Addison

Não consigo contar o número de vezes que eu jurei que era assombrada. Nem os hotéis em que fiquei ou os lugares em que me mudei. Mas era eu. Uma cigana em Nova Orleans me disse uma vez que não são lugares, são pessoas que são assombradas.

E desde o dia em que Tyler morreu, eu jurei de cima a baixo que ele decidiu que iria me assombrar enquanto eu fugia de um lugar para outro, nunca encontrando refúgio.

Desde os rangidos nas tábuas do piso, até as pequenas coisas serem perdidas. Toda vez que tentei encontrar significado nesses momentos. Cada vez que eu pensava que era algo que Tyler queria que eu soubesse e visse.

Houve muitas noites em que eu gritei alto, implorando para que ele me perdoasse. Mesmo quando eu não conseguia me perdoar.

Eu me pergunto se Daniel ouviu meus pedidos.

Meu telefone toca na mesa de café e, por necessidade de saber o que ele tem a dizer desta vez, eu atendo. Não atendi uma única ligação ou mensagem dele. Eu não sei o que dizer a ele.

Está tudo fodido. Ele perdeu a cabeça.

Ele me machucou além do reconhecimento.

Eu deveria dizer a ele como não consegui me mexer por dias a fio. Mas o bastardo já sabe disso.

Eu realmente o amava, mas uma mentira de anos atrás me faz questionar tudo. Ele poderia ter me ajudado a curar. Ele poderia ter carregado o peso da minha dor e eu teria feito o mesmo por ele.

Mas, assim como quando Tyler estava vivo, ele ficou em silêncio. Ele não me deu nada.

Fico surpresa com a mágoa que percorre meu corpo quando vejo que é Rae e não Daniel.

É uma sensação chocante. E levo um momento para perceber o que realmente quero. Quero que ele implore que eu o perdoe. Quero que ele conheça minha dor.

Eu deixei a ideia ressoar comigo, ignorando Rae e clicando nos textos de Daniel. Seis deles seguidos.

Eu sinto muito.

Eu estava errado.

Eu não pude evitar.

Se eu não estivesse com você e observando-a, seria demais para mim.

Eu gostaria que você entendesse.

Eu nunca a machucaria. Eu nunca vou fazer isso.

Eu li os textos dele e a raiva ferve enquanto eu respondo. *Você nunca sabe o quanto dói passar por isso sozinha. E você fez isso pior para mim. Você ficou em silêncio enquanto eu estava com dor. Como você pôde pensar que eu o perdoaria?*

Percebo que estou mais perturbada que ele não tenha tentado me ajudar, do que o fato de ter me perseguido. Eu acho que não é tão diferente do que ele fez quando eu estava com Tyler.

Pressiono enviar sem pensar duas vezes. E então clico em Rae, que quer saber como está indo. *Inenarrável*, penso amargamente.

Reviro os olhos, deixando um arrepio percorrer meu corpo e lágrimas rolando pelas minhas bochechas. Em vez de responder a ela, vou para a cozinha pegar uma garrafa de vinho.

Ainda não desempacotei minhas taças de vinho e sei que é porque parte de mim já estava pensando em sair com Daniel. Eu

sabia que ele não ia ficar muito tempo e iria a qualquer lugar com ele. Eu teria feito qualquer coisa que ele quisesse para estar ao seu lado.

Meu telefone toca novamente quando me abro e pego uma garrafa de Merlot pelo pescoço da prateleira de baixo da minha prateleira de vinhos. Finjo que vou deixar o telefone lá, mas estou muito ansiosa para ver o que ele tem a dizer. Sou escrava da resposta dele.

Ele escreve de volta, *porque eu também estava sofrendo. E me desculpe. Não foi para machucá-la. Foi apenas para me distrair da culpa que sinto.*

Dor, culpa, agonia e morte fazem as pessoas fazerem coisas terríveis. Mas não é desculpa.

Eu escrevo de volta instantaneamente, *você me usou.*

Eu usei.

Odeio você por isso. Olho para a mensagem de texto e com a dor no coração, já sei que não é ódio. Dói tanto que ele observou e não fez nada.

Você pode me amar e me odiar ao mesmo tempo?

Eu nunca vou perdoar você.

Ele digita alguns e então as bolhas que indicam que ele está escrevendo param. E então eles continuam, mas de repente param novamente. Todo o tempo eu aperto meu telefone com força.

Em vez de esperar, escrevo mais. Minhas mãos tremem e a raiva em mim se confunde com tristeza.

Eu precisava de alguém e não tinha ninguém. Eu queria você, você tinha que saber. Eu me culpei por tudo quando não havia razão para pensar de outra maneira. Você poderia ter me ajudado, mas você apenas observou. Você fez minha dor muito pior do que precisava ser.

Eu envio para ele e, embora esteja marcado como lido, nada vem. Minutos passam e o tique-taque do relógio serve como um lembrete constante de cada segundo que passa sem nada para preencher o buraco no meu coração.

No momento em que coloco o telefone no balcão e pego o saca-rolhas, o telefone emite um sinal sonoro. Preciso ler duas vezes e reler a mensagem que enviei antes que o soluço me escapasse.

Isso é o que sentia cada vez que você o beijava.

Meus ombros tremem tanto que caio no chão, meu telefone também cai, embora a tela não se quebre. Cubro meu rosto enquanto choro, me odiando ainda mais e sem saber como fazer algo melhor.

Meu telefone toca novamente, mas não consigo atender por mais tempo. Mesmo que pareça patético, eu choro tanto que dói cada pedaço do meu coração. A peça que dei a Tyler quando me entreguei a ele. A peça que pensei ter deixado para trás quando me afastei dele. A peça que me deixou quando ele foi colocado para descansar, e a peça que eu dei a Daniel. Existem muitas peças. Peças de anos atrás, de apenas alguns dias atrás e a peça muito grande que ele acabou de pegar.

Eu o quero de volta instantaneamente. Eu quero que ele me abrace. Uma parte de mim sabe que é fraco e patético sentir essa necessidade desesperada de outra pessoa. Mas no fundo eu sei que viveria minha vida feliz sendo fraca e patética para ele. Ele não é fraco para mim da mesma forma?

Fungando e limpando meu rosto, de alguma forma me levanto, me apoiando no balcão e pegando a torneira. Meu rosto está quente e ainda mal consigo respirar.

Eu acho que você nunca superou a morte de alguém que ocupou espaço em sua alma. Não é possível Há apenas momentos em que você se lembra de que é uma imitação pálida do que poderia ser se eles ainda estivessem com você. E esses momentos doem mais do que qualquer outra coisa neste mundo.

Quando fecho a torneira, juro que ouço algo atrás de mim e me viro, um calafrio fluindo sobre a minha pele e deixando arrepios em seu rastro.

É preciso cada grama de força em mim para me abaixar no chão, embora meus olhos fiquem no corredor estreito de onde veio o barulho.

Fica silencioso quando pego o telefone, mal respiro e rapidamente envio uma mensagem para Daniel. Você está aqui agora?

Foi há muito tempo. Eu prometo. Eu não estava bem. Eu sinto muito.

Eu olho para a resposta dele, sentindo um arrepio fluir sobre a minha pele e os cabelos na parte de trás do meu pescoço levantarem.

Então não é você? Eu mesma vou manter meus olhos no corredor, minhas costas para o balcão enquanto digito. Eu mal posso respirar.

Tem alguém aí?

Eu não respondo e uma série de textos é exibida. Ping. Ping. Ping. Um após outro som que ecoa pelo corredor.

Sem olhar para as mensagens que envio, *estou bem*.

Sua resposta vem antes que eu olhe de volta para o corredor. *Estou chegando.*

Em sua resposta, eu avanço, forçando-me a andar pelo corredor e até o quarto do sotão. Há apenas uma porta e eu a abro, dizendo a

mim mesma que não é nada, pois o telefone toca na minha mão novamente.

Vibra novamente quando entro no quarto, avançando cautelosamente até ver uma foto cair da colagem do outro lado da sala.

Meu telefone toca uma terceira vez e posso finalmente respirar. *É apenas uma foto que caiu*.

Eu li o seu último texto e reviro os olhos. *Responda-me.*

Meu coração quase pula do meu peito quando o telefone toca e eu o deixo cair no chão. Demora o tempo todo para tocar para recuperar o fôlego e quando eu pego o telefone para mandar uma mensagem de texto para ele. *Foi apenas uma foto que caiu*.

Eu estou a caminho.

Não venha aqui, envio uma mensagem de texto enquanto ainda estou no chão e espero que ele sinta a raiva que ainda está lá. Acrescento, *não quero você aqui.*

Dói-me dizer isso a ele. Em parte porque é mentira. Não faz nem vinte e quatro horas e já posso me ver perdoando-o.

Addison, por favor. Não me exclua.

Levamos tempo suficiente para admitir o que precisávamos.

Eu sinto sua falta. Eu preciso de você.

Se você está com medo, preciso estar aí.

Com medo e arrependimento e tudo mais que me torturou hoje, só quero ceder a ele depois de ler seus textos rápidos.

Mas eu não vou.

Eu só preciso dormir. Respondo e depois acrescento, *Não venha.*

Por favor me perdoe, ele finalmente manda uma mensagem e eu não posso responder agora, então desligo o telefone e caio na cama. Não sei quanto tempo fico olhando para a parede ou em que

momento decido que tenho energia suficiente para limpar a imagem caída, mas sei que é mais do que gostaria.

A fita de comando está presa na parede neste momento. Juro que nunca mais o usarei.

Assim como eu nunca vou me permitir ceder a Daniel novamente.

Algumas pessoas que você deve sentir falta.

Elas não são boas para você.

Penso nas palavras, mas não sei se realmente as sinto.

Com esse pensamento em mente, vou para onde o porta-retrato está de bruços no chão e o levanto com cuidado. Felizmente, não há vidro quebrado.

Eu quase me sinto bem quando o viro para inspecionar a moldura.

Mas então eu vejo a foto que caiu. Uma que eu tirei, cinco anos atrás.

Uma natureza morta do caminhão velho e enferrujado de Tyler.

E é aí que eu perco tudo de novo. Sou forçada a aceitar o fato de que algumas feridas nunca cicatrizam. E elas não devem ser esquecidas.

CAPÍTULO 24

Daniel

O telefone toca e toca quando jogo uma bolsa com zíper no canto com o resto da bagagem. Empacotei a luz há anos, mas isso nunca me incomodou antes.

Olhando para a pequena pilha que compreende tudo o que possuo, nunca me senti tão inútil. Ou tão cansado. Eu não dormi nada.

O telefone fica silencioso e, em vez de ligar para Addison novamente, eu vou até o número de Carter e ligo para ele. Eu poderia facilmente enviar uma mensagem de texto para que ele soubesse que estou a caminho, mas não quero. Eu quero que ele ouça a derrota na minha voz. E eu preciso falar com alguém. Alguém real. Estou perdendo tudo, lentamente sentindo isso escapar de mim.

Eu preciso de alguém. Desesperadamente. Fiquei acordado do lado de fora do apartamento de Addison a noite toda. Eu tinha que ter certeza de que ela estava bem. Mas o tempo não espera, e eu tive que fazer as malas... e agora tenho que partir.

Só toca duas vezes antes que ele atenda, cumprimentando-me com o meu nome, embora pareça uma pergunta. E sei por que ele ficaria confuso ao ver que estou ligando para ele.

Eu nunca ligo para ninguém. Não quero falar com ele nem com nenhum dos meus irmãos, e eles são os únicos vivos que amo. *Meus irmãos e Addison*.

— Você sente falta dele? — Eu pergunto a Carter sem preceder a minha pergunta. — Não como mamãe e papai, onde sabíamos que

isso iria acontecer e fazia sentido. — Carter tenta falar do outro lado da linha, mas eu continuo, beliscando a ponta do nariz e sentando no final da cama . Protesta com o meu peso. — O tipo da falta de alguém em que é melhor fingir que está voltando? O tipo de falta em que você fala com eles como se eles pudessem ouvi-lo e isso faz você se sentir melhor? — Eu sei por que não vou para casa. É porque ele está lá na minha cabeça. Eu sei o que é a casa e ele está lá. Recuso-me a aceitar o contrário. Eu não posso

Eu digo a ele que sinto muito toda vez que me lembro dele. Eu odeio ir para o sul, muitos caminhões velhos. Eu nunca poderia dizer a diferença, mas eles eram coisa de Tyler. Ele era uma alma antiga assim.

—Todos os dias, — diz Carter enquanto eu sento lá em silêncio.

— Eu fiz algo. — começo a confessar a Carter, mas me contenho. Estou com vergonha, então resolvo outra coisa. — Encontrei Addison. — O nome dela me deixa às pressas, levando todo o ar dos meus pulmões com ele.

— Addison de Tyler? Foi isso que trouxe isso à tona? — Ele me questiona e eu aceno minha cabeça como um idiota, como se ele pudesse ver.

— Sim. — eu quase repito, Addison de Tyler. Mas ela nunca pertenceu a ele. Tanto quanto eu a amo, ela sempre foi minha. Talvez ele foi o primeiro, mas eu seria o último. Minha garganta aperta e meu coração martela no peito. Ela não é mais dele. Ela é minha. E dizer a Carter parece uma traição do pior tipo. Parece que estou dizendo a Tyler. E por mais que eu achasse fácil admitir, não quero que eles me odeiem. Eles têm que entender.

— E? — Carter pressiona e não sei onde começar.

— Quando eu fui embora... depois que Tyler morreu, cinco anos atrás... quando eu deixei você e a família, eu a segui.

As palavras saem de mim. — Observá-la chorar me fez sentir normal. Ela me deu esperança de que eu não estivesse quebrado, porque ela se sentia da mesma maneira. Mas ela parou de chorar, Carter. Ela seguiu em frente sem mim.

— Daniel. — adverte de Carter e eu o odeio por isso.

— Você vai me ouvir. — eu fervi com raiva mal contida. Ele vai ouvir e aceitar. Não há outras opções. Não posso terminar de outra maneira. — Não tenho ninguém.

— Você não escolheu ninguém. Você nos deixou.

— Você sabe por quê. — Eles deram o telefone de Tyler para Carter depois que a poeira baixou. Carter viu. Ele nunca falou isso em voz alta. Mas eu estava lá e sei que ele viu que era eu quem mandava uma mensagem.

Fui eu quem levou Tyler à sua morte.

— Você não precisava ir embora. — Sua voz é sincera, mas suave e cheia de simpatia.

— Bem eu estou voltando agora. — digo a ele.

— Ela sabe? — ele me pergunta e eu respondo. — Eu não devia ter dito a ela.

— Ela sabe que você a seguiu? Ela vai prestar queixa? — Ele pergunta e eu bufei uma risada sem humor e depois olho para o ventilador de teto que está perfeitamente imóvel.

— Eu acho que não. — digo e é só então que essa pergunta se torna uma possibilidade. Eu só estava pensando no que posso fazer para que ela me perdoe.

— Ela tem que me perdoar. — digo a ele com palavras mais fortes do que sinto.

— Ela não precisa fazer nada. — Carter me responde e o silêncio se estende enquanto meu desdém por ele cresce.

— O que ela disse? — Ele me pergunta quando eu estou pronto para desligar.

— Que ela me odeia. — Não me machuca dizer as palavras hoje, como elas me machucaram ontem. Há esperança, apenas um pequeno pedaço, mas está lá. — Ela não quis dizer isso. — digo a ele.

— Você fez mais alguma coisa? — Carter me pergunta com um tom cauteloso, como ele já sabe.

— Já fiz muitas coisas, irmão.

— Com ela. Com Addison. — Meu olhar vagueia para os meus sapatos na cama e eu me inclino para colocá-los e amarrá-los enquanto digo. —Tentei ficar longe dela, mas ela me procurou... antes que ela soubesse.

— Ela transou com você? — Ele me pergunta e me parece que ele disse isso ao contrário.

— Eu transei com ela, sim. — A irritação me dá força e eu encaro a pilha de merda ao lado da porta que eu levo comigo de volta para casa e quase a deixo para trás. É tudo sem sentido.

— Ela é... — Carter hesita em perguntar.

— Ela é minha. — As palavras me deixam rapidamente, sacudindo como se quisessem açoitá-lo, odiando como ele questiona. *Ela sempre foi minha.*

Eu quase digo a ele que ela vai me perdoar, mas a dúvida em mim interrompe as palavras na ponta da minha língua.

— Estou indo para casa. Tenho andado afastado há muito tempo.

— Se você a trouxer, me diga para que eu possa contar aos outros.

— Por que contar a eles? — Embora eu não dê a mínima para o que eles pensam, eu sei que Addison dará.

— Ela era como uma irmã para nós, Daniel. Ela não deixou somente Tyler, ela deixou todos nós.

Ela não nos deixou uma vez. Ela nos deixou duas vezes.

Quando a ouvi terminar com Tyler na cozinha, pude ouvir cada palavra. Fiquei de pé junto à janela, observando-a ir embora.

Não posso deixá-la sair pela terceira vez. Eu não posso deixá-la ir.

Antes que eu possa me impedir, falo ao telefone: —Eu vou avisar você.

Olhando para a porta fechada desta casa alugada, posso ver Addison tão claramente todos aqueles anos atrás. Afastando-me e nunca me preocupei em impedi-la ou dizer-lhe como ela não tinha permissão para sair.

Ela nunca poderia sair.

Ela deveria estar lá.

Não com Tyler, mas comigo.

Talvez se eu tivesse me dado ao trabalho de contar a eles, Tyler ainda estaria aqui e nada disso teria acontecido.

CAPÍTULO 25
Addison

Este frio não acaba.

Isso me segue por toda parte. Mesmo me enterrando debaixo dos cobertores não tira o frio. Não consigo dormir Só posso esperar pelas atualizações de Daniel. Ele me mandou uma mensagem a noite toda. Ele está realmente indo embora.

Tudo parece tão final e não tenho tempo para processar nada. Há um peso no peito e uma dor nos pulmões que eu sinto tão dolorosamente. Eles não vão me deixar em paz.

Outra mensagem, outro pedido dele.

Por favor, encontre-me, ele implora, *eu não posso perder você outra vez.*

Olhar para sua mensagem desperta tanta emoção. Eu não quero perdê-lo. Essa é a pior parte de tudo isso. É o fato de que não quero ficar sozinha e sem ele novamente.

Mas como você pode perdoar alguém por vê-lo sofrer quando eles sabiam que poderiam salvá-lo?

Vou esperar lá fora. Estou a caminho e espero por você, mas não posso esperar muito. Por favor, Addison.

Os segundos passam enquanto eu encaro sua mensagem.

Tic-tac. Tic-tac.

É de manhã cedo; o sol ainda está nascendo. Um novo dia.

Eu posso dizer adeus. Apenas um último beijo. Um beijo pelo amor que tivemos. O amor que compartilhamos por outro também. Um adeus final que eu deveria ter tido anos atrás.

Eu posso fingir que será isso, mas já me sinto agarrada a ele.

Você tem que dizer adeus a algumas pessoas você, e a outras não.

Eu não mando texto de volta. Em vez disso vou para o banheiro. Eu pareço exatamente como me sinto, que é muito horrível. Eu meio que me questiono em me arrumar um pouco para encontrá-lo.

Mas não quero que ele se lembre de mim assim, se for a última vez que o verei.

Eu demoro alguns minutos, cada um parecendo cada vez mais longo, embora quase nenhum tempo tenha passado. E quando olho para cima, vejo uma versão bonita de mim, com rímel e corretivo para esconder a exaustão. Mas não consigo esconder a dor.

Vou tentar deixá-lo ir e seguir em frente.

Porque é isso que eu devo fazer. Não é? É o que uma mulher sã e forte faria.

O zíper parece tão alto quanto eu fecho a bolsa de maquiagem, assim como o clique do interruptor da luz. Quase não há luz desde o nascer do sol quando saio e desço as escadas até a entrada lateral do apartamento.

Cada passo parece mais pesado que o anterior e meu coração não para de quebrar.

É uma pausa lenta, direto no centro. Meu coração me odeia, mas mais uma vez, é algo que parece tão apropriado.

Há uma grande janela na porta de entrada lateral e estou olhando para fora, procurando o carro de Daniel quando eu a abro. Ele ainda não está aqui. Não que eu possa ver.

Quero mais tempo antes de dizer adeus e isso torna dolorosamente óbvio que não quero falar as palavras. Mas não posso ser fraco e não sei se posso perdoá-lo.

O ar frio bate no meu rosto enquanto o vento passa e eu desço lentamente as escadas. Eu levo o meu tempo, não querendo que isso acabe, mas sabendo que é tão perto e não há nada que eu possa fazer para impedi-lo.

No segundo em que bati no degrau mais baixo e vi o carro de Daniel encostar no meio-fio, uma mão grande cobre meu rosto ao mesmo tempo em que sou puxada de volta para uma parede pesada - não, o peito de um homem.

Um homem. Alguém me agarrou. A realização me bate em uma onda. Eu não o vi chegando. Eu ainda não consigo vê-lo.

Um grito rasga minha garganta enquanto tento balançar para trás e atingi-lo. Daniel! Eu tento gritar, mas não posso. O homem gira e minha visão fica embaçada quando eu bato em uma parede de tijolos, meu braço raspando contra ela.

Não paro de gritar; Não paro de brigar com tudo o que tenho. Meu joelho bate contra a parede de tijolos enquanto o homem zomba de mim para ficar quieta, a luva de couro preto na mão fazendo meu rosto ficar quente. Eu chuto o muro com o medo, a raiva e o conhecimento de que, se eu não gritar por Daniel, ele não saberá. Ele não será capaz de me salvar.

Meu joelho queima com dor quando enfio meu peso no homem e empurro ao mesmo tempo, caindo no asfalto e me libertando por apenas uma fração de segundo.

Grito por Daniel, embora não saiba se ele me ouviu. Não consigo respirar quando um homem de capuz preto com olhos injetados de sangue enfia a mão no meu rosto com tanta força que

acho que ele quebrou meu nariz por um momento. A dor irradia e lágrimas escorrem dos meus olhos.

Eu sempre pensei que a pior coisa que você podia ver quando morria era o rosto de alguém que amava você, mas não podia ajudá-lo.

Olhando nos olhos negros deste homem, eu questiono isso.

Mas o alívio vem rapidamente.

Através da minha visão turva, vejo uma bota bater em sua cabeça, derrubando-o de mim, embora eu lute para me libertar e me afastar.

Bang! Bang!

Ouço tiros e grito de novo por instinto, caindo de lado e me aconchegando em uma bola. Bang!

Um último tiro.

Um batimento cardíaco.

Outro.

Silêncio.

E então eu olho para cima e vejo o homem parado, mas Daniel segurando seu peito. Ele respira pesadamente e depois tropeça.

— Não! — Eu grito quando o sangue encharca sua camiseta branca de algodão e o botão aberto em camadas sobre ela.

— Daniel. — grito com medo, segurando meu coração.

Ele grita para mim, mesmo que a força tenha desaparecido.

— Entre!

Meu corpo se recusa a obedecer enquanto ele afasta a mão do peito. Tem sangue. Muito sangue.

A expressão de Daniel só muda de preocupado comigo para irritado quando ele olha para sua mão. Seu foco se move para o

homem deitado imóvel no asfalto e ele aponta a arma para sua cabeça, atirando.

Bang! Bang! Bang! Cada tiro faz meu corpo tremer. O corpo do homem não reage. O rosto dele é um que eu não reconheço, pois ele olha sem vida para o nada.

Meu olhar muda de seus olhos mortos de volta para Daniel quando ele se agacha e agarra seu peito, caindo de joelhos no chão.

Esse é o momento em que posso finalmente me mover novamente. E eu corro para ele o mais rápido que posso com um pensamento correndo em minha mente.

Todo mundo que eu amo morre.

Cada.

Um.

CAPÍTULO 26

Daniel

Porra.

Sangue quente escorre da minha ferida e absorve minha camisa enquanto eu me inclino contra a parede de tijolos, sentindo fortes dores na espinha. Eu aplico pressão no tiro para tentar parar o fluxo.

Eu mal posso respirar entre os dentes com a dor.

— Vá para dentro. — Eu tento gritar com Addison quando ela paira sobre mim. — Agora. — Eu rosno e minhas palavras saem fracas.

— Daniel, levante-se. Levante-se! — ela grita comigo. E isso realmente me faz sorrir.

Enquanto tento me levantar, com ela me puxando e tentando me ajudar, olho para minha mão. É vermelho brilhante, não preto. Esse é o primeiro bom sinal. Mas quando olho para o peito e vejo o quanto ainda está sangrando, a tontura quase me faz desmoronar.

— Venha comigo. — ela implora. — Temos que ir ao hospital.

— Não. Sem hospitais. Sem policiais. — Ainda estou bem o suficiente para saber melhor do que isso. — Você não pode ficar aqui; os policiais estarão chegando. Você tem que ir

— Eu não vou deixar você aqui. — ela grita comigo, incrédula. — Apenas fique comigo. Esconda-se no meu apartamento. Deixe-me ajudá-lo, por favor. — ela me implora e essa é a única razão pela qual eu a deixo me abraçar e me guiar de volta para o seu apartamento.

Graças a Deus, é tão cedo e tudo aconteceu no beco.

Beco escuro.

Um homem que sabia onde estar e quando.

Alguém com informações.

Ela implora, e que é a única razão que eu a deixei envolver um braço ao meu redor e me guiar de volta para o apartamento dela.

Marcus não... mas é alguém que deve conhecer Marcus. Meu olhar se move para o rosto pálido de Addison enquanto ela abre a porta do seu apartamento. Alguém que a queria. Alguém que queria me machucar. E Marcus tinha que ter contado a eles. Ele é o único que sabia que eu estava com ela e o que ela significava para mim.

— Vamos lá. — Ela tenta me empurrar para o apartamento dela e por um momento eu hesito, mas se Marcus ou outra pessoa estiver atrás de Addison, eu tenho que estar ao lado dela.

É muito tarde para eu dizer adeus.

Sinto-me sem fôlego quando meu olhar sai da porta atrás de nós para o balcão e depois para a janela. Eu tenho que contar a Carter. Ao pensar nisso, uma dor dispara nas minhas costas e no meu ombro, me fazendo cerrar os dentes.

Porra! Prendendo a respiração, coloco mais pressão na ferida.

Meus passos são largos quando entro e vou para a cozinha. Para o piso de cerâmica, onde será fácil limpar.

— Havia sangue na rua? – Pergunto a Addison com uma voz dolorida que não consigo controlar e olho para trás enquanto ando. Nada está derramando no chão. Nem uma gota. Minha camisa está encharcada de sangue, mas espero que não haja nada que leve os policiais até Addison.

— Muito. — ela me responde enquanto abre a porta do armário e puxa um rolo de papel toalha.

— Ele subiu as escadas? — Eu pergunto a ela sem fôlego e depois estremeço com a dor. *Porra! Faça parar. Por favor.*

Ela olha para mim de olhos arregalados antes de perceber que eu estava falando sobre o meu sangue. Não o imbecil que se atreveu a colocar as mãos nela. Ela engole visivelmente enquanto balança a cabeça freneticamente. — Não, nada. — Ela enrola as toalhas de papel em volta da mão antes de me dar o pacote delas. Suas mãos ainda estão tremendo. Minha pobre Addison.

Dou uma olhada rápida, o mais rápido que posso. Parece que a bala saiu de forma limpa. A ferida não é o problema. Vai sangrar, mas vai curar. É a infecção que me matará se eu não mandar um dos caras dar uma olhada.

— Venha se sentar. — ela me diz, enquanto também pega minha camisa. — Sente-se. — ela comanda novamente. Suas mãos estão tremendo e sua voz treme, mas ela está tentando ser forte.

Estendo a mão e agarro sua mão para detê-la. Meu sangue mancha sua pele macia. — Estou bem. — Eu digo para tentar confortá-la.

Addison balança a cabeça, com lágrimas em seus olhos.

— Sente-se e deixe-me cuidar de você. — Ela engole as lágrimas e acrescenta. — Se você não for ao hospital, é o mínimo que você pode fazer.

Uma respiração me deixa e me faz sentir fraca.

Outra e minha mão libera a dela, mas ela não olha. Ela nem limpa o sangue; ela ainda está procurando nos meus olhos por aprovação.

Assentindo, dou um passo para trás e empurro a cadeira na ilha da cozinha para trás o suficiente para sentar.

Eu observo seu rosto o tempo todo, ela me ajuda a tirar minha camisa. Ela ainda se importa comigo. Eu sei que ela se importa. *Ela vai me perdoar.*

— Você não disse que me odiaria para sempre? — Pergunto a ela. Talvez eu esteja delirando. Não sei por que a pressiono.

— Eu disse que nunca perdoaria você. — ela me diz categoricamente e não me olha nos olhos. Em vez disso, ela puxa o maço de toalhas de papel, que estão na maior parte encharcadas de sangue e rapidamente se agita mais e pressiona contra a ferida.

— Mas você foi para me ver. — eu digo sem pensar. — Tem que significar alguma coisa. — A esperança no meu peito vacila com o seu silêncio.

E quando ela fala, sua luz diminui.

— Isso significa que eu estava pronta para me despedir.

— Não acredito. — digo a ela sem hesitar e ela olha para mim com lágrimas nos olhos.

— Não chore. — ordeno fracamente. — Eu não queria incomodá-la.

Ela respira fundo e pisca as lágrimas, mas a dor está claramente escrita em seu rosto.

— Eu sinto muito. — eu sussurro enquanto ela enxuga as lágrimas dos olhos. — Eu não quis dizer isso…

— Ah, cale a boca. Você não sabia que isso... — sua voz quebra antes que ela possa terminar e ela fecha os olhos e luta para acalmar a respiração.

— Tudo bem, Addison. — eu tento tranquilizá-la, estendendo a mão, mesmo que isso envie uma lança de dor através do meu peito. Eu corro minha mão pelo braço dela e a puxo para mais perto, posicionando-a entre as minhas pernas.

— Está tudo bem. — sussurro em seus cabelos e depois dou um pequeno beijo em sua têmpora quando ouço sirenes do lado de fora. Ela abre os olhos e olha para o outro lado da sala, onde o beco fica logo abaixo.

— Eles podem bater, mas você não tem que responder. — digo suavemente, e ela apenas assente uma vez, seus olhos nunca se movendo.

— Eu sinto muito. Não posso dizer adeus a você. — digo a ela como gostaria de nunca mais voltar ao bar. Eu gostaria de não ter trazido isso para ela. Ela não sabe. Tenho certeza que ela acha que foi um assalto ou tentativa de estupro aleatória. Ela não faz ideia. Mas eu sei que não há como ser uma coincidência.

— Gostaria de poder dizer adeus a você novamente. Eu gostaria de poder lhe dizer que vou deixar você ir, porque é realmente o que um bom homem faria.

— Aqui vai você com palavras sobre homens bons e maus, quando você nem sabe a diferença. — O tom de Addison é suave, mas há a sugestão de um sorriso esperando por mim. Eu posso sentir isso.

— Obrigado por cuidar de mim. — falo enquanto ela puxa o maço de toalhas de papel e há menos sangue. Tento respirar fundo, mas dói e estremeço.

— Deixe-me limpar e fazer um curativo. — diz ela, embora não tenha certeza de que ela realmente queira uma resposta. Engulo em seco e a deixo trabalhar. Ela pode fazer o que quiser comigo, pois sou grata por ela estar aqui por mim.

Eu não a mereço. Eu sei que não. E é tudo o que consigo pensar enquanto ela cola a gaze estéril no lugar. Mesmo quando ela derrama álcool sobre minha ferida, eu quase não sinto nada.

— Preciso que você se deite. — Addison fala com autoridade, embora pareça uma linda bagunça.

A necessidade desesperada de sono me implora para ouvi-la, embora Carter esteja me esperando. Ele sabe que eu vou.

Como se lendo minha mente Addison diz.

— Isso pode esperar. Você não pode dirigir agora!

— Você vai deitar comigo? — Eu daria qualquer coisa para sentir seu corpo macio ao lado do meu e segurá-la agora. O pensamento envia um calor através de mim, mas desaparece quando olho para cima.

Seus olhos tristes encontram os meus com algo que eles não tinham antes. Lamento, talvez? Ou negação? Não tenho certeza, mas tenho certeza que ela vai me dizer não.

— Por favor. — eu acrescento e minha voz treme. — Mesmo que seja só um pouco?

Ela está relutante em concordar, mas ela faz e minha garganta se fecha com uma dor que certamente me assonbrará para sempre.

Pelo menos tenho mais uma noite. Mas eu sei no meu coração, é apenas mais uma noite.

CAPÍTULO 27

Addison

Eu não quero acordar. Eu não quero me mexer.

Porque agora eu tenho um homem que eu quero desesperadamente, e isso não me deixa fraca por estar com ele. Mas quando esse momento acabar, é assim que eu ficarei. Não se trata mais de perdoá-lo; está aceitando quem eu sou se estiver com ele.

Não sei há quanto tempo estamos na cama, mas as batidas na porta dos policiais vieram e se foram. E pelo menos horas se passaram, porque meus olhos não estão tão pesados, apenas doloridos.

— Você está acordada. — O estrondo profundo de Daniel faz seu peito vibrar. E é só então que percebo o quão perto dele estou, como estou enrolada em torno dele e seu braço está atrás das minhas costas, me segurando para ele.

Rolo um pouco, apenas o suficiente para que minha cabeça esteja no travesseiro e não no peito dele. Há tantas coisas a dizer. E tão pouco tempo.

Você pode querer uma pessoa, mas sabe que ela é ruim para você. Essa é a pessoa que Daniel é para mim desde que o conheci. E isso não vai mudar.

Daniel levanta o lençol e checa o ferimento de bala. Só consigo ver um leve círculo de sangue e tento avaliar a reação dele, mas ele não diz nada.

— Você vai ficar bem? — Eu pergunto a ele e tento engolir minha preocupação.

— Você vai me deixar se eu disser que vou ficar bem? — Ele pergunta, virando o rosto para mim e seus lábios estão a poucos centímetros dos meus.

Eu bufo uma pequena risada e um traço de sorriso está lá por um momento, mas a dor do desconhecido é rápida em tirar isso. O sorriso nos meus lábios treme e eu tenho que respirar fundo.

— Não sei para onde vamos daqui. — É difícil dizer a verdade.

Eu o ouço engolir e então ele olha para o teto, e não para mim.

— Eu ainda quero você. — diz ele em um sussurro, embora eu não tenha certeza de que ele pretendia que fosse assim. — Eu não posso deixar você ir. — ele diz e volta seu olhar para mim, avaliando minha reação.

Não sei explicar como é ouvi-lo dizer as únicas palavras que quero ouvir. Quero implorar para que ele não me solte, porque tenho muito medo de me perder com ele, mas nunca quero me separar.

Um segundo passa e depois outro. E eu não sei o que fazer, pensar ou dizer. Só sei que o tempo está acabando.

— Eu nunca vou parar de observá-la, Addison. Meu coração pensa que você me pertence e sempre o fez. Se eu quero, se você quer. Não importa, sempre sentirei essa necessidade de cuidar de você.

— Não é a parte de me observar. — tento dizer a ele e depois balanço a cabeça. Meu cabelo desliza contra o travesseiro e eu luto para falar, mas de alguma forma eu falo.

— Isso dói.

— Eu sinto muito. — Ele diz as mesmas palavras de antes, mas a dor é muito mais real agora, quando ele se vira um pouco e coloca a mão na minha.

— Você me quer? — Ele me pergunta e depois acrescenta: — você quer voltar para casa comigo? Eu vou melhorar. Eu juro que vou.

Ele aperta minha mão e eu não sei o que dizer. Eu só quero que tudo fique bem e não me odeie por correr de volta para ele.

— Não quero que você venha comigo porque está perdida, sozinha ou com medo. Se você me quer, eu quero você. Não posso evitar e não consigo parar. Eu tentei e quando finalmente te soltei, não havia mais nada de mim.

Meu coração dói por ele e por mim. Eu sei exatamente como ele se sente. Lágrimas picam meus olhos e eu mal posso respirar.

Eu não posso responder, então, em vez disso, digo a ele o que planejava dizer quando estava pronto para me despedir.

Minhas palavras saem em respirações estremecidas.

— Se você tivesse me procurado naquela época, eu teria deixado você entrar. Em vez de me observar com dor, eu teria amado você por estar lá por mim e estaria por você também.

— Você estava cega de como eu estava naquela época. Você pode ter tido sentimentos por mim. Mas você o amava.

— Eu amava você também. — Minha voz racha enquanto eu protesto e eu respiro fundo.

— Você não saberia a verdade. Foi minha culpa…

Eu o cortei, pressionando meu dedo nos lábios para silenciá-lo.

— Eu terminei com o passado, Daniel. Não preciso saber todas as coisas horríveis que você fez uma vez. Eu só queria que você soubesse que eu teria deixado você entrar. — Eu quase adiciono, como estou agora. Eu posso me sentir voltando para ele depois de quase perdê-lo. Depois de quase vê-lo morrer. Não há como eu deixá-lo ir novamente.

Algo se levanta no meu peito. Uma leveza que me dá mais espaço para respirar. É a verdade, e saber disso me faz sentir tudo, menos fraca.

Ele faz uma pausa, considerando o que eu disse e olha para mim na janela do quarto antes de falar novamente. —Você acha que sim, mas eu não podia arriscar que você me rejeitasse. Eu nunca tive uma chance, Addison. Mesmo depois que ele se foi, você ainda o amava, e eu me odiava por pensar em tomar o lugar dele em seu coração. Eu não me importo mais. Eu já me odeio, mas pelo menos eu posso ter você. Eu posso amá-la melhor do que qualquer outra pessoa.

Ele engole em seco e acrescenta.

— Eu posso lhe prometer isso.

— Amor é uma palavra forte. — Ainda tenho medo de dizer a ele que o amo. Eu não quero que ele morra. Mais do que qualquer outra coisa, não posso perdê-lo. Sei lá no fundo que amo Daniel Cross e sempre o amei.

— É a palavra certa para o que temos, mas podemos fingir que vamos devagar? — Ele questiona como se eu já o tivesse perdoado. Como se eu tivesse concordado em voltar para casa com ele.

— Então você acha que eu sou sua de novo? — Pergunto a ele enquanto limpo meus olhos e fungo. — Bem desse jeito?

Ele segura meu olhar enquanto me diz.

— Você sempre foi minha.

E não tenho palavras para ele em troca.

É verdade.

Daniel diz que é ele quem nunca teve uma chance naquela época.

Mas a verdade é que Tyler nunca teve.

Eu sempre fui de Daniel e não acho que eu tenha dito isso em voz alta. Porque não sei se Tyler poderia me perdoar se soubesse.

Daniel se inclina para perto de mim com a intenção de me beijar. Mas logo antes que ele possa segurar a parte de trás da minha cabeça, ele estremece de dor.

— Merda. — a palavra deixa meus lábios rapidamente e eu pairo sobre ele. — Pelo amor de Deus, deite-se e descanse. — Puxo os lençóis para verificar a ferida, mas parece a mesma.

— Não, eu preciso beijar você. — diz ele suavemente e quando meus olhos encontram os dele, ele sorri fraca e suplicante.

— Eu preciso beijá-lo também. — sussurro e lágrimas surgem em meus olhos.

Eu me inclino para pressionar meus lábios nos dele. Quero que seja suave e doce, mas se aprofunda instantaneamente e naturalmente. Uma de suas mãos embala a parte de trás da minha cabeça, seus dedos passando pelos meus cabelos. O outro agarra meu quadril, me segurando lá enquanto sua língua varre a minha e seu hálito quente se mistura com o meu.

Meu corpo aquece, me sentindo completamente à vontade em seu abraço.

— Preciso de você. — ele sussurra contra os meus lábios com os olhos fechados. Minha boceta aperta com as palavras dele e é então que sinto sua ereção contra minha coxa. A agonia se quebra e eu limpo meus olhos.

— Você está ferido. — digo a ele enquanto balanço levemente minha cabeça e seguro seu queixo forte na minha mão.

— Não importa, sempre precisarei de você. Sempre quero você.

Meu coração bate e vibra novamente. Reconhecendo como é verdade, porque é o mesmo para mim.

— Eu amo você. — digo as palavras em um sussurro, mesmo que elas me assustem. — Não posso perder você.

— Eu amo mais você. — ele me diz e eu me inclino para beijá-lo novamente e calá-lo antes que ele faça essa dor no meu coração crescer ainda mais.

CAPÍTULO 28

Tyler

Há cinco anos

Eu me sinto tão estúpido.

Não sei como não vi isso antes.

E precisou ele me enviar mensagens de texto de onde ela está para eu perceber isso. Eu me sinto tão estúpido.

Daniel está apaixonado por Addison.

E ela está apaixonada por ele.

Tudo faz sentido agora.

Verifico o mapa no meu telefone para garantir que estou seguindo o caminho certo, embora cada passo faça meu coração doer mais.

Ele não sabe que eu sei. Nem ela, mas eu posso fazer um favor a ambos e dizer a eles.

Eu quero beijá-la uma última vez, no entanto.

Eu sei que está errado. Mas é só um beijo de despedida. Algo para me lembrar dela. Algo para que ela saiba que está tudo bem. Que eu estou bem com ela o amando. Eu só quero que ela seja feliz. Ela precisa mais do que ninguém. Eu posso ver em seus olhos.

Minha garganta está apertada quando passo pela Fourth Street. A chuva começa a cair mais forte e parece apropriado.

Puxo o capuz em volta da cabeça e ouço meus tênis chiarem na calçada enquanto me aproximo do desgosto.

Eu pensei que ela me dizendo que não podia mais ficar comigo era a pior coisa que eu já senti.

Mas saber que ela ama meu irmão e o quer mais do que ela me quer? Porra, dói. Dói tanto.

Meu telefone vibra e olho para baixo para ver uma mensagem de Daniel. Ela entrou na loja da esquina e Daniel disse que parece que ela estava chorando. Ela também faz isso na escola. Mas ela não me deixa chegar perto dela desta vez. Ela não me deixa confortá-la quando ela precisa tanto.

Esta não é a primeira vez que ela me largou. Meus irmãos não sabem porque tenho vergonha de contar a eles.

Mas cada vez que ela o fazia, eu a encontrava chorando em algum lugar e ela me deixava abraçá-la para que se sentisse melhor.

Eu simplesmente a amava, esperando que ela me amasse de volta. E eu sei que uma parte dela ama. Mas nunca pensei que ela não me amasse completamente porque havia outra pessoa.

Eu pensei que era assim que ela era. Que ela apenas afasta as pessoas e que eu teria que lidar com ela com mais gentileza. Eu deveria saber pela maneira como ela evitou Daniel e pela maneira como ele perguntou sobre ela.

Como eu era tão idiota?

Você quer que eu vá com ela? Daniel me manda uma mensagem e eu paro a uma quadra de onde ela está. Onde os dois estão. Tão perto, eu posso ver a vitrine da loja. A luz é fraca nas folhas de chuva. Tão perto, mas tão longe.

Eu deveria dizer que sim. Eu deveria deixá-lo ir até ela. Aposto que ela o deixaria confortá-la.

Mas eu só quero um último beijo. Apenas mais uma vez antes de eu deixá-la ir.

CAPÍTULO 29

Addison

— Eu acho que não consigo respirar.

— Eu não estou dentro de você agora, então você deve estar bem. — Daniel brinca quando a porta do carro se fecha atrás de nós. Ele deixa seu Mercedes preto na calçada em ferradura pavimentada enquanto caminhamos para a propriedade de Cross. O idiota teimoso não me deixou dirigir. Os analgésicos definitivamente o ajudaram. Mas estou ansiosa para alguém dar uma olhada nele. Alguém que saiba o que está fazendo.

— É diferente da outra casa. — afirmo, ignorando a piada de Daniel e como isso é fácil para ele. Não é apenas diferente. É massivo. Eles costumavam morar em uma pequena casa nos arredores. Isso é... outra coisa.

— O lar parece diferente quando você está diferente. — ele me diz e caminha para frente, me deixando em pé na sombra da grande casa de pedra branca. É mesmo uma casa? Parece uma mansão.

— Quem mora aqui? — Eu pergunto a Daniel e ele envolve o braço em volta da minha cintura.

— É para todos nós.

Não vejo nenhum irmão dele desde o funeral e, naquele dia, não conseguia olhar nenhum deles nos olhos. Eu mal podia falar com eles. Eu mal podia fazer qualquer coisa porque a culpa era tão forte. Meu pulso acelera quando ele me empurra para frente.

— Eu não sei...

— Eu sei que você pode. E você se sentirá melhor quando o fizer. Nós dois nos sentiremos melhor quando entrarmos lá. — Seus

olhos imploram para mim, não apenas para procurá-lo, mas para estar com ele.

Ele estende a mão para mim, deixando-a no ar até que eu finalmente a pego.

— Não me deixe. — eu sussurro e olho em seus olhos.

Um sorriso tenso é a resposta que recebo, seguida por ele se inclinando para me beijar uma vez nos lábios.

Seu hálito quente faz cócegas na minha pele no ar fresco da queda enquanto ele abaixa a boca na concha do meu ouvido.

— Eu sei que isso não é... — Ele para e eu posso ouvi-lo lamber seus lábios. — Isso não é um conto de fadas. Mas não há nada para mim lá se não houver também para você. — ele finalmente diz e depois se afasta.

Meu coração aperta com uma dor que eu acho que amo. Uma dor de um passado compartilhado, mas de saber que podemos ter um futuro juntos.

Em pé na frente da propriedade, com sua fina camisa de algodão preta esticada sobre os ombros, um tom de preto que quase combina com a escuridão em seus olhos, como eu poderia negá-lo?

— Eles sabem que você vem. Sabem que você é minha. — Ele fala com uma convicção que sinto em minha alma.

Não é a primeira parte do que ele disse que me conforta.... É tudo na segunda parte.

Eu quero ser dele, e eles sabem que eu sou.

Eu engulo em seco e ignoro a agitação na boca do estômago enquanto subimos as escadas até a entrada.

É seguro. Está tudo bem. Estou com Daniel.

Os pensamentos são reconfortantes o suficiente para me dar força para respirar quando ele abre a grande porta da frente e me leva para dentro.

Cada passo é mais difícil de dar e eu me sinto me afastando dele. Eu não quero enfrentar os irmãos dele. Eu tenho muito medo do que eles vão pensar. Eu tenho medo do julgamento e ódio deles. Porque eu sempre tive amor por eles. Não é o tipo de amor que eu tinha por Tyler, e não o que eu tenha por Daniel. Mas amor, no entanto. Eles me deram uma casa quando eu não tinha. Eles eram minha família.

E agora... não suportaria que eles me mandem embora.

— Está tudo bem. — Daniel diz e me segura no saguão silencioso. — Vai ser difícil no começo. As lembranças são a parte mais difícil, eu acho, e há muito entre nós todos.

— Eu não sei se posso fazer isso. — eu admito, limpando meus olhos para ver uma visão embaçada de rímel manchada nas pontas dos dedos. Eu fungo e depois desejo não ter vindo.

— Teremos dias bons e dias ruins, como tudo mais. E se for demais, deixaremos por um tempo, por quanto tempo precisarmos. Podemos ir aonde você quiser. Não precisamos ficar aqui. Eu estou bem, desde que fiquemos juntos. Tudo o que importa é que você fique comigo. — Seus olhos procuram os meus enquanto nos abraçamos.

Eu vou ficar com ele. Daniel é onde é minha casa.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Eu quis você por muito tempo para não tê-la para sempre agora.

— Eu sou sua. — prometo-lhe.

— Você sempre foi minha.

O som de passos é abafado por uma voz que ecoa no espaço aberto. É ótimo dizer o mínimo, mas não consigo entender. Só posso ver dois homens entrando no saguão.

— Addison. — diz um deles, pegando-me de surpresa. Demoro muito tempo para perceber que é Jase. Eu quase choro quando o vejo. Ele se parece muito mais com Tyler do que Daniel. Eles sempre se pareciam. Daniel aperta mais forte em mim quando minha voz falha.— Jase.

Eu limpo minha garganta quando Jase está naminha frente.

— Você parece tão diferente. – Jase me diz.

— Você não. — eu digo rapidamente, mas depois retiro. — Quero dizer sim, mas você não parece.

Ele sorri para mim e passa o dedo indicador e o polegar sobre o queixo.

— Engraçado, eu não me lembro de você ser tão tímida.

Eu só posso dar de ombros; Não confio em mim para falar e mal consigo manter contato visual, pois lembro de todas as memórias juntas. Jase e Tyler eram próximos. O mais próximos. E a menos que Tyler quisesse privacidade, Jase estava lá. Como um irmão irritante.

Parte de mim ainda está ciente de que estou segurando Daniel com um aperto nos nós dos dedos. E essa parte de mim quer deixar ir, para que eu possa abraçar Jase.

— É bom ter você em casa. Todo mundo pensa assim também, confie em mim.

— Você... — Eu vacilo e pego preocupada no bolso da calça jeans, com a mão não sendo segurada firmemente por Daniel. Todas as perguntas que tenho estão implorando para sair de uma vez.

Você me odeia por deixá-lo?

Você me culpa pelo que aconteceu?

Você me perdoa? — Essa é a que permanece. Essa é a única que importa. — Eu sinto muito… — Eu começo a dizer, mas as palavras estão manchadas com um pequeno grito.

— Addison. — Uma voz à minha direita me assusta antes que eu possa reunir forças para arriscar um pedido de desculpas. — Então, como você o trouxe de volta para cá? — Uma voz profunda me pergunta e eu sei imediatamente que é Declan.

Daniel me puxa para mais perto, plantando um pequeno beijo na minha têmpora na frente de ambos enquanto paramos no vestíbulo. É demais, mas nenhum deles parece surpreso. Nenhum dos irmãos está olhando para mim como se algo estivesse errado.

Como se eu não fosse um lembrete do que eles perderam. Não é uma estranha. Não é uma inimiga.

Meus lábios se separam e não tenho certeza do que dizer, mas sou grata. Sou muito grata por ser bem-vinda. E que eu possa vê-los novamente.

Eu nunca pensei que faria.

— Onde está Carter? — Daniel pergunta a Declan, passando o braço em volta da minha cintura e me puxando mais um pouco, mas ainda assim fácil e casualmente. Seu polegar se prende no meu jeans e acaricia suavemente meu quadril enquanto ele fala com os dois irmãos.

Eu tento não torná-lo estranho.

É preciso tudo em mim para não chorar ao ver os dois.

Fico surpresa quando Daniel afrouxa seu domínio sobre mim e o que quer que eles estejam falando pára.

Fico ainda mais surpreso quando Jase se aproxima.

— É bom ver você, Addie. — diz Jase e me abraça com tanta força que Daniel tem que dar um passo atrás. Finalmente, solto minha mão quando Jase me puxa para ele. Faz muito tempo que alguém me chama de Addie. Todos eles chamavam naquela época. Todos eles, exceto Daniel. Eu sempre fui Addison para ele.

O abraço é de curta duração e ainda estou entorpecida com o choque de tudo quando Daniel pede um minuto. Assim que seus irmãos se afastam, pressiono minhas mãos nos olhos e tento me acalmar. É emocionalmente desgastante ver aqueles que lamentaram porque pensaram que os haviam perdido para sempre.

— Eu estou bem. — digo a Daniel fracamente enquanto ele esfrega minhas costas.

— Eu prometo que eu vou amar você para sempre. — Daniel sussurra as palavras que me assustam. Palavras que ameaçam tirá-lo de mim um dia. Hesito em dizê-lo de volta e ele acrescenta. — Fique comigo.

É um apelo dos lábios de um homem que poderia me destruir.

Às vezes, quando você entra na escuridão, em um lugar cheio de coisas que o aterrorizam do passado e o que o assombrará para sempre no futuro, você tem uma sensação doentia que toma conta de você.

Como quando você sabe que coisas ruins estão chegando.

— Eu também amo você. — eu sussurro para Daniel e o deixo pegar na minha mão.

Ele aperta levemente enquanto eu passo mais na propriedade Cross.

Está bem iluminado, mas não me engana. A escuridão está aqui.

Há uma certa sensação na boca do estômago. Eu senti isso quando Tyler me levou para sua casa todos esses anos atrás.

É uma sensação de que você está fazendo algo errado. Algo que você sabe que não deveria, mas tenta e sussurra todas as coisas certas; promete que você deveria estar aqui.

Não muito diferente do que senti desde o momento em que conheci Daniel. Essa força de precisar estar com ele. De saber que eu deveria ser dele o tempo todo.

Mesmo que o simples pensamento de ser dele fosse suficiente para me arrepiar cada vez que ele ousava respirar perto de mim.

Esse sentimento deve avisá-lo, mantê-lo seguro.

Daniel beija a parte de baixo do meu pulso enquanto deixo o sentimento passar por mim.

Às vezes esse sentimento é aterrorizante.

Às vezes esse sentimento é a nossa casa.

IMPLACÁVEL

Carter

Eu não estou acostumado com a ansiedade correndo no meu sangue.

Mas os tempos mudaram e até que essa merda seja resolvida, eu vou estar no limite.

Preciso de toda a ajuda que conseguir.

E, a julgar pela maneira como Daniel não consegue tirar os olhos de Addison, ele não está de mente sã.

Mas o importante é que ele voltou.

Daniel estica o pescoço para olhar para mim de onde ele está sentado com ela na sala.

Addison Fawn. Nunca pensei em vê-la novamente. Eu pensei que a perdi quando perdi meu irmão.

— Você tem um minuto? — Eu pergunto, chamando a atenção deles. Addison olha entre Daniel e eu, e eu lhe dou um sorriso fácil. Eu mal falei com ela, mas é apenas por causa de todo o resto. A guerra que está começando. É isso que me chama a atenção. E quem quer que tenha decidido se meter conosco. Quem decidiu tocar em Addison e sacanear com Daniel.

É apenas uma questão de tempo até sabermos quem. Embora o pensamento de Marcus estar envolvido envie um calafrio através do meu sangue.

Daniel estremece quando se levanta, lembrando-me do tiro e reacendendo a raiva dentro de mim. Ele se dobra na cintura para beijar Addison. Meus olhos ficam nela, notando como ela se afasta um pouco, mas a mão dele na parte de trás do pescoço dela a

mantém lá. Seus olhos de corça olham de volta para ele e ele esfrega a ponta do nariz contra o dela. E então ela estende a mão para beijá-lo desta vez.

Não sei o que ela fez com meu irmão, mas faz muito tempo desde que eu o vi se preocupar com algo além de si mesmo.

É um bom olhar para ele.

— Eu estava me perguntando quando você viria atrás de mim. — Daniel diz enquanto voltamos para o escritório. Eu o mantenho à vista, enquanto ele olha por cima do ombro para vê-la.

— Você acha que ela vai fugir? — Eu pergunto brincando, mas isso apenas faz sua expressão endurecer. Talvez ele ainda esteja cego. Mas é óbvio que ela o ama. Também era óbvio há cinco anos.

O silêncio nos acompanha até eu fechar a porta do escritório com um clique alto.

Daniel se senta na frente da mesa grande e, em vez de sentar na frente dela, eu me sento em frente a ele, sentindo o couro marrom gasto sob minhas mãos.

— Eu preciso desse pacote. — Digo a ele e espero pelo que quer que seja. Ele já está aqui há horas, mas Addison precisava dele por um tempo. Eu poderia pagar por ele.

Com um aceno de cabeça, Daniel tira o envelope do bolso de trás. Meus dentes rangem um contra o outro. Centenas de milhares de dólares em negociações e uma guerra entre traficantes estão em jogo sobre o que diabos os Romanos estão nos oferecendo.

E é apenas um envelope fino, dobrado e amassado no centro.

Nossos dedos roçam quando ele me entrega, mas ele não deixa.

Com o braço estendido, olho para meu irmão, esperando o que ele tem a dizer, mas nada vem. Um segundo passa e ele o solta, sentando-se na cadeira, mas ainda sem dizer uma palavra.

— O que aconteceu com você? — Pergunto a ele. Desde que Tyler morreu, Daniel tem sido uma casca de quem ele já foi. Até recentemente. Até que ela voltou e o trouxe com ela. Eu também tenho por razões que ninguém sabe, mas sou muito bom em esconder isso.

— Ela o faz lembrar de Tyler? — ele me pergunta.

— Ela me lembra de como você era quando ele morreu. — respondo sem pensar. E é verdade. —Você estava prestes a seguir um caminho ou outro naquela época, mas parece que você voltou.

— O que você que dizer?

— Eu pensei que você ia cuidar dela naquela época. — Eu mordo minha língua, me perguntando se deveria contar a ele o que Jase me disse quando Addison terminou com Tyler. Quando ela se despediu, ela mal podia olhar para Tyler. Em vez disso, ela continuou olhando para o quarto de Daniel.

Todo mundo sabia como Daniel se sentia por ela. Ela tinha apenas dezessete anos e tínhamos coisas melhores e maiores para nos preocuparmos. Mas naquele dia era mais do que óbvio por que ela estava indo embora.

Apenas os três foram cegos a isso.

Daniel balança a cabeça como se o que eu estou dizendo fosse ridículo. Mesmo depois de todos esses anos, ele não consegue admitir.

— Não importa. Você voltou e ela está com você. Eu não me importo com mais nada e ninguém mais.

Fico quieto por um longo momento e Daniel passa a mão pelo rosto, deixando a cabeça cair para trás e olhando para o teto antes de respirar fundo. A memória de Tyler e o olhar patético no rosto

de Daniel força um vício a apertar meu coração. Eu odeio isso. Eu odeio a dor do nosso passado mais do que qualquer outra coisa.

— Você acha que ele me perdoaria? — ele me pergunta.

— Tyler perdoou a todos — eu respondo rapidamente, pronta para livrar esse sentimento de ansiedade que corre no meu sangue. Ele era o único bom de nós. Claro que foi ele quem morreu jovem. — E Tyler queria que ela tivesse uma casa. Ter uma família.

Ele acena com a cabeça, embora demore um longo momento antes que ele olhe para mim.

— É bom demais para ser verdade. — diz ele suavemente, e eu sei o porquê.

— Você disse a verdade a ela?

— A verdade? – Ele pergunta como se eu não soubesse.

Só preciso olhar para o lado dele, onde ele levou um tiro para ele entender minha pergunta.

— Ela não tem ideia. Ela acha que foi aleatório. Uma coincidência.

— Foi Marcus? — Tenho um mau pressentimento, mas ele é a única pessoa a quem isso leva.

— Sim. — Sua resposta é rápida e encontrou uma raiva fervente que eu reconheço dele. Tem o irmão que eu conheço e amo. — Eu disse a ele sobre ela. Eu precisava da ajuda dele.

— Você contou a Marcus. A quem mais?

— Ele foi o único que eu disse. Tinha que ser ele ou alguém que ele contou.

— Por que você disse alguma coisa a ele? — Eu mantenho as acusações fora do meu tom. Daniel tem sido imprudente por Addison. Ele sempre foi, mas isso...

— Eu tinha a placa do carro e nada mais.

Meu polegar esfrega em movimentos circulares sobre o dedo indicador enquanto absorvo tudo.

Ele acrescenta.

— Eu não poderia perdê-la novamente. — Eu sei que ele poderia ter dito a Jase. Jase poderia ter procurado suas informações. Mas não o lembro disso. Ele se apega demais à culpa e eu apenas o recuperei. Eu preciso dele aqui... especialmente sabendo o que está por vir.

Não tenho nada além de silêncio, pois penso em qualquer motivo para Marcus vir até nós. Ele não é um homem que eu quero como inimigo, mas também não tenho certeza de que seja ele.

— Não era para acontecer assim. Isso nunca vai acontecer novamente. — Ele fortalece sua determinação e se inclina para frente, desafiando-me a objetar. Mas eu faço.

— E se ela o deixar de novo? — Pergunto a ele e ele olha para mim, seu peito subindo e descendo com determinação. — E se ela descobrir algo que não deveria?

Ele não diz o que eu espero que ele diga. Em vez disso, ele apenas responde: — Então eu vou segui-la.

Minha respiração me deixa lentamente, as palavras me falhando.

— Ela é minha. — ele diz como se nada mais importasse. E talvez não.

Eu aceno com a cabeça uma vez, terminando a conversa.

Os ponteiros do relógio no escritório são tudo o que posso ouvir enquanto corro minha miniatura sob a aba do envelope e olho para meu irmão. — Ela mudou você.

— Como assim? — Ele me pergunta. Mais uma vez, ele está na defensiva, e isso me faz sorrir. Eu gosto de vê-lo mostrando algo verdadeiro.

— É difícil fingir quando você faz algo por alguém que ama.

Seu olhar pisca para o envelope na minha mão e ele olha para ele enquanto diz: — Eu não vim aqui de coração para coração, Carter.

— Você não abriu? — Embora as palavras saiam com descrença, os cantos dos meus lábios se levantam com diversão. Ele está tão consumido por Addison que não se importou com a única coisa que venho perdendo o sono há semanas.

— Marcus disse que era uma mensagem do que está por vir. — ele me diz quando eu finalmente a abro. O papel rasga com facilidade e, por dentro, fico surpreso ao encontrar apenas uma foto quadrada de uma por uma polegada. Ele cai na minha palma e o jogo amassado sobre a mesa, depois viro o pequeno pedaço de papel fotográfico.

— Eu passei por tudo essa merda por isso? — Daniel pergunta, mas eu o ignoro, muito atraído pela imagem.

Traço a curva de seu rosto de porcelana. Deixei o polegar áspero percorrer a borda da foto enquanto observava seu lindo sorriso e a maneira como seus cabelos escuros são iluminados pelo sol na imagem.

Meu coração bate forte e não consigo ouvir o que Daniel está dizendo. Não consigo ouvir nada além da conversa que tive com Tony Romano no porão meses atrás. O homem que eu tenho evitado e o homem que procurou Marcus para entregar a mensagem em vez de me dizer a si mesmo.

O quarto mal iluminado, frio e escuro era tão implacável e imóvel quanto eu quando ele fez seu caso e eu o rejeitei.

Então ele começou a trocar coisas que não lhe pertenciam.

Com as mulheres, os Talverys estavam embarcando. Os inimigos dele. Ele queria que eu o ajudasse em uma guerra contra os Talverys e ele estava oferecendo a propriedade deles como pagamento. Não havia como eu aceitar.

— O que é? — Daniel pressiona, mal interrompendo minha memória.

— Um presente dos Romanos. — Não sei como as palavras saem fortes quando coloco a foto sobre a mesa. — Eles nos querem do lado deles nesta guerra que estão começando.

Lembro-me da sensação da faca pesada em minha mão quando a peguei da mesa e a esfaquei na madeira lascada na frente dele. A ponta afiada atingiu o papel na frente dele.

A foto da família inimiga.

— Se você me der uma mulher para começar uma guerra, é melhor que seja essa. — eu zombei em seu rosto. Lembro-me do cheiro rançoso de uísque e charutos quando dei as costas para ele, deixando a faca onde estava. Com a ponta dele apunhalando o ombro da filha do inimigo. O ombro da mão grande de seu pai estava apertado com força.

Seu orgulho e alegria, e um e único herdeiro.

Eu não achei que Tony tivesse coragem de levá-la e oferecê-la para mim.

— Um presente? — Daniel pergunta com as sobrancelhas levantadas e depois pega a foto.

— Sim. — eu respondo impaciente, rápido para esconder minha depravação.

A foto da única coisa que eu pedi, Aria Talvery.
— Em troca de uma guerra... ela é minha.

FIM